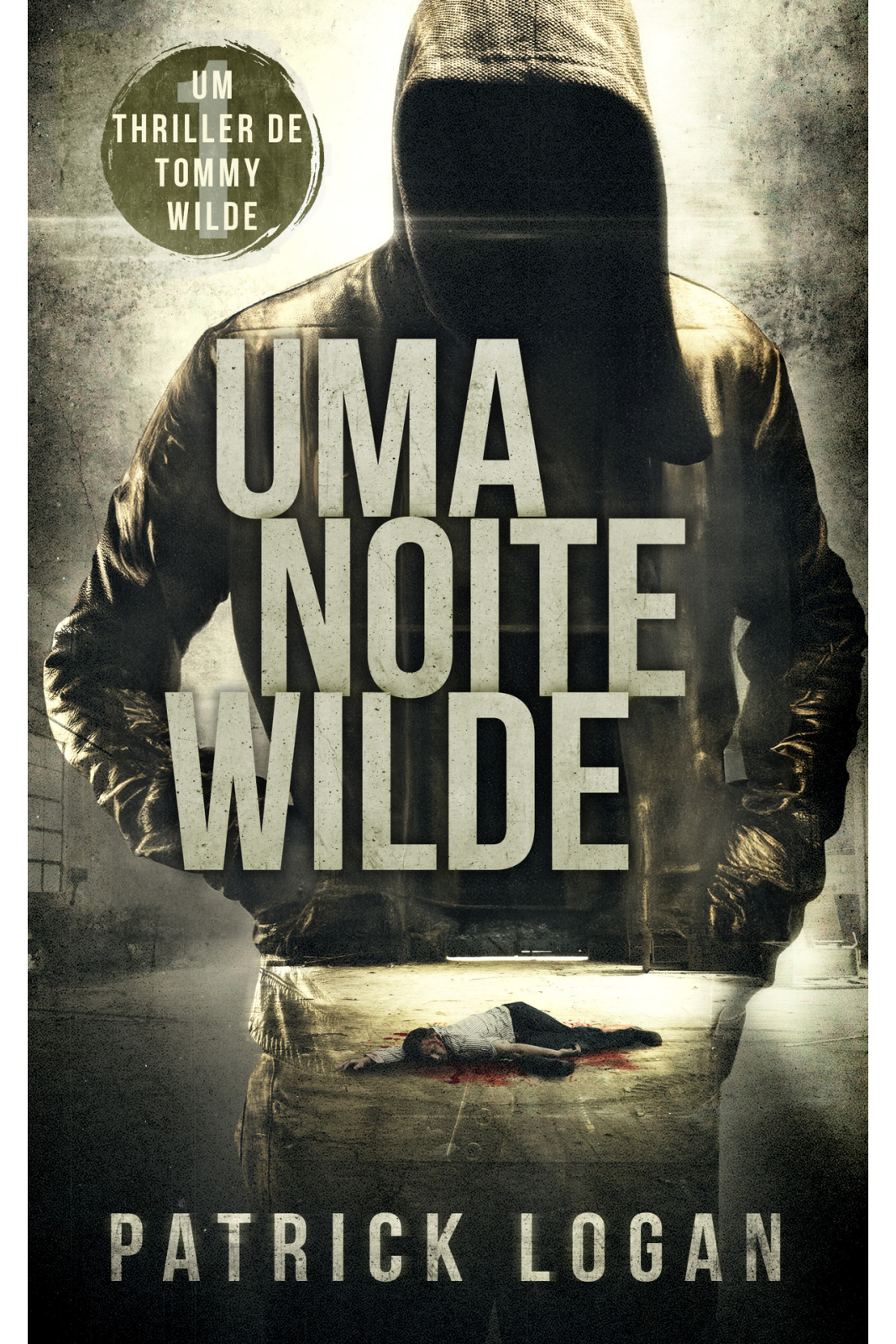




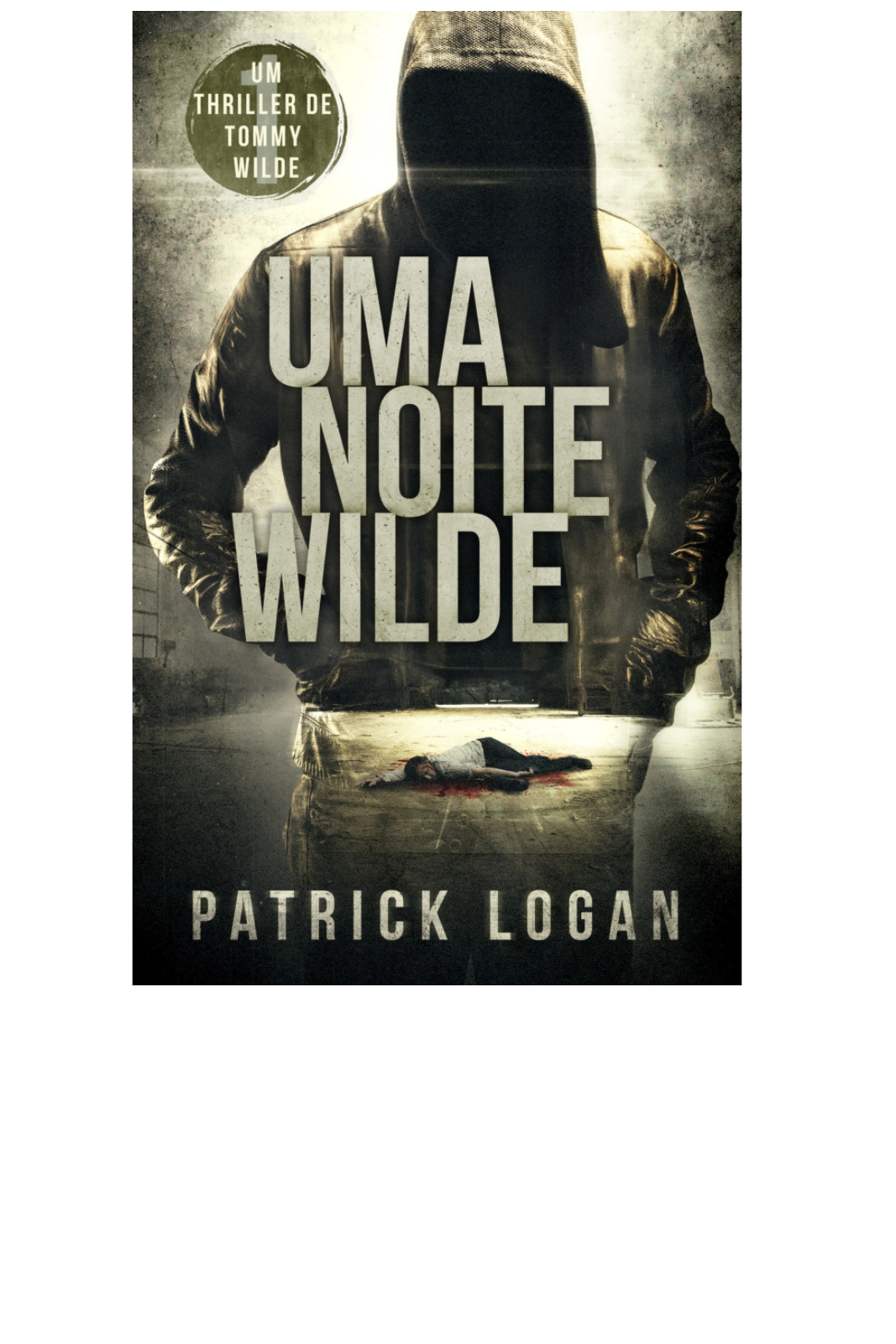
UM
THRILLER DE
TOMMY
WILDE

UMA NOITE WILDE

PATRICK LOGAN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



UM
THRILLER DE
TOMMY
WILDE

UMA NOITE WILDE

PATRICK LOGAN

Table of contents

1. Uma noite selvagem
2. Prólogo
3. PARTE I
4. O primeiro corpo
5. Capítulo 1
6. Capítulo 2
7. Capítulo 3
8. Capítulo 4
9. Capítulo 5
10. Capítulo 6
11. Capítulo 7
12. Capítulo 8
13. Capítulo 9
14. Capítulo 10
15. Capítulo 11
16. Capítulo 12
17. Capítulo 13
18. Capítulo 14
19. Capítulo 15
20. PARTE II
21. Inquisição
22. Capítulo 16
23. Capítulo 17
24. Capítulo 18
25. Capítulo 19
26. Capítulo 20
27. Capítulo 21
28. Capítulo 22
29. Capítulo 23
30. Capítulo 24
31. Capítulo 25
32. Capítulo 26
33. Capítulo 27
34. Capítulo 28
35. Capítulo 29
36. PARTE III
37. Os pecados dos outros
38. Capítulo 30
39. Capítulo 31
40. Capítulo 32

41. [Capítulo 33](#)
42. [Capítulo 34](#)
43. [Capítulo 35](#)
44. [Capítulo 36](#)
45. [Capítulo 37](#)
46. [Capítulo 38](#)
47. [Capítulo 39](#)
48. [Epílogo](#)
49. [FIM](#)
50. [Nota do autor](#)
51. [Duas Semanas Wilde](#)
52. [Prólogo](#)
53. [PARTE I](#)
54. [As histórias dos mortos](#)
55. [Capítulo 1](#)
56. [Outros livros de Patrick Logan](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)



Inscreva-se no meu boletim informativo *sem spam* para ficar por dentro dos novos lançamentos, participar de concursos especiais e receber descontos exclusivos.

Basta direcionar seu navegador para www.PTLBOOKS.com para começar!

Além disso, não deixe de conferir meu grupo no Facebook para discutir meus livros e qualquer coisa relacionada a terror ou suspense:

www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/

Uma noite Wilde

Um thriller de Tommy Wilde

Livro 1

Patrick Logan

Uma noite selvagem

Prólogo

PARTE I

O primeiro corpo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

PARTE II

Inquisição

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

PARTE III

Os pecados dos outros

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

FIM

Nota do autor

Duas Semanas Wilde

Prólogo

PARTE I

As histórias dos mortos

Capítulo 1

Outros livros de Patrick Logan

Uma noite selvagem

Prólogo

"Perdoe-me, pai, pois eu pequei". Tommy Wilde engoliu com força e lambeu os lábios antes de continuar. "Já se passaram oito anos e, *uhh*, muitos dias desde minha última confissão."

A voz familiar que o atendeu era plana e uniforme.

"Bem-vindo, Tommy. Que Deus tenha misericórdia de você e de sua confissão."

Tommy esfregou a ponte do nariz e respirou fundo. Sua mão esquerda latejava e todos os músculos de seu corpo doíam.

Ele não conseguia se lembrar de uma época em que estivesse tão exausto.

"Roubei algo que não deveria, pai."

Houve uma breve pausa.

"Você pode ser mais específico, meu filho? Lembre-se, Deus perdoa todos os que pedem".

De olhos fechados, Tommy foi cuidadoso na escolha das palavras.

"Temo que eu tenha transformado um grande problema em muitos pequenos. Temo que isso tenha sido desonesto, enganoso e, em algum nível, cometido um ato de profanação."

"Eu entendo, Tommy. Às vezes, mesmo quando tentamos fazer o que acreditamos ser certo, nosso objetivo fica um pouco aquém da meta. Isso faz parte do ser humano - afinal, Deus nos fez falíveis. Você está pedindo perdão por seus pecados?"

"Eu sou... eu desejo ser perdoado, pai".

"Embora seja importante pedir perdão por nossos erros, é igualmente importante evitar a tentação de pecados futuros. Isso é algo que você acha que pode fazer?"

Tommy mastigou a parte interna de sua bochecha.

"Não", ele respondeu honestamente.

O padre Miller deu uma risadinha.

"Boa resposta - a verdade é que seremos sempre tentados ao longo de nossa vida e é inevitável que voltemos a pecar. Mas às vezes... às vezes isso pode parecer fora de nosso controle. Embora possa parecer que nossos pecados são resultados das ações de outras pessoas, é importante lembrar que Deus Todo-Poderoso nos deu a capacidade de fazer nossas próprias escolhas na vida. Dito isso, podemos ocasionalmente nos sobrecarregar com a culpa dos pecados de outras pessoas. Pessoas próximas a nós. A família. Então, com isso em mente, pergunto-lhe o seguinte, Tommy: os pecados que você está

confessando hoje são resultado de suas próprias ações ou das ações de outra pessoa?"

A resposta de Tommy foi imediata.

"O meu próprio."

O padre Miller ficou em silêncio, o que Tommy interpretou como se o padre estivesse lhe oferecendo a oportunidade de mudar de ideia.

Ele não se sentiu compelido a quebrar o silêncio. Depois das vinte e quatro horas que acabara de passar, o silêncio era um alívio bem-vindo.

"Muito bem. Thomas Christopher Wilde, Deus, o Pai das misericórdias, por meio da ressurreição de Seu filho, enviou o Espírito Santo entre nós para o perdão dos pecados; por meio do ministério da Igreja, que Deus lhe conceda o perdão e a paz. Eu o absolvo de seus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

"Amém", respondeu Tommy enquanto fazia o sinal da cruz.

"Dê graças ao Senhor, pois Ele é bom. Deus abençoe você, minha filha."

Embora a confissão já estivesse completa, Tommy não saiu da cabine imediatamente. Em vez disso, ele encostou as costas na parede de madeira e respirou fundo. Ele poderia até ter adormecido por um momento antes que a voz do padre o trouxesse de volta ao presente.

"Tem mais alguma coisa te incomodando, Tommy?"

Tommy considerou isso.

"Pai, quantas vezes tenho de fazer isso? Confessar, quero dizer?"

O Padre Miller respirou fundo antes de responder.

"Enquanto você continuar a pecar, Tommy. Enquanto você sucumbir à tentação."

PARTE I

O primeiro corpo

Capítulo 1

Vinte e quatro horas atrás

"Meu pai me disse que a mancha mais difícil de tirar do carpete é a de sangue."

"É mesmo? Ele lhe ensinou isso?"

"Me *ensinou*? Ah, não, meu pai não me ensinou nada - nada de valor, pelo menos. Foi isso que ele me *disse*." Os olhos de Tommy estavam fixos na mancha marrom a seus pés enquanto ele falava.

"Como sempre, meu pai estava errado. As manchas de sangue são, na verdade, muito fáceis de serem removidas do carpete, desde que você as ataque antes que elas sequem. O problema é que, quando a polícia de Nova York libera a cena do crime para mim, ela quase sempre já está seca. Mas, para fins de argumentação, se você conseguir chegar ao local antes de o sangue secar? A melhor maneira de remover a mancha é primeiro enxugá-la com água fria. Água *fria*, não quente. Isso é muito importante porque a água quente fará com que o sangue se fixe, o que torna a limpeza mais complicada. No entanto, mesmo depois de seco, o sangue pode ser removido de quase todas as superfícies. Desde que você entenda *o que* está tentando limpar."

Dustin ergueu os olhos e olhou para Tommy, com uma expressão confusa no rosto.

"Como... sangue?"

Tommy assentiu.

"Claro, mas, mais especificamente, os componentes individuais do sangue. Para se livrar do sangue seco, você precisa primeiro remover mecanicamente os elementos coagulados - que são principalmente fibrinogênio - usando uma escova de aço." Enquanto explicava esse processo, Tommy demonstrou as etapas para Dustin, que observava com seriedade. "Mas é preciso ter cuidado para não esfregar com muita força, pois isso pode estragar o carpete. Na maioria das vezes, lido com carpetes de nylon baratos e eles são bastante resistentes - você pode simplesmente esfregar. Mas um carpete de lã caro? Prefiro um raspador de churrasco - não aquele quadrado grande, veja bem, mas aquele que parece uma escova de dentes. Isso leva mais tempo, mas os resultados geralmente valem a pena. Coloque-se no lugar do proprietário da casa, Dustin... você nos contrata, contrata a *Wilde Clean-up*, para remover qualquer sinal da morte de um ente querido, e

depois chega em casa e encontra um carpete rasgado exatamente do mesmo tamanho e formato de onde o sangue costumava estar? As pessoas que nos contratam, em sua maioria, só querem esquecer, Dustin. Não podemos deixar para trás um lembrete constante de sua perda."

"Sim, isso não seria bom."

"Não é nada bom". Tommy concordou com uma risada. "De qualquer forma, agora removemos mecanicamente os sólidos, mas você ainda tem essa mancha vermelha. Se você se lembra da biologia do ensino médio, sabe que a hemoglobina é responsável pelo pigmento vermelho do sangue. Mas o que eles não lhe dizem é que a hemoglobina só é vermelha porque é uma molécula *conjugada*. Quebre essa conjugação e a cor magicamente desaparecerá. É aí que entra o peróxido de hidrogênio, que é essencialmente água com uma molécula extra de oxigênio ligada a ela, o que a torna inerentemente instável. Quando o peróxido de hidrogênio entra em contato com outra molécula, neste caso a hemoglobina, ele a quebra, deixando para trás água e um radical livre. Esse radical livre quer desesperadamente um parceiro e, por isso, retira um átomo de hidrogênio da hemoglobina. Quando não está mais conjugada, a hemoglobina fica transparente. O problema é que o peróxido de hidrogênio também pode remover a tintura dos tapetes, deixando uma lembrança descolorida de... você adivinhou, sangue."

"Então, como você remove manchas de sangue de carpetes escuros?"

Tommy ficou surpreso com o fato de Dustin estar acompanhando a conversa. Não era que ele achasse o homem estúpido - *deliberado* era uma descrição mais apropriada -, mas essa era a terceira pessoa que ele contratava e a primeira cujos olhos não tinham ficado vidrados no meio da fala. O primeiro contratado estava interessado apenas no salário, enquanto Tommy tinha quase certeza de que o segundo estava se divertindo com a natureza macabra do negócio.

Não é preciso dizer que nenhum dos dois durou o período de experiência.

"Misturando uma colher de sopa de amônia com uma xícara de água morna. Se você trabalhar rapidamente, você..."

"Água morna? Achei que você tinha dito que água fria é melhor para manchas de sangue."

"Não, o que eu disse foi que você usa água fria em sangue *fresco*. Não faz diferença no sangue seco porque ele já formou um sólido. Você precisa prestar muita atenção, Dustin - os detalhes são muito importantes nesse negócio."

"Desculpe."

"Não precisa se desculpar. Eu entendo que tudo isso pode ser um

pouco complicado."

"Desculpe, quero dizer, tudo bem. Acho que parece um pouco difícil remover manchas de sangue, afinal de contas."

"Não é. Mas, por outro lado, a matéria cerebral? É muito difícil."

"Sério?"

"Realmente. Mas, como no caso do sangue, se você entender o que está *realmente* tentando remover, seu trabalho será muito mais fácil."

"Então, por exemplo, saber do que a matéria cerebral é realmente feita?"

Tommy sorriu. Dustin podia falar devagar e de propósito, mas definitivamente não era estúpido.

"É isso mesmo. Sabe, já ouvi algumas pessoas se referirem ao cérebro como carne elétrica, mas essa não é uma descrição precisa - não é carne. Na verdade, seu cérebro é composto principalmente de duas coisas: água e gordura. A água, bem, eu não deveria ter que lhe dizer como tirar água do carpete, mas a parte da gordura pode ser um pouco mais complicada. Dica profissional? Na maioria das vezes, itens domésticos comuns são sua melhor arma contra manchas difíceis."

"Como o peróxido de hidrogênio?"

"Certo. Mas isso é bom para o sangue, não para o cérebro. Para tirar a matéria cerebral do carpete, descobri que usar um ferro de passar e toalhas de papel é a melhor maneira. Transferência simples. Ao contrário do que acontece com o sangue, aqui o calor é seu amigo. Tudo o que você precisa fazer é colocar o papel-toalha sobre a mancha e aquecê-lo suavemente com o ferro. Isso fará com que a matéria cerebral gordurosa seja transferida do carpete para o papel-toalha."

Dustin se levantou de repente e começou a se dirigir à porta.

Tommy olhou para o jovem e franziu a testa ao pensar se não teria ido longe demais; ou a ciência era muito complexa ou o assunto era muito macabro. Ele tinha anos de experiência em separar seu trabalho da realidade, de transformar vítimas - pessoas, pessoas *reais* - em sujeitos. A despersonalização e a objetivação eram as chaves de seu sucesso.

Para sua sanidade.

Dustin, por outro lado, era novo em tudo isso. Tommy não estava tão cansado a ponto de não entender que limpar a casa de um homem que havia atirado fatalmente na própria cabeça poderia ser um pouco desgastante, para dizer o mínimo.

"Olhe, me desculpe se eu..."

"Não precisa se desculpar", disse Dustin rapidamente.

Tommy sorriu.

"Touché. Onde você está indo?"

"Para pegar um ferro de passar. Presumo que tenha um na caminhonete?"

"Eu tenho, mas você não vai precisar."

Dustin fez uma careta.

"Por que não? Eu pensei..."

"Porque isso -" Tommy fez um gesto para a substância cinza e farelenta no carpete. "- não é cérebro. Este é o meu jantar: aveia cortada em aço. A aveia, ao contrário da matéria cerebral, é composta principalmente de carboidratos. Agora, para tirar carboidratos do carpete..."

O telefone de Tommy tocou e ele imediatamente o tirou do bolso. Uma olhada no nome de quem estava ligando e ele não pôde deixar de franzir a testa.

"Merda."

"O quê? O que é isso?"

"É o meu irmão. Preciso levar isso. Você pode... você acha que pode ficar limpando um pouco? Não vou demorar muito. Prometo."

Capítulo 2

"Tommy? Tommy? É você? Eu realmente, realmente preciso de sua ajuda".

Tommy olhou por cima do ombro para Dustin, que estava esfregando avidamente o carpete com uma escova de churrasco. Ele deu as costas para o homem antes de responder.

"É claro que sou eu, Brian. Você ligou para o meu telefone. O que está acontecendo? O que aconteceu?"

Seu irmão gemeu.

"Brian?" Agora mais do que um pouco preocupado, Tommy se afastou da sala de estar e foi para a frente da casa. "Você está machucado?"

"Foi um acidente. Eu nem sequer... merda, isso é muito foda, Tommy. Você precisa me ajudar, cara. Você precisa. Eu não sei o que fazer. Eu realmente..."

"Devagar, Brian. Apenas pegue seu -"

"Porra, Tommy", Brian parecia quase histérico agora. "Não consigo me acalmar! Isso é..."

"Se estiver ligando de uma delegacia de polícia, Brian, mantenha a boca fechada", disse Tommy com firmeza. "Não diga nada até que seu advogado chegue lá."

"Advogado? Não, eu - Tommy, não é assim. Quero dizer, os policiais não estão aqui. Ainda não, pelo menos."

Essa palavra - *ainda* - causou um arrepio na espinha de Tommy. Ele olhou para Dustin mais uma vez para se certificar de que o homem não estava apenas fingindo estar limpando e, na verdade, escutando.

Mas o foco de Dustin parecia ser único: tirar a mancha de sangue do carpete.

Dez anos mais novo, com apenas 24 anos de idade, Dustin Wheeler era afilhado de um antigo professor com quem Tommy gostava de manter contato de vez em quando. Ele estava cético quanto à contratação do homem, pois ele tinha pouca experiência e apenas o ensino médio, mas, até agora, Dustin estava se saindo melhor do que os dois últimos.

E Tommy poderia usar a ajuda; enquanto a polícia de Nova York continuasse a indicar ele e seus serviços, ele poderia usar um parceiro competente. Tommy era bom em limpar bagunças - um dos melhores - mas era apenas um homem com tempo limitado... tempo que era dividido entre negócios e cenas de crimes pessoais, pelo menos era o que parecia.

"Tudo bem, Brian, só me diga uma coisa: você está seguro neste

momento?"

Brian fez um som, um cruzamento entre um grunhido e um gemido.

"Juro que foi um acidente. Eu não planejei isso. Eu não fiz nada. Você precisa acreditar em mim, Tommy. Eu não..."

"Puta que pariu, Brian, apenas me diga se você está seguro."

"Sim", Brian quase ofegou. "Sim, estou seguro."

"Tudo bem, então não diga mais nada. Apenas me diga onde você está, e eu irei buscá-lo. Você entendeu?"

Brian provavelmente entendia, mas isso não significava que ele daria ouvidos ao irmão mais novo.

"Eu não queria nada disso. Foi um maldito acidente, Tommy. Você precisa acreditar em mim. Um *acidente*. Você precisa me ajudar."

"É isso que estou tentando fazer. Apenas me diga onde você está!" O final da frase se tornou uma espécie de grito, e Tommy olhou para Dustin novamente. Seus olhares se cruzaram, mas o último voltou rapidamente a esfregar o carpete.

"Eu - ele tomou alguma coisa, eu acho... Eu não o empurrei, não com força, pelo menos, ele meio que caiu, sabe? Caiu de lado e começou a tremer e eu não..."

"Brian, cale a boca e me diga onde você está!"

"Eu teria pago a ele - eu queria, mas não tinha o dinheiro agora, sabe? As coisas estão apertadas... o aluguel é caro, cara. Não entendo por que..."

Tommy cerrou os dentes e apertou a ponte do nariz.

"Brian, me escute! Não posso ajudá-lo a menos que você me diga onde está. Me dê a porra de um alfinete ou algo assim!"

Brian limpou a garganta.

"Na igreja, Tommy. Estou na igreja."

"Ok, ótimo, fique aí. Estarei aí em dez minutos. Só não faça nenhuma besteira. Qualquer *outra coisa* estúpida."

Houve uma pausa, e Tommy afastou o telefone da cabeça com a intenção de desligar.

Mas Brian continuava sendo Brian e não conseguia manter a boca fechada.

"Eu não queria matá-lo, Tommy, você precisa acreditar em mim."

O frio na espinha de Tommy de repente se transformou em gelo em suas veias.

Ele desligou o telefone antes que Brian pudesse se incriminar ainda mais, mas o estrago já havia sido feito.

Dustin havia ouvido por acaso. É claro que o homem ainda estava trabalhando duro, mas com o telefone longe do ouvido, Tommy sabia que as palavras do irmão tinham sido transmitidas.

Ele ficou parado no lugar, incapaz de se mover, de engolir.

"Você... você está bem, Sr. Wilde?"

Tommy balançou a cabeça e se aproximou.

"Sim, estou bem", disse ele secamente. "Dustin, odeio fazer isso em sua primeira noite, mas realmente preciso ir - é uma... é uma coisa de família. Uma emergência. Meu irmão... bem, ele pode ficar um pouco excitado. Falar demais. Provavelmente não é nada, mas ele é da família, sabe? Tenho que acalmá-lo".

Tommy olhava atentamente para o rosto redondo de Dustin, concentrando-se em seus olhos cor de avelã enquanto ele falava. Ele tinha que dar crédito ao homem, sua expressão não revelava nada.

"Você quer que eu..." Dustin deixou a frase se arrastar e Tommy a terminou por ele.

"Continue esfregando. Não vou demorar mais do que uma hora. Se quiser, se ficar com fome, pode terminar minha aveia."

Dustin fez uma careta.

"Não tenho muito apetite, para ser sincero."

Tommy riu, mas isso foi só para mostrar. Para dizer a verdade, ele também havia perdido o apetite.

E ele não conseguia se lembrar da última vez que isso havia acontecido.

"Tudo bem, você se lembra de como tirar sangue do carpete?"

"Peróxido de hidrogênio", respondeu Dustin instantaneamente.

Tommy acenou com a cabeça e começou a se dirigir à porta.

"Sim, é isso mesmo, Dustin. Estarei de volta em uma hora."

E com isso, Tommy saiu de uma cena de crime e foi para outra.

Um que ele esperava que não exigisse a remoção de sangue ou cérebros do carpete.

Capítulo 3

Pela primeira vez, Tommy estava grato por sua van de trabalho não ter nenhuma marca. Quando ele começou a *Wilde Clean-up*, há seis anos, sua primeira grande aquisição foi um adesivo gigante com seu nome e logotipo, que ele afixou na lateral da van. Depois de apenas alguns trabalhos, no entanto, foi sugerido, de maneira não muito sutil, que a polícia de Nova York não gostava que ele divulgasse que um crime grave havia sido cometido no bairro. Tommy relutantemente removeu o adesivo e o jogou no lixo. Eles também imploraram que ele trabalhasse fora do horário de expediente para não levantar suspeitas, algo que ele levou a sério. Agora, Tommy preferia trabalhar à noite - era mais silencioso, mais calmo, mais relaxante. Não que isso importasse, é claro; não era preciso fazer propaganda de serviços de limpeza de cenas de crime para conseguir trabalho na cidade de Nova York.

Tudo o que você precisava fazer era estar na cama com a polícia de Nova York.

Você coça minhas costas, eu coço as suas.

Esse era o tipo de nepotismo que havia expulsado Tommy do meio acadêmico pouco depois de concluir seu segundo doutorado - bioquímica. O outro foi em genética.

Mas algumas coisas não podiam ser ignoradas ou evitadas, por mais que se tentasse. Pelo menos com a *Wilde Clean-up*, ele era seu próprio chefe. Ele podia aceitar os trabalhos que queria e recusar outros.

E agora, ao ver os três homens parados do lado de fora da *Our Lady of Assumption* fumando cigarros e fazendo sexo, Tommy mais uma vez elogiou sua decisão de remover o logotipo idiota.

Eu não queria matá-lo, Tommy.

Seu irmão tinha a mania de exagerar as coisas, mas havia algo no tom de Brian que sugeria que ele não tinha acabado de ser pego por intoxicação pública ou parado com um grama de maconha no bolso.

Desta vez foi diferente.

Tommy desligou a ignição a cerca de um quarteirão da igreja e apagou as luzes. Ele ficou sentado na escuridão por um momento, esperando para ver se alguma das pessoas do lado de fora da *Igreja Nossa Senhora* o notava. Quando elas continuaram a fazer suas coisas, que consistiam basicamente em nada, um pensamento lhe ocorreu.

Não se tratava apenas de crianças que saíam à noite. Eles tinham um propósito, um trabalho. O de amarelo era um observador, enquanto os dois de bermuda eram os "cabides" que queriam obter favores na esperança de obter produtos gratuitos.

Tommy os observou por mais alguns instantes para confirmar suas suspeitas.

Sim, é isso que eles são. E é por isso que Brian está aqui também.

O que ele não viu, no entanto, foi preocupante: o traficante de fato.

Maldito Brian. Eu lhe disse para ficar longe dessa merda. Você tem uma família, cara. Não jogue tudo fora...

Balançando a cabeça em sinal de desaprovação, Tommy tirou a carteira do bolso de trás. Depois de confirmar que sua chave de tensão em miniatura e as duas ferramentas mais comuns de arrombamento de fechaduras estavam escondidas, ele se voltou para o porta-luvas.

Na parte de trás da van, Tommy tinha dezenas de luvas de tamanhos diferentes para praticamente qualquer cena de crime com risco biológico que ele pudesse encontrar. Mas as que estavam no porta-luvas eram diferentes: eram mais finas, o que tornava seus dedos mais hábeis.

E, considerando o fato de que ele não tinha ideia de onde estava se metendo, Tommy achou que precisaria de qualquer vantagem que pudesse obter.

Ele colocou um par e estava prestes a fechá-lo quando viu um envelope desbotado escondido na parte de trás.

Depois de dar uma olhada furtiva ao redor, ele a puxou e abriu. Dentro havia uma pilha de centenas e Tommy passou o polegar pela parte superior delas. Satisfeito com o fato de que tudo ainda estava lá, ele fechou o envelope e o empurrou para o fundo do porta-luvas.

Antes de entrar silenciosamente na noite, Tommy tirou a jaqueta de couro desgastada e a colocou com cuidado no banco do passageiro.

O ar de Nova York estava frio, mas para um homem como ele, que normalmente tinha calor, achou-o refrescante. E, ao se dirigir para os fundos da igreja, o suor começou a brotar em sua testa.

Mas, embora seu corpo se sentisse bem, seu estado de espírito estava tendendo para a direção oposta. Parte dele achava que Brian estava apenas sendo Brian novamente, que isso acabaria sendo um erro exagerado.

No entanto, depois de ver os bandidos do lado de fora, Tommy pensou que Brian poderia ter realmente ido longe demais dessa vez, que ele havia ultrapassado a linha da qual você simplesmente não poderia voltar.

Tommy jogou o capuz do moletom sobre a cabeça e encostou o queixo no peito. Ele caminhou rapidamente em direção à cerca de arame que percorria toda a extensão do beco atrás da igreja e, em seguida, pulou-a em um movimento suave.

Ele aterrissou suavemente e permaneceu imóvel por vários momentos, para o caso de alguém nas casas em frente à igreja tê-lo visto.

As janelas continuavam escuras. Confiante de que não havia sido visto, Tommy atravessou o beco apressadamente, tomando o caminho bem usado que lhe era familiar. Cerca de três quartos da largura da igreja, ele encontrou o que estava procurando.

Depois de todos esses anos, o bloco de concreto que Tommy e Brian haviam colocado sob o vitral ainda estava lá. Agora estava desmoronando e os cantos estavam arredondados de todas as vezes que eles colocaram os pés sobre ele e se ergueram pela pequena janela acima, mas ainda era o bloco de concreto deles.

Ele tinha certeza disso.

Isso trouxe de volta uma enxurrada de lembranças, e Tommy fez o possível para mantê-las afastadas.

Trate isso como qualquer outro trabalho, ele se repreendeu.
Despersonalizar, objetivar.

Não funcionou.

Esse não era *um* trabalho *qualquer*.

Esse era seu irmão. Era Brian Wilde, seu irmão que era dois anos mais velho que ele, seu irmão que sempre parecia estar se metendo em problemas e chamando Tommy para pagar a fiança.

Maldito Brian.

Tommy colocou um pé no bloco de concreto e, em seguida, estendeu a mão para cima e agarrou a borda que estava a cerca de três metros do chão. Ele grunhiu e puxou. Quando estava na altura dos olhos da janela, usou o topo da cabeça para empurrá-la. Ela se abriu, como sempre fazia, e Tommy tentou se erguer. Foram necessárias três tentativas, mas, por fim, ele conseguiu se arrastar para dentro da igreja.

Estou engordando. Aveia demais.

O ar viciado que só podia ser produzido em bibliotecas e igrejas o atingiu e ele respirou o odor persistente da nostalgia. Embora estivesse completamente escuro dentro de *Nossa Senhora*, Tommy não precisou de sua lanterna para se locomover. Ele deslizou de costas pela prateleira de um metro e meio e depois se abaixou, preparando-se para o impacto.

Sua aterrissagem foi menos graciosa do que quando ele pulou a cerca, mas Tommy desceu com suavidade suficiente.

Ainda na escuridão total, ele fez uma contagem de seis à sua esquerda, seguida por quatro diretamente à frente.

Embora já tivessem se passado anos desde que ele havia pisado nessa igreja, ele ainda se lembrava do número exato de passos necessários para ir da janela até a porta. É claro que a ponta do tênis bateu na madeira antes de ele completar o quarto passo, mas ele atribuiu isso ao fato de seus pés terem crescido desde a última vez que ele entrou na igreja.

Tommy procurou a maçaneta e abriu a porta.

Agora que já estava suficientemente dentro da igreja para não temer ser visto, ele ligou a lanterna do celular. O corredor em que Tommy se encontrava era ladeado de ambos os lados por uma série de portas, mas ele não se incomodou com nenhuma delas.

Ele sabia que seu irmão não estaria escondido em um quarto qualquer.

Caminhando rapidamente, com a cabeça ainda baixa, Tommy chegou ao final do corredor e virou à esquerda. Ele passou por um quadro de avisos coberto de tudo, desde pôsteres de gatos desaparecidos até material de recrutamento do AA, e virou à esquerda novamente antes de parar no topo de um pequeno lance de escadas.

Tommy ficou parado por um momento, olhando para as portas duplas de madeira abaixo. A metade superior arredondada continha vitrais embutidos que eram tão antigos quanto a própria igreja. Representando o nascer do sol e uma pereira, Tommy sempre pensou que era um retrato bastante ruim - nenhuma das linhas era sequer reta. Ele se lembrava de ter pensado há muito tempo que, se essa era de fato a casa do Senhor, por que o grande homem não poderia ter contratado um artista melhor?

Uma sombra passou por trás da pereira e Tommy fez uma careta.
Maldito Brian.

Ele desceu apressadamente os degraus e abriu a porta - nem um segundo antes.

Brian Wilde, comprido, magro e forte, tropeçou e caiu sobre ele. Tommy agarrou seu irmão pelos ombros e o encarou diretamente no rosto.

"Não foi minha intenção, Tommy", choramingou o homem. "Jesus Cristo, foi um acidente. Você tem que acreditar em mim."

O olhar de Tommy passou pela cabeça do irmão e acabou pousando em algo que estava no chão do ginásio.

Um corpo.

No centro da grande sala estava o corpo de um homem, de bruços, com os braços e as pernas abertos em ângulos estranhos.

"Tommy, eu não..."

Tommy empurrou seu irmão para trás e começou a se aproximar do cadáver.

"Brian, o que você fez?", ele ofegou. "Que porra você fez dessa vez?"

Capítulo 4

Tommy correu até o corpo e pressionou dois dedos com luvas contra a lateral do pescoço do homem. Embora ele tivesse certeza absoluta de que o homem com o rabo de cavalo oleoso estava morto, parecia ser a coisa certa a fazer.

Suas suspeitas foram rapidamente confirmadas.

Em seguida, ele deu um passo para trás e observou a cena. Brian ainda estava tagarelando, tentando chamar sua atenção, tentando alegar ignorância e inocência ao mesmo tempo, mas Tommy o calou.

Despersonalize, objective. Mantenha o profissionalismo - essa é uma cena de crime como qualquer outra. Você está aqui apenas para limpar, nada mais, nada menos.

Mas por mais que ele tentasse se convencer de que esse era o caso, havia um pequeno detalhe que era impossível ignorar: nenhuma das cenas de crime para as quais ele havia sido chamado ainda tinha um corpo.

Quando a *Wilde Clean-up* chegou, o médico legista já havia levado o cadáver e a polícia de Nova York havia concluído a investigação.

Ainda assim, Tommy conseguiu se controlar por tempo suficiente para analisar o cadáver.

O falecido aparentava ter cerca de 30 anos, com um rabo de cavalo preto que pendia frouxo na parte de trás do pescoço. Ele usava um par de jeans escuros que pareciam de grife e uma camiseta preta simples cobria a parte superior do corpo.

Seus braços não tinham tatuagens e ele usava sapatos de direção de aparência cara. O homem tinha barba bem feita e feições normais. Além de uma pasta branca nos cantos de seus lábios claros, ele não apresentava ferimentos óbvios.

Não havia sangue nem sinais de trauma.

A única coisa a ser limpa era o próprio corpo.

Em sua capacidade profissional, Tommy esteve em mais de cem cenas de crimes que envolviam a morte de um ou vários indivíduos. Embora não fosse necessário fornecer a ele uma visão geral ou uma sinopse do que havia acontecido com essas pessoas, os dois policiais que indicaram seus serviços - os oficiais Marvin Pendergast e Scott "Scooter" Spencer - tinham problemas para manter a boca fechada. Como resultado, Tommy aprendeu muito sobre cenas de crimes. Com o passar do tempo, ele aperfeiçoou sua capacidade de tecer as circunstâncias que envolviam os últimos momentos do falecido na Terra, mesmo sem a participação dos policiais.

Em algumas ocasiões, quando Marv ou Scooter estavam muito

ocupados ou distraídos para fornecer a Tommy algo mais do que um nome e um endereço, ele fez exatamente isso. Alguns dias depois, ele procurava os nomes dos falecidos e lia seus obituários no noticiário local.

Suas recreações foram tão precisas que ele se assustou.

Embora Tommy tentasse ao máximo desligar essa parte de seu cérebro agora - não importava como esse homem havia morrido, apenas que ele havia morrido, e na presença de seu irmão -, isso era tão impossível quanto ignorar o choro de Brian.

Este... este é o traficante de drogas cujo observador está lá fora. Ele veio aqui para vender ao Brian e algo deu errado.

Tommy pensou no que o irmão havia dito ao telefone - ele *pegou alguma coisa, eu acho... Eu não o pressionei, pelo menos não com força* - e incorporou isso à sua narrativa.

O crupiê confrontou Brian e lhe disse que, se ele quisesse marcar pontos, teria que pagar sua conta primeiro. Brian implorou, suplicou e então... então algo deu errado.

Tommy coçou o queixo.

O quê? Não, não podia ser isso - Brian ainda estava de pé e moderadamente coerente, nada menos. Ele admitiu ter empurrado o homem, mas não havia sinais de uma briga violenta.

"Que porra é essa, Brian? O que aconteceu aqui?" perguntou Tommy, finalmente respirando fundo.

Brian escolheu esse momento para ficar em silêncio, e Tommy se virou para olhar para o irmão. O homem imediatamente ergueu as mãos defensivamente, que estavam tremendo um pouco.

"Como eu disse, Tommy, não foi um acidente. Eu nem sequer..."

Tommy deu um passo em direção ao irmão e o homem se encolheu.

"Você estava tentando comprar drogas desse cara, não estava?", acusou ele.

"O quê? Não. Não, não, eu só..."

Tommy deu mais um passo na direção do irmão.

"Certo, tudo bem, ele trafica drogas, mas não para mim. Eu não faço mais isso. Eu só, eu só, eu só, eu só, eu o conhecia de antes e concordei em encontrá-lo aqui só para, só para, você sabe..."

"Não, eu não sei, Brian. Esse é o problema. Não sei que porra você está dizendo. Foi um acidente, você não queria fazer isso, você não sabe o que aconteceu? Qual deles é?"

"Tommy, por favor, isso é - isso é estressante para mim, ok? Como eu disse, eu não..."

Tommy estendeu a mão com suas luvas pretas e agarrou o irmão pela frente do moletom.

"Estressante? *Estressante?* Controle-se, Brian!", ele sibilou. "Respire fundo, como o Padre Miller nos ensinou. Respire fundo três vezes.

Respire."

Os olhos de Brian se arregalaram e ele tentou se afastar, mas Tommy se manteve firme.

"Respire fundo, Brian."

Tommy observou o irmão fechar os olhos e, em seguida, seu peito estreito se expandiu e contraiu três vezes. Quando as pálpebras de Brian se abriram novamente, ele parecia um pouco mais lúcido do que antes.

"Está se sentindo melhor agora?"

Brian assentiu vigorosamente com a cabeça.

"Ótimo. Então me conte o que aconteceu".

"Eu vim aqui e..."

"Não, conte-me como você conheceu esse homem. Comece do início".

Tommy soltou o irmão e, dessa vez, quando Brian fechou os olhos, eles permaneceram assim enquanto ele falava.

"Eu o conhecia de algum tempo atrás, quando ainda usava", admitiu, sua voz assumindo uma estranha qualidade de sonho. "Ele me mandou uma mensagem, dizendo que queria se encontrar comigo. Que tinha algo que precisava me contar. Um negócio ou algo assim."

Ele está mentindo. Ele ainda está mentindo, porra.

"Ele mandou uma mensagem para você?"

"Sim, sim, ele me mandou uma mensagem."

"Diga-me que ele só tinha o número do seu gravador, Brian. Por favor, diga-me que você não deu a ele seu número de telefone verdadeiro."

"É claro, esse é o número que ele tinha. Meu telefone fixo. Não é o meu outro telefone, o verdadeiro."

Os olhos de Brian se abriram. Eram selvagens, sem amarras.

"Tudo bem, então ele pediu que você se encontrasse com ele, e depois?"

"Eu disse que poderia encontrá-lo em meia hora."

Tommy desviou o olhar de Brian e observou os arredores. Eles estavam em um grande auditório que servia como um espaço multiuso. Quando eram crianças, o Padre Miller levava uma rede de basquete pelas escadas e permitia que eles jogassem basquete entre os cultos, desde que Tommy e Brian ajudassem a arrumar os bancos depois. À direita deles havia três cabines de confissão e, no topo da sala, não muito longe de onde estava o corpo do traficante, havia um altar. Acima dele havia uma cruz sobre a qual estava pendurado um Jesus de plástico em tamanho natural. A maior parte do quadril esquerdo de Jesus estava faltando e havia uma rede de rachaduras no plástico, ou gesso, ou seja lá do que o filho do Senhor era feito, que ia do tornozelo esquerdo até a axila esquerda.

Jesus estava em péssimas condições desde que eram crianças. Mas, independentemente de sua condição, naquele momento, os olhos do homem pareciam estar cravados neles, julgando-os da maneira que somente Ele poderia fazer.

Tommy engoliu com força e voltou sua atenção para Brian.

"Por que aqui? Por que você sugeriu que nos encontrássemos aqui, Brian?"

"M-me?" Brian balançou a cabeça. "Não, ele queria se encontrar aqui."

Tommy envolveu a mão com tanta força na camisa do irmão que a gola começou a se esticar.

"Está bem, está bem, eu sugeri. Foi o único lugar em que consegui pensar, Tommy. Não achei que seria um grande problema."

Tommy o soltou e apertou sua testa.

Não é nada demais? Você conheceu um traficante de drogas em um lugar que tem um significado importante para você - para nós - e agora ele acaba misteriosamente morto? E com seu histórico, isso não é nada demais?

"Você já o encontrou aqui antes?"

Os olhos de Brian caíram para o chão.

"Não, nunca. Eu nunca..."

"Você está mentindo", acusou Tommy. E com isso, ele começou a se dirigir à porta.

"Tommy? Para onde você está indo? Por favor", suplicou seu irmão.

"Eu preciso de você. Preciso de sua ajuda. Por favor, vá... não vá embora."

Tommy continuou andando. Quando ele alcançou a grande maçaneta de latão, seu irmão finalmente admitiu sua mentira.

"Uma vez, mas isso foi há três anos, talvez até mais. É isso aí. Eu juro, Tommy. Por favor, não me deixe."

Tommy suspirou e se virou.

"Se você mentir para mim novamente, Brian, vou deixá-lo aqui para lidar com essa merda sozinho. Vou fingir que nunca estive aqui. E quando os policiais o pegarem e você me ligar para conseguir um advogado ou para lhe dar dinheiro para a fiança, vou simplesmente desligar na sua cara. Está me entendendo?"

"Sim, sim, eu entendo. Não vou mentir, preciso de sua ajuda. Não podemos deixar esse corpo aqui. O Padre Miller estará aqui pela manhã e ele não pode - o corpo não pode estar aqui. O que vamos fazer com ele?"

Tommy pensou no observador e nos viciados que estavam do lado de fora, esperando pelo traficante.

"Vamos chegar a esse ponto. Mas agora, preciso saber quem veio aqui primeiro e como vocês entraram. Presumo que o Padre Miller

ainda feche as portas por volta das dez?"

Brian acenou com a cabeça.

"Sim, ele ainda tranca tudo à noite. Cheguei aqui primeiro e entrei pela janela, como fazíamos quando éramos crianças. Como você fez agora, eu acho. Depois, dei a volta pela frente e destranquei a porta."

Tommy registrou tudo isso e incentivou seu irmão a continuar.

"Depois de destrancar a porta da frente, vim até aqui, só para ter certeza de que o padre Miller não estava por perto. Foi quando Oscar entrou - pelas portas da frente."

Oscar... o cadáver agora tinha um nome.

Despersonalizar, objetivar.

"Eu lhe disse que não tinha muito tempo, que tinha de voltar. Ele disse que tinha uma ideia de negócio e então... e então, porra, ele começou a tremer. Perguntei o que havia de errado, mas ele não conseguia falar... simplesmente caiu."

A sobrelha de Tommy se franziu.

"Ele entrou no ginásio por aquelas portas e imediatamente começou a tremer? Depois caiu? É isso que está me dizendo?"

"Sim. Eu sei que é estranho, mas é a verdade."

Tommy olhou para a porta e depois para o corpo que estava no centro da sala.

"Então esse cara, esse *Oscar*, se arrastou até aqui? Ele estava tremendo e caiu... e engatinhou seis metros? É isso que está me dizendo?"

E em que momento você o empurrou, Brian? Tommy pensou, mas não disse.

Os olhos de seu irmão se arregalaram.

"O quê? Não...", ele suspirou. "Eu o trouxe até aqui, Tommy."

Tommy fez uma careta.

"Por que diabos você faria isso?"

"Porque as malditas portas não fechavam, é por isso, Tommy. Achei que alguém poderia entrar e vê-lo ali."

Então, você contaminou o corpo com seu DNA, suas impressões digitais? Droga, Brian, você não pode usar seu cérebro de uma vez?

A história que Tommy estava montando em sua mente era muito diferente da que Brian acabara de lhe contar.

E, embora seu irmão tivesse chamado a atenção para o fato de ele estar mentindo, isso não era o que mais incomodava Tommy: a verdadeira questão era o que eles teriam de fazer em seguida.

Mesmo que Brian não tivesse tocado o corpo, alguém sabia que o traficante estava aqui - os caras do lado de fora, por exemplo. E com o histórico de Brian neste lugar e seus crimes relacionados a drogas, até mesmo um policial de ronda provavelmente acabaria descobrindo a conexão.

Afinal de contas, Brian já havia sido preso não uma, mas duas vezes, em *Our Lady of Assumption*.

E as duas vezes foram por causa de drogas.

O principal medo de Tommy agora era que, se o irmão fosse preso novamente, sua liberdade condicional seria revogada.

Ele olhou para o corpo mais uma vez, para os membros retorcidos de Oscar, sua pele pálida.

Acidente ou não, Brian estava prestes a cumprir uma *séria* pena de prisão. E ele não era como o pai deles; ele não poderia ficar na prisão - ele não duraria um único dia atrás das grades.

"Tommy?" Brian choramingou.

Tommy ignorou o irmão e deixou seus olhos vagarem sem rumo pela sala, procurando uma maneira de sair dessa situação difícil. Depois de mais ou menos um minuto, um plano começou a se materializar em sua mente.

Era arriscado, mas poderia funcionar.

"Tommy? O que vamos fazer, cara?"

Nós? O que vamos fazer?

Tommy deu três passos em direção ao cadáver e Brian o seguiu.

Enquanto olhava para os olhos vazios do homem morto, ele limpou a garganta e disse: "*Vamos nos livrar do corpo*, Brian - o corpo e as evidências. E então você vai ficar de boca fechada e vamos fingir que isso nunca aconteceu. Você entendeu?"

Capítulo 5

"Você está se contorcendo", comentou Tommy.

Os olhos de Brian se arregalaram tão rapidamente que passaram um pouco de sua marca antes de retornar ao local desejado.

O homem estava sentado na lateral do auditório, com os cotovelos sobre os joelhos e o pé direito batendo incessantemente. A cada poucos segundos, o ombro, o pescoço ou a perna de Brian tinha um espasmo.

"Eu só preciso de um drinque ou algo assim. Isso é tão... tão *estressante*."

Tommy odiava o uso da palavra pelo irmão. Ela soava banal, comum.

E a situação atual deles não era nada disso.

"Um drinque?"

A última coisa de que qualquer um deles precisava agora era de álcool para atrapalhar ainda mais seu julgamento.

"Sim, alguma coisa..."

Brian lambeu os lábios e parecia que queria dizer mais alguma coisa, mas decidiu não fazê-lo no último momento.

Ele voltou a olhar para o chão.

E se contorcendo.

A cada poucos segundos, Brian se contorcia.

Uma aventura de negócios, uma ova.

Se fosse qualquer outra pessoa mentindo para ele, como Brian havia feito, Tommy a teria dispensado sem hesitar.

Mas era seu *irmão*, era *Brian*, e ele estava em dívida com ele.

Devia tudo a ele.

Poderia muito bem ter sido ele sentado no chão, e não o contrário.

Quando o corpo tivesse desaparecido, quando esse pesadelo tivesse acabado, ele desafiaria Brian. Forçá-lo-ia a admitir o que realmente aconteceu aqui e lhe daria a ajuda de que precisava desesperadamente.

Tommy olhou para o Jesus de plástico na parede.

"Você está bem, Brian? Porque eu não posso fazer isso sozinho. Não posso, não vou."

Brian estava respirando como se estivesse sentindo uma dor incrível, mas concordou com a cabeça.

"Sim, vamos acabar logo com isso."

"Bom, então quero que faça o seguinte: você conhece o armário de utilidades? Aquele em que o Padre Miller guarda os suprimentos?"

Brian acenou com a cabeça.

"Sim, sim, eu sei."

"Certo, no armário de utilidades, procure por vestes sobressalentes - vestes de sacerdote. Se não as encontrar, pegue qualquer roupa velha, macacão, moletom, o tipo de coisa que um pintor ou reparador possa usar. Entendeu?"

"Sim."

Tommy limpou a garganta e inclinou a cabeça para um lado.

"Também quero que você pegue uma serra, um pouco de fita adesiva e uma barra de alavanca ou algo que possa ser usado como uma barra de alavanca."

Como ele esperava, os olhos de Brian se arregalaram durante essa última parte.

"Oh, porra, Tommy? De verdade? Uma serra? Acho que não..."

Tommy sabia que esse era o ponto de ruptura. Se Brian vacilasse agora, eles poderiam muito bem chamar a polícia e se entregar. Porque o que ele havia dito antes era verdade: ele não conseguiria fazer isso sozinho.

Nem deveria ser necessário.

"Brian, faça o que estou pedindo. Se você quiser ficar fora da prisão, faça exatamente o que eu disser. Pegue as vestes, as roupas e a serra. Faça isso."

Brian começou a hiperventilar.

"Brian! Faça isso agora!"

Chocado com sua súbita mudança de tom, Brian se levantou rapidamente.

"Vá!"

Brian gemeu, mas saiu correndo do quarto. Sozinho agora, Tommy se voltou para a estátua de Jesus rachada com olhos assustadores.

"Sinto muito por isso, pai", disse ele. "Mas não tenho outra escolha."

Com isso, Tommy fez o sinal da cruz e subiu ao altar.

Embora a estátua estivesse a uns dois metros de altura, Tommy era um homem alto. Ficando na ponta dos pés, ele descobriu que podia alcançar e agarrar os pés de plástico de Jesus. Ele fez isso com as duas mãos, segurando os calcanhares com força e depois empurrou para cima.

A pesada cruz de madeira estava presa à parede dos fundos da igreja com parafusos, mas o Jesus de plástico estava simplesmente pendurado nela com um arame equilibrado em uma série de parafusos.

Tommy levantou o arame dos parafusos e, em seguida, abaixou Jesus lentamente, permitindo que as costas do homem deslizassem contra a cruz durante a descida. Quando a estátua estava suficientemente baixa, Tommy pressionou as pernas de plástico contra seu peito e soltou seus pés. Em seguida, ele a agarrou pela cintura em

um abraço de urso, pediu desculpas mais uma vez e se preparou.

Com um grunhido, Tommy levantou Jesus da cruz e caminhou em direção à borda do palco. A estátua era oca e leve, mas ainda assim era difícil de ser carregada por uma pessoa. Ela também era maior do que ele imaginava, o que era uma coisa boa.

Sem conseguir ver direito para onde estava indo, Tommy tropeçou na borda do altar, mal conseguindo se segurar antes de cair. Jesus cambaleou, mas apertou ainda mais e acabou se estabilizando.

Com um suspiro de alívio, ele continuou até o centro da sala. Outra série de grunhidos e Tommy colocou Jesus de plástico ao lado do cadáver.

O estatuto sagrado era alguns centímetros mais longo que o Oscar, mas isso era melhor do que o contrário. Ela também estava surpreendentemente em escala.

Outra vantagem.

"Tommy?"

Tommy se virou e viu Brian parado na porta, com uma caixa grande nas mãos.

"Que diabos você está fazendo?"

Tommy ignorou a pergunta.

"Você encontrou o material?"

Os olhos de Brian foram para o Jesus de plástico e Tommy recuperou a atenção do irmão estalando os dedos.

"Brian, concentre-se! Você pegou o material? Brian? Terra para o maldito *Brian!*"

Brian deixou a caixa cair e ela se espatifou ruidosamente no chão. Tommy reconheceu o cabo de uma serra azul saindo da caixa e o brilho de prata que a acompanhava.

"Não posso fazer isso, Tommy", choramingou Brian. "Não posso cortar um corpo."

Tommy rangeu os dentes.

"Não vamos cortar o corpo aqui, Brian."

Isso pareceu acalmar seu irmão. Claramente, ele não havia percebido as nuances da frase de Tommy.

"Está bem, está bem. Mas... oh... oh, cara..."

"Traga a caixa para cá", exigiu Tommy, ainda tentando recuperar o fôlego de carregar a estátua do altar. "O sol nascerá em algumas horas e, se o Padre Miller chegar aqui e o corpo ainda estiver no chão, não há história que eu possa inventar que não nos leve para trás das grades. Portanto, organize-se e me dê uma mãozinha."

Capítulo 6

"Mantenha a cabeça baixa e não pare de se mexer", instruiu Tommy. "E o que quer que você faça, não diga uma palavra. Deixe que eu fale tudo."

Tommy dobrou os joelhos e olhou para o irmão.

"Você está pronto?"

Brian parecia assustado e Tommy agiu rapidamente, decidindo não dar a seu irmão a oportunidade de desistir.

"Levante!"

Com um grunhido, Tommy se levantou enquanto pressionava o objeto firmemente ao seu lado. Brian fez o mesmo e, apesar de balançarem um pouco, acabaram se equilibrando e, juntos, saíram pela porta da frente do *Our Lady of Assumption*.

"Continue em frente, a van está a um quarteirão e meio da estrada, à esquerda."

"Um quarteirão e meio?"

"Apenas continue se movendo. *Foda-se.*"

Era uma caminhada um pouco longa, mas Tommy imaginou que, se não parassem, poderiam cobrir o terreno em cerca de cinco minutos.

Mesmo com o objeto pesado que estavam carregando.

Tommy estava tão concentrado na van branca à distância que, a princípio, não ouviu o homem se aproximar.

"Pai, você precisa de ajuda com isso?"

Por um segundo, Tommy havia se esquecido de que era ele quem vestia as vestes de padre.

"Ei, pai!"

Tommy se virou para olhar o observador que estava fumando cigarros do lado de fora da igreja quando ele chegou.

"Obrigado, mas acredito que..."

"Não, não, não, é legal. Deixe-me ajudá-lo."

Em vez de dissuadir o homem de ajudar, ele se afastou e permitiu que ele agarrasse uma das pernas de Jesus.

Agora, livre do peso, Tommy respirou fundo e olhou para o irmão. Ele ficou feliz ao ver que Brian ainda estava com a cabeça baixa e que permanecia quieto.

Pela primeira vez, o homem estava fazendo o que lhe era pedido.

"Droga, esse Jesus está engordando um pouco", comentou o observador. "Aonde vamos com isso?"

Tommy apontou para sua van.

"Merda - quero dizer, droga - será que o chefão não pode fazer alguns milagres para que ele chegue mais perto?"

"Que tal um pouco de tecnologia moderna?" Tommy respondeu, segurando as chaves do carro.

"Isso vai funcionar. Isso vai funcionar."

Tommy detestava a ideia de deixar Brian sozinho com esse homem por medo de que ele falasse alguma coisa, mas não via outra opção.

Em uma caminhada rápida, Tommy voltou para a van e deu a partida.

Ele estava prestes a engatar a marcha à ré quando hesitou.

Tommy, você pode ir embora agora, disse-lhe uma voz dentro de sua cabeça. Você pode ir embora agora e simplesmente sair daqui. Volte para Dustin e termine o trabalho como se nada disso tivesse acontecido.

Ele engoliu com força.

Se você colocar esse corpo em sua van, não há como voltar atrás. Não há. Isso não é como tirar seu irmão da cadeia ou pagar alguns policiais, pedir favores. Isso é diferente. É você se envolvendo, sujando as mãos.

Tommy balançou a cabeça.

Não vou deixá-lo... Não vou deixar Brian fazer isso sozinho.

Ele colocou a van em marcha à ré e pisou fundo no acelerador.

Parando bem na frente dos dois homens que seguravam o Jesus de plástico, Tommy saltou para fora e abriu as portas traseiras da van.

"Jesus já viu dias melhores, pai", comentou o observador, enganchando o queixo na fenda que corria ao longo do corpo da estátua, dividindo-a efetivamente em duas metades - frente e verso. Em intervalos regulares nas pernas, braços e peito, fita adesiva mantinha as duas partes unidas. O homem se abaixou, tentando dar uma olhada melhor. "O que está acontecendo?"

Tommy se manifestou rapidamente.

"Sim, ele está em mau estado - é por isso que o estamos levando para fora. Até mesmo o bom Deus às vezes precisa de reparos."

Tommy levou o Jesus de plástico para o banco de trás da van e depois passou as chaves para Brian, que, fiel à sua palavra, permaneceu em silêncio.

O suor cobria seu rosto com um brilho e seus tremores se tornaram mais pronunciados.

"Reparos, não é? Já entendi, já entendi." De repente, o homem fez uma careta. "Espere, esta é a *sua* van? Achei que fosse a van *dele*".

O observador olhou para Brian, que se virou para esconder a maior parte do rosto com o capuz do moletom.

Merda.

"Sim, nós apenas trocamos as chaves por acidente. Por falar nisso, você tem as minhas?"

Brian ficou ali parado, atônito.

"Acho que trocamos as chaves", repetiu Tommy, mais deliberadamente dessa vez.

Finalmente, Brian pareceu perceber o que estava acontecendo e procurou as chaves no bolso. Quando finalmente as soltou, Tommy as pegou e depois disse ao observador: "Obrigado por sua ajuda, senhor. O Senhor lhe agradece".

"Ei, sem problemas." O homem começou a puxar a manga de sua camisa para cima, e Tommy deu um passo cauteloso para trás. "Eu sou católico, você sabe."

O observador tinha uma tatuagem de cruz celta grande e desbotada no antebraço.

"De fato, você é."

Ele lançou um olhar de desaprovação, pensando que isso era algo que um padre faria - afinal, ele não achava que Jesus aprovaria a desfiguração de seu corpo. Então, ele fechou as portas da van e fez um sinal com uma série de movimentos sutis de cabeça para que Brian entrasse.

Seu irmão idiota começou a abrir a porta do passageiro antes de pensar melhor e ir para o outro lado.

Put a que pariu, Brian.

"Por favor, cuidem de nosso Jesus. Consertem-no o mais rápido que puderem", disse Tommy em voz alta. Depois, baixando a voz para que apenas Brian pudesse ouvir, ele acrescentou: "Vá direto para lá, Brian. Vá direto para o meu depósito e espere por mim lá".

Brian levantou a cabeça para olhar para ele, mas Tommy balançou a cabeça e se afastou.

Cabeça baixa, não diga uma palavra, pensou Tommy. O que há de tão difícil de entender nisso?

Brian evidentemente tentou colocar a van na direção, mas acidentalmente engatou a marcha à ré. O veículo balançou e balançou enquanto ele corrigia seu erro.

"Calma, você tem uma carga preciosa aí dentro."

Seu idiota de merda.

Brian saiu dirigindo, e Tommy sentiu um peso sair de seus ombros. Eles estavam quase lá, quase livres.

Eles quase conseguiram.

"Mais uma vez, obrigado por sua ajuda", disse Tommy ao voltar para a igreja. Ele tinha chegado à metade do caminho quando o homem o chamou de volta.

"Ei, papai?"

Tommy se encolheu e pensou em ignorá-lo, mas isso só levantaria mais suspeitas.

E a última coisa que ele queria fazer era deixar uma impressão na mente do homem. Levar uma estátua de Jesus muito pesada e quebrada para reparos era uma coisa, mas um padre ignorar um homem que já havia confessado que era católico era outra.

Tommy deu seu melhor sorriso de apaziguamento e girou lentamente.

"Sim, meu filho?"

Ok, não seja muito grosso, Tommy, ele lembrou a si mesmo. O cara provavelmente é mais velho que você.

"Sim, ouça, há alguém em sua bruxaria? Quero dizer, há outro cara na igreja? Um cara com rabo de cavalo? Porque, tipo, ele deveria ter saído há horas. E eu ainda não o vi."

A pergunta pegou Tommy de surpresa, e ele se esforçou para manter a cara séria.

"Somente eu e o Senhor, meu filho", disse ele com um aceno brusco de cabeça. "Não há ninguém lá dentro, exceto eu e o Senhor. Louvado seja."

Capítulo 7

Assim que voltou para dentro dos limites da igreja, Tommy trancou a porta e arrancou as vestes do padre. Ele as recolocou, junto com a caixa de ferramentas, onde seu irmão as havia encontrado no depósito.

Em seguida, ele entrou no auditório principal e olhou em volta.

Ele tinha experiência suficiente com cenas de crime para saber que essa era uma das mais limpas. De fato, se ele não tivesse visto o corpo no chão quinze minutos antes, não teria como saber que ele estava lá. Isso não significava que não havia provas - na verdade, Tommy tinha certeza de que havia uma montanha delas aqui. Provas que incluíam seu DNA, o de seu irmão e o da vítima.

Mas não havia nenhuma evidência de que um crime tivesse sido cometido. E isso era o mais importante. Não importava se você deixasse um monte de DNA, uma tonelada de DNA - sêmen, sangue, saliva, pele, cabelo, suor - se a polícia não estivesse procurando por ele, não o encontraria.

Enquanto Tommy contemplava esse fato, seus olhos se desviaram para cima e caíram sobre a cruz, agora nua, acima do altar.

Isso sim é uma prova, pensou ele. Não havia dúvida de que, quando o padre Miller chegasse em algumas horas e notasse a falta de Jesus, ele faria o que a maioria das pessoas faz quando percebe que foi roubada, na casa de Deus ou não: chamar a polícia.

E Tommy não queria que a polícia viesse aqui.

Policiais queriam dizer perguntas, policiais queriam dizer analisar câmeras de vídeo de empresas locais, policiais queriam dizer cena do crime.

Tommy odiava a ideia de se implicar, de se colocar na cena do crime, mas não via outra opção.

Depois de vasculhar o altar, ele encontrou um pedaço de papel em branco e um lápis. Ele rabiscou um pequeno bilhete no papel e depois o afixou na parte de trás do púlpito, certificando-se de que o Padre Miller, e *somente* ele, o veria.

Ainda não totalmente satisfeito, Tommy voltou atrás, examinando cada centímetro das áreas que ele e Brian haviam tocado, certificando-se de que não haviam deixado nada flagrante à mostra.

Eles não tinham, pelo menos pelo que ele percebeu, e Tommy fugiu da mesma forma que havia entrado: pela janela.

De volta ao beco, ele se encostou na parede e respirou fundo.

Embora o beco estivesse vazio, Tommy podia ouvir vozes do lado de fora: o observador e os drogados estavam ficando mais agitados,

mais chateados com o fato de Oscar não ter reaparecido.

...ele deveria ter saído horas atrás.

Tommy sabia que havia o risco de eles invadirem a igreja para procurar Oscar. Eles não encontrariam nada, é claro, mas isso também transformaria a igreja em uma cena de crime.

Ele imaginou a tatuagem de cruz celta do homem.

Ele não sabia se isso era suficiente para mantê-lo fora da igreja, mas esperava que sim.

Tommy esperava que esse fosse o caso.

A voz retornou.

Tommy, você colocou o corpo na sua van. Você fez isso. Agora é com você.

Ele saiu pelo beco, correndo tão rapidamente que surpreendeu até a si mesmo. Como ele, Brian havia estacionado o carro a cerca de duas quadras da igreja.

E foram duas boas quadras. Dois quarteirões de um sprint completo foram suficientes para que suas pernas ficassem emborachadas e seus pulmões ardessem.

Para fazê-lo esquecer o homem morto com rabo de cavalo.

Pelo menos por algum tempo.

Levou quase meia hora para Tommy dirigir até o depósito, que consistia em um conjunto de três fileiras de unidades de armazenamento, totalizando sessenta unidades. O mais importante é que não havia nenhuma cabine de guarda impedindo a entrada. Havia uma câmera e um portão trancado, mas tudo o que você precisava fazer era escanear seu cartão para ter acesso. E, por sorte, Tommy tinha dois cartões: um que ele guardava na van e outro que guardava na carteira.

Ele usava o último agora e depois dirigia lentamente o carro de Brian pelo corredor central até sua unidade.

Tommy deu um suspiro de alívio quando viu sua van branca estacionada, ainda em funcionamento, do lado de fora da grande porta de enrolar.

Ao contrário do portão da frente, nenhum cartão permitiria que você entrasse em sua unidade de armazenamento. Para isso, você precisava de um código de seis dígitos.

E somente Tommy sabia a combinação.

Ele saiu do carro de Brian e foi até a van dele. Quando viu uma figura caída sobre o volante, sua ansiedade e preocupação voltaram.

"Brian?"

Como não houve resposta, ele bateu na janela.

A cabeça de seu irmão se levantou de repente e ele olhou para fora

com olhos reumáticos.

Tommy fez sinal para que ele abrisse a janela, e Brian fez o que foi instruído, embora dolorosamente devagar.

"Desligue a van e saia".

Agindo como um autômato agora, Brian abriu a porta e praticamente se arrastou para fora do veículo.

Irritado e cansado, Tommy agarrou a nuca de seu irmão e facilitou a saída do homem.

"Brian, eu sei que você está cansado - *eu estou* cansado. Nós dois estamos cansados. E odeio ter de lhe dizer isso... mas esta noite está apenas começando. Então, se recomponha."

Capítulo 8

"Você abre a parte de trás da van e eu abro o depósito", disse Tommy.

Brian ainda estava se movendo muito lentamente para o seu gosto, mas pelo menos estava em movimento agora. Depois que seu irmão desapareceu atrás da van, Tommy foi até o teclado numérico embutido na parede ao lado da porta do depósito. Ele digitou seu código e, em seguida, abriu a porta em forma de sanfona até o fim. As luzes se acenderam automaticamente, o que fez Tommy recuar e apertar os olhos. Depois que seus olhos se ajustaram à mudança na iluminação, ele olhou para dentro do armário de 2,5 por 3,5 metros.

O local era bem conservado e limpo, com a maior parte da bagunça confinada a uma bancada de trabalho fixada na parede. No lado oposto, meia dúzia de tambores de armazenamento azuis de cinquenta e cinco galões estavam bem alinhados como patos em uma fila.

Além de vários contêineres de reagentes e solventes colocados na parte de trás do armário, havia também vários rolos de diferentes tipos de folhas de plástico que podiam ser usados para isolar áreas discretas de um trabalho.

Tommy assentiu para si mesmo, confirmando que não apenas o local era um espaço adequado para o que eles precisavam fazer em seguida, mas que ele também tinha o equipamento necessário.

Alguns planos realmente deram certo, ao que parece.

Ele correu para encontrar Brian atrás da van e não ficou surpreso ao vê-lo parado no mesmo lugar, olhando para o Jesus de plástico.

"Brian, temos que ir..."

Tommy se conteve.

A cena era surreal. A luz do armário foi filtrada pelo para-brisa da van e adquiriu uma qualidade leitosa, que se espalhou pela pele pálida de Jesus como um brilho etéreo.

Por um momento, os dois ficaram apenas olhando.

Tommy acabou quebrando o silêncio.

"Vamos, Brian, vamos levá-lo para dentro."

Sem esperar por uma resposta, Tommy tomou a iniciativa e agarrou uma das pernas de Jesus. Ele começou a arrastar a pesada estátua e, quando ela estava na metade do caminho para fora da van, Brian colocou as mãos em volta da outra perna.

Juntos, eles carregaram Jesus até o depósito.

"Onde você quer colocá-lo?" Brian perguntou, com a voz tensa pelo esforço.

"Bem ali, no chão."

Eles abaixaram Jesus no chão e, em seguida, ambos esticaram as costas e sacudiram os braços em um movimento estranhamente coordenado.

Dentro da igreja, o Jesus de plástico tinha uma rachadura que ia do pé até a axila. Agora, porém, havia uma rachadura que percorria toda a circunferência de seu corpo. A cada oito polegadas, mais ou menos, em cada um dos membros, havia uma seção de fita adesiva que mantinha as duas metades juntas.

"Brian, pegue uma tesoura na mesa. Vamos tirar essa fita de Jesus."

Ele estava olhando para a estátua enquanto falava, mas quando Tommy não ouviu nenhum movimento, ele se virou.

Apesar de estar ao seu lado há apenas alguns segundos, Brian não estava sentado contra a parede, com os joelhos pressionados contra o peito. Ele estava se balançando levemente.

"Pelo amor de Deus", Tommy murmurou baixinho. Uma rápida olhada no relógio revelou que já era meia-noite.

Não temos tempo para isso.

Em vez de se dar ao trabalho de tentar convencer o irmão, Tommy foi sozinho para a bancada de trabalho.

Entre as folhas de papel aleatórias havia todos os tipos de ferramentas. Ocasionalmente, ele precisava fazer pequenos reparos no drywall ou remover seções do piso que estavam muito danificadas para serem limpas.

Uma vez, ele teve que substituir uma seção inteira da escada que estava tão encharcada de sangue que as vigas ficaram moles. Esse foi um caso confuso, com um médico legista concluindo que o falecido, um homem de oitenta e poucos anos, havia sido empurrado escada abaixo, enquanto outro sugeriu, sem brincadeira, que uma coruja havia entrado por uma porta aberta, atacado e depois caído.

Tommy balançou a cabeça e tentou se concentrar. Por fim, ele encontrou o que estava procurando: um grande conjunto de tesouras que ele usava para cortar seções de carpete que não podiam ser recuperadas.

Elas cortaram a fita adesiva com facilidade.

Quando terminou de cortar cada pedaço, Tommy agarrou o bíceps esquerdo e a parte interna da coxa direita de Jesus e o levantou. Sem olhar para baixo, ele foi até a parede dos fundos e encostou a estátua nela, certificando-se de que ela não tombaria.

Deitado dentro do invólucro de plástico, estava Oscar, o traficante de drogas.

Os olhos do homem estavam leitosos e sua boca estava ligeiramente aberta.

"Agora começa o trabalho de verdade", Tommy sussurrou. Ele esperava que Brian o ajudasse durante a noite, mas isso claramente

não aconteceria agora. O homem estava em choque.

Tommy suspirou e engoliu com força, grato por ter derramado seu mingau de aveia quando estava instruindo Dustin sobre como remover manchas de sangue do carpete.

Porque ele não conseguia se imaginar fazendo o que estava prestes a fazer com o estômago cheio.

Agora é apenas um objeto, não é uma pessoa, disse a voz na cabeça de Tommy. *Isso é como qualquer outro trabalho... mais uma vez, você está apenas limpando a bagunça de outra pessoa.*

Capítulo 9

Alguma coisa estava errada. Algo estava muito errado com essa situação, além do óbvio.

Oscar, o traficante de drogas, não cabia no tambor de cinquenta e cinco galões. De acordo com todos os relatos, o homem *deveria* caber, as dimensões pareciam mais do que suficientes, mas, independentemente do ângulo ou da extremidade que Tommy colocava primeiro, sempre ficavam uns dez centímetros para fora.

Respirando pesadamente por ter manipulado o que ele estimava ser um homem de 90 quilos, Tommy empurrou os pés de Oscar com toda a força que tinha.

Eles se moveram um pouco, mas não muito; a maioria de suas panturrilhas e pés simplesmente não entrava no maldito barril.

Ele estava muito rígido para manobrar adequadamente.

"Brian, quanto tempo você esperou até me ligar?" Tommy perguntou, ainda tentando pensar em uma maneira de encaixar o corpo dentro do tambor. "Brian?"

Tommy se virou e olhou para o irmão.

"Brian! Ei!", ele estalou os dedos. "Quanto tempo você esperou para me ligar?"

Quando seu irmão ainda não respondeu, Tommy caminhou agressivamente em direção ao homem sentado.

"Eu não sei... tipo, não muito tempo", ele respondeu por fim.

"Não muito tempo? Não muito *tempo*, porra?"

Tommy agarrou Brian pelo colarinho e o levantou.

"Ele está com rigor mortis, Brian. Essa merda leva quatro horas para se instalar. Então, quanto tempo você esperou, hein?"

Ele sacudiu o irmão, mas isso pareceu ter pouco efeito. A única preocupação de Brian parecia ser evitar o contato visual. Tommy o soltou e o homem imediatamente caiu de costas no chão.

"Quatro horas... você esperou pelo menos quatro horas... que porra você estava fazendo na igreja por quatro horas?"

Tão furioso que estava tremendo visivelmente, Tommy foi até o barril e colocou a mão dentro dele. Em vez de puxar o corpo de Oscar novamente, ele vasculhou os bolsos do homem. Ele pegou a carteira, abriu-a e a sacudiu. Quando nada caiu, ele a jogou de volta no barril. Em seguida, retirou um maço de cigarros e o abriu também.

Só havia cigarros em seu interior.

A única outra coisa que Oscar tinha consigo era um isqueiro.

"Ele é um traficante de drogas, Brian? É mesmo? Então onde diabos estão as drogas dele? O quê? Seu observador estava na igreja, os

drogados estavam procurando por esmolas, mas ele não tem drogas com ele? *Nenhuma*? E você quer me dizer que tudo isso era para ser apenas uma reunião, uma maldita reunião de negócios? O que, o observador esperou do lado de fora enquanto seu parceiro de negócios martelava os detalhes da configuração de uma página do Only Fans por *quatro horas*? Que porra está realmente acontecendo aqui, Brian? Você não pode ser honesto comigo pelo menos uma vez na vida?"

Tommy jogou tudo de volta no barril com o corpo e voltou a se concentrar em seu irmão.

"É melhor você me responder, porque..."

"Eu não sei", disse Brian, humildemente. "Eu não sei."

"Como assim, você *não sabe*?"

Finalmente, Brian ergueu os olhos para olhar para Tommy. Eles estavam vermelhos e úmidos.

"Eu não sei, Tommy. Tudo bem? Eu não sei de nada. Não sou inteligente como você! Não tenho doutorado nem minha própria empresa... Não tenho nada e não sei de nada, está bem?"

Uma pontada de culpa, de tristeza, tomou conta de Tommy.

Não é culpa dele. Nada disso é culpa dele.

"Droga", ele praguejou sem respirar.

Balançando a cabeça, ele tentou encontrar uma solução para o problema deles.

Descobrir como limpar mais uma das bagunças de Brian.

O problema era que ele não conseguia conceituar uma maneira de encaixar o corpo de Oscar no barril. Ele já havia tentado de tudo.

Os olhos de Tommy se voltaram para a parede dos fundos e depois para a bancada de trabalho.

Por fim, seu olhar se fixou em uma serra reluzente.

Tommy não conseguia ver uma maneira de colocar o corpo dentro do barril... inteiro.

É apenas um objeto, outro trabalho. É tudo o que é, Tommy.

Despersonalizar, objetivar.

Só que, nesse contexto, *despersonalizar* assumiu um significado completamente diferente.

Capítulo 10

Tommy já tinha visto praticamente todas as cenas de crime imagináveis. Uma das mais horríveis, que por acaso foi uma de suas primeiras, envolveu um homem que entrou sorrateiramente em sua garagem quando toda a família estava dormindo e colocou uma espingarda em sua boca. A força da explosão foi tão forte que Tommy teve que remover vários dentes do homem da parede de gesso a mais de seis metros de onde ele havia morrido. Em outra ocasião, uma mulher que morava sozinha com seus sete gatos engasgou com Spam e ficou morta por uma semana antes de seu corpo ser descoberto.

Os gatos podem ser ótimos animais de estimação quando você está vivo, mas quando você está morto e o suprimento de comida acaba...

A Unidade de Cena do Crime fez o possível para recolher o corpo de Susan McNeil, mas ele estava espalhado pelo apartamento em pequenas pilhas de matéria digerida, graças a seus gatos amorosos.

E o cheiro...

Tommy se arrepiou só de lembrar do mau cheiro.

Mas essas duas cenas não são nada em comparação com o pobre Tobias Schneider. Perturbado com o fato de que sua esposa estava tendo um caso, quando ela saiu um dia para se encontrar com o amante, Tobias decidiu entrar na banheira.

Ele trouxe sua lâmina de barbear com ele.

Não está claro se o homem queria morrer ou apenas culpar a esposa ao encenar seu suicídio, mas, de qualquer forma, o resultado final foi terminal. Só que sua esposa nunca voltou para casa.

Ninguém encontrou o pobre Tobias por quase três meses. Mesmo assim, ninguém realmente o "encontrou".

Não havia mais nada.

Seu corpo havia se tornado uma sopa que entupia o ralo. O encanamento acabou estourando, e alguém em um apartamento abaixo relatou uma DUNS - Dead Upstairs Neighbor Syndrome (Síndrome do Vizinho Morto no Andar de Cima).

Esse trabalho tinha sido o maior de Tommy até o momento, exigindo que ele limpasse não apenas o apartamento de Tobias, mas também dois abaixo do apartamento do pobre homem.

Em todas essas ocasiões, Tommy estava doente. Tanto física quanto psicologicamente.

Mas nenhum desses casos o deixou tão doente quanto aquele que acabara de concluir. Tommy não vomitou - Brian já havia feito isso o suficiente para os dois - mas algo dentro dele se rompeu.

Ele sempre dizia a si mesmo que não era culpa dele, que estava

apenas fazendo o que tinha de fazer para manter Brian seguro, como o homem já havia feito por ele, que esse era apenas mais um trabalho.

No entanto, essas garantias não justificaram a remoção da metade inferior das pernas de Oscar para que ele pudesse caber dentro do tambor.

Completamente exausto, Tommy fechou a tampa e deu um passo para trás.

E então, tão rapidamente quanto o início da repulsa, ela começou a se dissipar.

Um corpo morto não sangra e, com o barril hermeticamente fechado, a evidência do que acabara de acontecer só existia em suas mentes.

E as mentes eram animais frágeis, animais que podiam ser manipulados, coagidos, influenciados.

Tommy não sabia quanto tempo ficou parado olhando para o barril azul, mas deve ter sido um tempo considerável, porque a nova versão de Brian, o Brian Silencioso, finalmente falou.

"O que vamos... o que vamos fazer com ele?", perguntou o homem em voz baixa.

Tommy se virou para olhar para o irmão.

O rosto de Brian estava tão pálido que beirava o translúcido. Seus olhos estavam arregalados e úmidos.

E ele ainda estava se contorcendo.

Era uma pergunta válida, que não tinha resposta imediata. Em uma cena de crime normal, Tommy levaria todos os resíduos de risco biológico à *MediSafe* para incineração. Eles pesavam o material e ele pagava de acordo. O problema é que, normalmente, isso se resumia a apenas alguns sacos de lixo pesados. Até o momento, Tommy nunca havia lhes trazido um barril. E muitas vezes eles também queriam dar uma olhada dentro dos sacos, para ter certeza de que ele não havia esquecido uma lata de tinta ou algo que pudesse explodir.

Tommy se orgulhava de tomar decisões objetivas, de sempre selecionar o solvente correto de acordo com a mancha específica, mas essa era uma ocasião em que ele achava particularmente prudente manter suas emoções fora do assunto.

No entanto, foi mais fácil falar do que fazer.

"Você se lembra de quando o Padre Miller costumava nos levar para pescar quando éramos crianças? Ele colocava nossas varas e outras coisas no banco de trás do carro e dirigia até o East River?"

Tommy estava olhando para o barril enquanto falava.

"Você sabe, abaixo da Ponte da Intenção?"

"Sim", disse Brian secamente. "Eu me lembro. Nunca peguei nada além de um peixe-gato estranho."

A banalidade do comentário surpreendeu Tommy. Seu irmão

claramente não estava computando a gravidade da situação atual deles.

"Lembro que há algum tempo eles pavimentaram a estrada e estavam planejando demolir a antiga cervejaria e construir alguns condomínios em seu lugar. Eles chegaram a levar isso adiante?"

Brian grunhiu algo que Tommy interpretou como uma negativa.

"Acho que eles pararam no meio do caminho", disse Tommy para si mesmo. Ele sabia que deveria, no mínimo, confirmar suas suspeitas, mas estava com receio de deixar um rastro digital.

Ele também queria sair de sua unidade de armazenamento. Livrar-se do barril, colocar alguma distância entre ele e o que tinha acabado de fazer.

"Levante-se, Brian."

"O quê?"

"Levante-se. Levante-se e pegue a furadeira da minha bancada".

"Onde estamos..."

Tommy lançou um olhar para Brian e a mandíbula do homem se fechou.

"Levante-se, porra."

Brian se levantou e começou a tremer.

"Não vou a lugar nenhum com isso", disse ele, com os olhos focados no tambor azul que continha o cadáver de Oscar. "Tommy, eu não me sinto bem."

Tommy tentou engolir, mas não conseguiu. O caroço em sua garganta era do tamanho de uma bola de softball.

"Eu também não", sussurrou ele sob sua respiração. "Eu também não."

Ele balançou a cabeça.

"Brian, você vai me ajudar, porque essa bagunça é sua. Agora pegue a furadeira e..."

"Furadeira? Por que precisamos de uma furadeira?"

Tommy cerrou a mandíbula.

Até agora, a única coisa produtiva que seu irmão havia feito foi vomitar no grande ralo do lado de fora da unidade de armazenamento.

Tommy não pediu ao homem que o ajudasse a cortar o corpo, embora suas mãos estivessem machucadas e com bolhas por causa do esforço.

Ele não havia lhe pedido para colocar as peças no barril nem para lacrá-lo.

Mas ele poderia pegar a porra de uma furadeira. Ele poderia levantar a bunda, ir até a bancada de trabalho e pegar a furadeira.

Ele poderia fazer isso.

E se Brian não quisesse, então era uma pena. Tommy iria obrigá-lo.

"Apenas pegue a maldita furadeira e me ajude a colocar o barril na van. *Agora.*"

Capítulo 11

Não importava o que Tommy dissesse, Brian era inflexível: ele não entraria na van se houvesse um corpo dentro dela. Ele falou sobre fantasmas, possessão e outras bobagens que, se Tommy não conhecesse seu irmão tão bem quanto ele, poderia ter pensado que era um subproduto das drogas que ele tinha certeza que o homem havia tomado.

Tommy acabou desistindo.

"Tudo bem", disse ele. "Pegue seu carro e me siga até a Intention Bridge. E se você pensar em fugir, Brian, juro que o encontrarei. Eu o encontrarei e..."

"O-o-okay. Ok."

Tommy ficou grato por ter sido interrompido; para falar a verdade, ele não tinha certeza do que faria se o irmão decidisse ir embora.

O que ele *poderia* fazer?

Tommy era tão culpado quanto Brian agora. Talvez até mais, se a morte de Oscar tivesse sido realmente um acidente.

"Ponte de Intenção", sussurrou Brian.

"Sim, Intention Bridge - apenas me siga. E Brian, respeite o limite de velocidade, pare em todos os sinais de parada e use o pisca-pisca. Entendeu?"

"Sim."

Tommy agarrou o ombro de seu irmão com força. Embora fosse ele quem estivesse segurando a furadeira, Brian se encolheu.

"Diga, então."

"S-s-dizer o quê?"

"Diga que você vai dirigir dentro do limite de velocidade, que vai parar em todas as placas de pare, que vai usar a sinaleira."

"Tudo bem."

"Diga!" ordenou Tommy.

"Tudo bem, tudo bem, Tommy, você está me machucando", Brian choramingou, e Tommy o soltou. "Vou dirigir como uma avó, certo? Não vou quebrar nada..."

Ele parou abruptamente.

"O quê?"

"Meu carro."

"E quanto ao seu carro? Eu o trouxe da igreja até aqui."

"Não, eu tenho muitos ingressos, Tommy. Muitas mesmo. Se os policiais..."

Tommy olhou para o céu.

É claro que você sabe. É claro que sim.

"Você me deixou dirigi-lo da igreja, Brian! Eu poderia ter sido parado!"

Brian baixou o olhar e Tommy suspirou pesadamente.

Ele havia estacionado o carro do irmão bem ao lado da van e Tommy sabia que era ali que ele ficaria no futuro próximo. Ele só conseguia imaginar seu irmão sendo parado pela polícia e simplesmente sujando os dois ao falar.

Mas havia outro carro que eles poderiam usar se Brian não suportasse a ideia de entrar na van com o barril na parte de trás.

O Ford Taurus preto de Tommy. Ele sempre deixava a van de trabalho perto do armário para facilitar o abastecimento de suprimentos antes do trabalho. Ele havia feito isso antes de seu trabalho com Dustin e deixado seu carro pessoal no estacionamento da frente.

"Porra, tudo bem, leve meu carro, então. Leve meu carro, mas dirija no limite de velocidade, *por favor*."

Com relutância, Tommy entregou as chaves ao irmão, que as pegou com a mão trêmula.

Depois, ele observou Brian se afastar, sem saber se veria o homem ou o carro novamente.

Embora já fizesse mais de uma década que Tommy não ia à Intention Bridge, que na verdade era mais uma simples passagem sobre uma seção estreita do East River do que uma ponte de verdade, ele sabia exatamente como chegar lá.

Mesmo assim, ele não se dirigiu diretamente a ela. A ideia de ser seguido a essa altura era ridícula, considerando que ninguém sabia que um crime havia sido cometido, mas Tommy era muito prudente.

Quando se tem um cadáver parcialmente desmembrado no banco de trás da van, é melhor prevenir do que remediar.

A cada curva, Tommy esperava que Brian continuasse em frente. Em cada sinal de parada, ele esperava que Brian virasse na direção oposta. Mas, pela primeira vez, seu irmão parecia estar fazendo exatamente o que lhe fora dito, seguindo Tommy e obedecendo a todas as leis de trânsito.

Foi um milagre.

Meia hora depois, Tommy, com Brian a reboque, se aproximou da ponte sob a qual o Padre Miller costumava levá-los para pescar todos aqueles anos atrás. A estrada havia sido pavimentada recentemente, mas Tommy respirou aliviado quando viu que, embora a antiga cervejaria tivesse sido demolida, tudo o que havia em seu lugar era a fundação de um prédio cercado por uma cerca de madeira em ruínas. A madeira estava tão coberta de pichações que estava cheia de tinta, o

que sugeria que fazia algum tempo que ninguém legítimo tinha ido ao local.

Ainda assim, Tommy permaneceu cauteloso; ele sabia que, às vezes, esses locais tinham câmeras de segurança para garantir que ninguém tentasse roubar qualquer material de construção que tivesse sido deixado para trás. Por mais improvável que isso fosse nesse caso, ele não podia descartar a possibilidade de que as câmeras tivessem sido instaladas há algum tempo e ainda estivessem gravando.

Afinal, o armazenamento em nuvem era barato. A tubulação de cobre não era.

Tommy diminuiu a velocidade ao se aproximar da ponte e quase parou completamente quando viu um carro se aproximando.

"Merda."

Ele olhou pelo retrovisor para se certificar de que o irmão não estava fazendo nenhuma besteira e que estava se mantendo nas entrelinhas.

E estava, mas quando Tommy se virou para trás, percebeu, horrorizado, que o carro que se aproximava não era de um casal excitado em busca de sua própria pista particular de amantes, mas de um policial.

O carro era uma viatura da polícia de Nova York.

Tommy segurou o volante com as duas mãos.

Dirija em linha reta e não faça nada precipitado.

Dessa vez, o pensamento foi direcionado a ele e a seu irmão.

Tommy, no entanto, seguiu seu próprio conselho, afastando-se um pouco para permitir que o carro de polícia passasse, enquanto mantinha os olhos fixos à frente.

"Continue indo - apenas continue indo, não olhe para trás."

Tommy tinha acabado de entrar na ponte quando não conseguiu mais resistir à vontade de olhar.

Ele nem tinha percebido que estava prendendo a respiração, mas quando viu as lanternas traseiras do carro de polícia se apagando, Tommy exalou em voz alta.

Oh, graças a Deus. Graças a Deus, eu não...

Os olhos de Tommy se arregalaram e, de repente, ele se engasgou com a própria saliva.

As luzes no topo do carro de polícia se acenderam, iluminando a ponte escura e a água abaixo em tons característicos de azul e vermelho.

Em seguida, os pneus guincharam, e o policial deu a volta em sua viatura e parou diretamente atrás da van branca de Tommy.

Brian tinha ido embora.

Capítulo 12

Tommy estava a ponto de hiperventilar.

Como acontece com todo mundo que é parado, seu primeiro instinto foi o de que as luzes e sirenes eram para outra pessoa.

Mas isso era impossível, é claro, porque não havia mais ninguém na estrada além dele e de Brian - e Brian não estava mais à vista.

A próxima coisa que Tommy pensou foi em pisar fundo. Bastava pisar fundo no acelerador e continuar até que a ponte se transformasse em estrada e esta em água.

Então, ele poderia se agarrar ao tambor azul e ir para o México.

Tommy grunhiu e balançou a cabeça.

Vou apenas dizer a ele quem sou, que sou Tommy Wilde, da Wilde Clean-up, e mencionar o nome de alguns policiais, talvez. Ele vai me deixar ir embora. Mesmo que ele dê uma olhada nas costas, isso só confirmará minha história. Apenas suprimentos para limpeza de cenas de crime. Nada mais, nada menos. Definitivamente, nada de corpos cortados em barris. Está brincando comigo? Boa, policial.

Mas algo lhe dizia que sair dessa não seria tão fácil quanto dizer algumas palavras.

Tommy, relutantemente, encostou o carro e colocou as mãos no volante para garantir que não houvesse nenhum mal-entendido sobre seus motivos.

Em seguida, sentou-se e esperou que o policial se aproximasse e batesse em sua janela. Quando isso aconteceu, Tommy pretendia virar a cabeça e olhar para o policial e, em seguida, abaixar a janela.

Mas não foi assim que aconteceu.

Em vez disso, Tommy ouviu um grito. Ele olhou para o espelho retrovisor e seu coração, que já estava batendo em tempo triplo, quase explodiu no peito.

O policial havia saído do carro, mas claramente não tinha intenção de ir até a janela de Tommy.

O contorno atarracado do homem era claramente visível no meio da ponte, assim como a pistola em sua mão estendida.

"Que porra é essa?"

O policial gritou novamente, dessa vez alto o suficiente para que Tommy pudesse ouvir mesmo dentro do veículo.

"Com a mão direita, estique o braço e abra a janela."

Pela segunda vez em um intervalo de cinco minutos, Tommy pensou em sair correndo.

Dessa vez, o pensamento permaneceu em sua mente um pouco mais do que antes.

"Abaixe a porra da janela - não vou lhe pedir de novo."

Confuso e assustado, Tommy fez o que lhe foi pedido. Assim que ele obedeceu, o policial gritou outra instrução.

"Coloque sua mão direita para fora da janela e, com a esquerda, desligue o carro e jogue as chaves na ponte."

As instruções eram confusas e contraintuitivas, e Tommy levou vários segundos para entendê-las e mais alguns para obedecê-las.

"Agora, com sua mão direita, abra a porta pelo lado de fora."

Tommy começou a tentar alcançar a maçaneta da porta quando o policial quase gritou com ele.

"Do lado de fora! Abra a porta pelo lado de *fora*!"

Tommy imediatamente estendeu a mão para fora da janela, mas sua mão estava tremendo tanto que foram necessárias três tentativas para levantar a maçaneta.

E então, desequilibrado e com os braços cruzados e em forma de pretzel, Tommy caiu da van.

Naquele momento, ele pensou que estava tudo acabado. Achou que o policial interpretaria erroneamente sua queda como um ato de agressão e o mataria com um tiro.

Coisas mais estranhas já haviam acontecido.

"Por favor", ele gemeu. "Por favor, não atire."

Quando não ouviu um tiro, Tommy ergueu os olhos. As únicas luzes na ponte eram as do carro de polícia - faróis e cerejas - e elas estavam atrás do policial.

Tommy não conseguia distinguir nenhuma das características do homem.

"De joelhos! De joelhos e se vire!"

Tommy se esforçou para se conformar.

"Agora, entrelace seus dedos atrás da cabeça."

Tommy não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. A única coisa que fazia sentido era que, por algum motivo, seu irmão havia chamado a polícia e admitido o que haviam feito.

Que Tommy estava dirigindo com um corpo em um barril na traseira de sua van.

Por que mais isso poderia estar acontecendo? Que possível razão poderia haver para o policial sacar a arma contra ele?

Passos correram em direção a ele e Tommy se preparou, esperando que mãos ásperas agarrassem seus pulsos, os torcessem e o algemassem.

Mas, novamente, a realidade acabou sendo muito diferente da expectativa.

Os passos pararam logo em seguida e Tommy fechou os olhos com tanta força que viu estrelas.

Em vez de alguém agarrar suas mãos ou pulsos, ele sentiu outra

coisa.

De repente, algo frio e duro foi pressionado contra sua nuca.

Tommy não precisou ver o objeto para saber o que era: o cano de uma pistola de serviço da polícia de Nova York.

"Agora, dê-me todo o seu dinheiro e depois quero que você chupe meu pau."

Capítulo 13

"Sim, você me ouviu, dinheiro primeiro, pênis depois. Você tem lábios *bonitos*, garoto."

Depois de tudo o que aconteceu nos últimos cinco minutos, Tommy não deveria ter ficado chocado com nada.

Mas ele estava.

"O quê?"

"Seu dinheiro, bolsa de carne. Meu pau é tão bom que você vai me pagar para chupá-lo."

"E-eu-eu não tenho nenhum", gaguejou Tommy. "Eu não... eu não quero chupar pau".

A arma foi retirada da parte de trás de sua cabeça e o policial, inexplicavelmente, começou a rir.

"Foda-se! *Foda-se!*", ele cacarejou. "Peguei você de jeito, Tommy. Tommy, eu o peguei tão bem, garoto!"

O policial então bateu palmas, mas Tommy, com suas emoções à flor da pele, pensou que era a arma disparando e gritou. Isso só encorajou o policial - ele mal conseguia respirar de tanto rir.

Depois de olhar para baixo para confirmar que *não* havia se mijado, Tommy se concentrou na risada.

Um segundo depois, ele percebeu que o som lhe era familiar e seu queixo ficou frouxo.

"Marv? *Marv?*"

O policial fez uma pausa na risada para responder a ele em um chiado.

"Levante-se, Tommy. Só quero falar com você."

Tommy tentou se levantar, mas suas pernas estavam tão fracas que ele cambaleou e decidiu ficar de joelhos por mais um momento.

"Isso não tem a menor graça, Marv", ele disse baixinho. "Não é engraçado, porra!"

"Sim, acho que foi. E se o Scooter estivesse aqui, ele também acharia engraçado. Merda, ele daria uma gargalhada." Ele fez um som de engolir. "Você estava se preparando para chupar meu pau, cara. Estava lambendo os lábios!" Marv seguiu com uma sucessão de gags.

Tommy se virou e olhou para o policial. Se ele tivesse uma arma com ele, poderia ter pensado em usá-la, talvez acrescentando outro corpo ao barril na van.

Marv era um canhão solto; Tommy sabia disso desde o momento em que se conheceram. Mas esse era o próximo nível.

"Que merda, Marv! Você me assustou pra caramba. Que merda. Que merda!"

Marv se recompôs e cerrou a mandíbula. Tommy se lembrou de que, embora ele não tivesse uma arma, o policial tinha. E se os rumores fossem verdadeiros, o homem não tinha problemas em usá-la.

"O que diabos você está fazendo aqui?"

Marv deu um passo à frente e Tommy pôde finalmente distinguir o rosto do homem. Ele tinha olhos fechados, um nariz ligeiramente torto e uma cabeça quadrada.

"Que diabos estou fazendo aqui? Que *diabos* você está fazendo aqui?"

Tudo sério agora - sem piadas.

Tommy lambeu os lábios nervosamente.

"Estou... estou apenas retornando... estou apenas..."

Marv deu uma risada seca, mas seus olhos continuaram duros.

"Estou brincando com você, Tommy. Eu estava passando de carro e vi a van branca. Pensei comigo mesmo: "Esse não pode ser o Tommy... Tommy Wilde... pode?"

Enquanto o policial explicava por que o havia parado, Tommy percebeu um movimento por trás do homem. Seu primeiro pensamento foi que talvez fosse Scooter, o parceiro de Marv, mas quando não viu o contorno familiar do boné da polícia de Nova York, soube que não era esse o caso.

No entanto, ele viu algo que parecia ser a silhueta de uma arma na mão da figura.

Enquanto Marv continuava a falar, como costumava fazer, Tommy apertou os olhos.

Não, não, volte para a porra do carro!

Tommy começou a balançar a cabeça de um lado para o outro, tentando indicar sutilmente ao irmão, de quem ele havia se esquecido completamente até aquele momento, que voltasse para o carro.

Marv notou a mudança de comportamento de Tommy e deu meia-volta, levando a mão à arma que já estava no coldre.

Brian colocou a furadeira atrás de sua perna e ela se misturou às sombras.

"Que porra você quer?" Marv exigiu. "Você quer chupar meu pau também?"

"O quê?" Brian hesitou. "Eu só - só - está tudo... está tudo bem, policial?"

Tommy amaldiçoou seu irmão em sua mente.

Volte para o seu carro e vá embora. Não faça nenhuma besteira.

Ele viu o policial Marvin Pendergast agarrar a coronha de sua arma.

"Está tudo bem, rapaz, volte para o seu carro".

Quando Brian ficou parado, Tommy se deu conta de que a pergunta do irmão tinha sido dirigida a ele, apesar de ter usado a palavra

"oficial".

Está tudo bem, Tommy?

"Está tudo bem", disse Tommy, acenando com a mão acima da cabeça. "Está tudo muito bem."

Obter. Voltar. Em. Seu. carro.

O ombro de Brian se contraiu e, por um terrível segundo, Tommy pensou que ele iria puxar a furadeira novamente.

Que porra você acha que vai fazer com a furadeira? Trocar seus pneus?

Com a iluminação ruim, parecia uma arma e Marv Pendergast tinha a mentalidade de atirar primeiro e perguntar depois.

Mas Brian não levantou a ferramenta. Felizmente, ele apenas acenou com a cabeça e se afastou.

"Tudo bem, tudo bem, só queria ter certeza de que estava tudo bem, policial."

Marv e Tommy observaram Brian entrar em seu carro, fazer um rápido retorno e dar partida.

Quando ele se foi, Marv balançou a cabeça e olhou para Tommy.

"Todo mundo acha que tem coragem de ser policial hoje em dia. Malditos intrometidos. Ou talvez ele realmente quisesse chupar meu pau". Marv fez um som de peido com a boca. "Mas ele não tinha lábios bonitos como você. De qualquer forma, Tommy, que coincidência encontrar você aqui no meio da noite."

"Por que isso?" perguntou Tommy, sua voz finalmente começando a se equilibrar.

"Bem, porque é aquela época do mês."

Pensando que essa era mais uma das piadas grosseiras do policial, Tommy disse: "Ha, ha".

Marv apertou os olhos.

"Isso não é uma piada, Tommy. Não estou falando de sua menstruação. Mas é hora da cobrança. Agora, diga-me que tem meu dinheiro, rapaz."

Capítulo 14

"Eu não tenho", mentiu Tommy.

O maxilar de Marv se contraiu.

"Tommy, não faça isso."

Marv era um homem que gostava de rir muito. Mas era o tipo de riso que nunca chegava aos seus olhos.

"Sinto muito, Marv. É que..."

O policial deu um passo à frente, certificando-se de que Tommy pudesse ver seus olhos quando ele falasse em seguida.

"Eu lhe dei três trabalhos na semana passada, Tommy. Três malditos trabalhos. Você conhece o acordo; você conhece o esquema. Eu o recomendo para os trabalhos e você me dá uma parte. Uma taxa."

Tommy franziu a testa.

Depois de se cansar e deixar o mundo acadêmico, Tommy estava procurando uma linha de trabalho que fosse adequada à sua formação e aos seus diplomas avançados.

Mas, embora você possa deixar o mundo acadêmico, os relacionamentos azedos que permaneceram nunca o deixaram.

Ele nunca pôde provar isso, mas depois de ser constantemente preterido em empregos para os quais era superqualificado, Tommy estava convencido de que seu nome havia sido manchado.

Desesperado por trabalho, um velho amigo da universidade, então residente em patologia forense, perguntou se ele estava interessado em limpar sua casa para ganhar algum dinheiro extra.

Tommy *não estava* interessado, mas precisava do dinheiro e concordou.

O que o Dr. Beckett Campbell não mencionou foi que seu apartamento era um verdadeiro desastre.

Mas um acordo é um acordo, e Tommy terminou o trabalho. Beckett tinha certeza de que ele iria falhar, como os outros antes dele, mas, no final, ficou impressionado com seu trabalho. Havia algumas manchas - só Deus sabia o que eram - contra as quais somente os solventes mais potentes disponíveis eram eficazes.

Tommy brincou dizendo que o lugar parecia uma cena de crime, e Beckett admitiu que já tinha visto dezenas de cenas de crime mais arrumadas do que a sua casa.

Isso fez com que Tommy pensasse e, durante uma garrafa de uísque com Beckett - graciosamente oferecida por ele -, ele decidiu iniciar a *Wilde Clean-up*.

Beckett tinha sido fundamental para conseguir os primeiros empregos de Tommy, mas depois o bom médico teve seus próprios

problemas.

Rapidamente, tornou-se óbvio para aqueles que trabalharam em uma cena de crime de qualquer forma que os familiares em luto escolheriam a empresa de limpeza que lhes fosse recomendada pela primeira vez.

Era uma coisa a menos com a qual eles tinham que se preocupar durante esse período difícil.

Entram Marv Pendergast e Scooter Spencer.

Entre no acordo.

Tommy também sabia exatamente a quais três trabalhos Marv estava se referindo. O problema era que Tommy não havia recebido um centavo de nenhum deles. Droga, o terceiro era aquele em que Dustin estava trabalhando agora.

O que apenas Tommy e outras empresas de limpeza de locais de crime sabiam era que, embora as pessoas estivessem desesperadas para limpar a bagunça, elas estavam menos ansiosas para pagar depois.

Havia rumores de que outras empresas haviam começado a cobrar antecipadamente por esse mesmo motivo. Tommy, por outro lado, ainda não havia adotado essa prática. Ele sabia que essa era uma decisão arriscada, mas não tinha coragem de dizer a essas pessoas que, se não pudessem ou não quisessem pagar, teriam de conviver com a bagunça deixada para trás ou teriam de limpar o sangue do carpete.

E embora Tommy tivesse um envelope cheio de dinheiro na van, mais do que suficiente para cobrir os honorários do homem, sua parte, ele estava reservado para outra pessoa.

"Marv, eu sei, eu sei. Mas o..."

Marv o interrompeu com um olhar.

"Não me importo", disse ele categoricamente. "Esta é a terceira vez que você atrasa o pagamento - seu terceiro strike. Talvez eu deva recomendar outra equipe? O que você acha disso?"

Tommy mordeu a língua.

"Três trabalhos, Tommy. Três strikes."

"Tudo bem, eu vou..."

"Me pague. É isso que você vai fazer. Eu tenho esse turno noturno de merda, mas estou pronto pela manhã. Oito e meia. Então, você terá meu dinheiro".

Não era uma pergunta, mas uma afirmação. E, embora Tommy não tivesse ideia de como conseguiria três mil dólares ao longo da noite, ele não teve escolha a não ser concordar.

Marv podia gostar de brincar, fazer pegadinhas como havia feito com Tommy antes, mas havia histórias por aí.

Rumores de que Marv e Scooter fazem coisas ruins para pessoas ruins. E, às vezes, até coisas ruins para pessoas boas.

Além disso, Tommy só queria - *precisava* - que Marv saísse da ponte, que deixasse ele e a van com o barril em paz.

"Está bem, Marv. Tudo bem."

Marv riu, estendeu a mão e deu um tapinha no ombro de Tommy.

"Oh, anime-se, Tommy. Olha, a boa notícia é que você não levou um tiro hoje. E você ainda não chupou um pau - pelo menos até onde eu sei. Isso é bom, não é?"

Com isso, e uma última risada de despedida, Marv finalmente voltou para seu carro de polícia.

Tommy ficou parado na Intention Bridge e observou enquanto o policial tocava a sirene três vezes e depois partia.

Com os joelhos fracos, ele de alguma forma conseguiu voltar para a van e deslizou para trás do volante.

Tommy sabia que deveria se sentir aliviado por ter sido Marv e não outro policial que ele não conhecia que o havia mandado parar, mas ainda podia sentir a abertura redonda da arma contra sua nuca.

"Foda-se."

Tudo o que Tommy queria fazer era ir para casa. Ele queria ir para casa, esquecer essa noite, o que havia acontecido.

Ele queria fingir que seu irmão nunca havia lhe telefonado, dizendo que ele havia cometido um erro terrível.

Mas Tommy não podia fazer isso.

Seus olhos se desviaram para a parte de trás da van e ele olhou para o barril azul.

Ele não podia fazer isso, pois ainda tinha um trabalho a terminar. E, até onde Tommy sabia, o esquecimento nunca fez um corpo em um barril desaparecer.

Somente o ácido sulfúrico misturado com peróxido de hidrogênio faz isso.

Capítulo 15

"Atenda o telefone, Brian", Tommy implorou. Uma operadora ligou para informá-lo de que a caixa postal da pessoa que ele estava tentando contatar estava cheia, e ele xingou em voz alta antes de guardar o celular.

Ele ainda estava tentando entender o que Brian estava realmente planejando fazer quando saiu do carro com a furadeira na mão.

Perfurar o Marv? Bater nele com isso?

Ele sabia o que Marv diria: *"Você está tentando me ferrar com essa furadeira, faget?"*

Ele também sabia o que Marv faria: matá-lo com um tiro.

O fato é que Brian tinha ido embora, conforme o pedido de Tommy e Marv, e tinha levado a furadeira com ele.

E agora, enquanto Tommy olhava para o barril que ele havia rolado até a borda da ponte, isso se tornou um problema real.

O tambor de cinquenta e cinco galões, embora estivesse preso com o corpo de Oscar, ainda estava cheio de ar. Se Tommy o empurrasse para fora da ponte agora, ele provavelmente flutuaria até a superfície. O ideal seria encher o barril com cimento, mas isso levaria muito tempo e o tornaria muito pesado para ser carregado. Seu plano era fazer alguns furos estratégicos no barril para permitir a saída de ar e a entrada de água.

Para garantir que ele afundasse.

Tommy havia decidido não fazer isso em seu armário, pois estava preocupado que a matéria orgânica - o DNA de Oscar - pudesse se espalhar em sua van.

E o cheiro - ele estava preocupado com o cheiro.

Como último esforço, Tommy ligou para seu irmão mais uma vez.

Ainda não houve resposta.

Ele coçou a cabeça, tentando encontrar uma solução, uma maneira de retirar o ar do barril sem a furadeira.

A exaustão havia minado sua criatividade, e a única coisa em que ele poderia pensar era em fazer furos na maldita coisa. Mas era de plástico grosso, projetado para suportar até oitocentos quilos de material, líquido ou sólido.

Tommy tentou esfaquear o cano com suas chaves, mas isso não adiantou. Ele pensou em usar suas ferramentas de arrombamento de fechaduras, mas elas eram para manipulação fina de tambores e não foram projetadas para força bruta. Tommy começou a vasculhar a área ao redor da ponte em busca de vidro, pregos ou qualquer coisa que pudesse ser usada. Mas, por alguma razão, a Intention Bridge era o

único trecho de estrada da cidade de Nova York que estava limpo.

"Vamos lá! Me dê um tempo, porra!"

Tommy começou a puxar seus cabelos escuros.

Como isso é possível? Como pode não haver nada nítido aqui?

Seus olhos acabaram se voltando para a cerca de madeira ao redor do canteiro de obras.

Posso encontrar um martelo lá dentro. Um prego, um pedaço de vergalhão, talvez.

Tommy balançou a cabeça.

Um último recurso, ele disse a si mesmo. *Se eu for pego pela câmera, eles vasculharão a área em busca de imagens de CCTV... se virem minha van...*

Tommy xingou novamente.

Merda, se falarem com Marv, se verificarem a câmera do carro, encontrarão minha van. Depois, vão rastreá-la até a igreja.

Tommy olhou para a água escura abaixo em busca de uma ideia do que fazer em seguida. Mas, aparentemente, a inspiração divina o havia abandonado no momento em que ele usou um Jesus de plástico para esconder e depois transportar um cadáver.

Ele correu para sua van e olhou para a parte de trás, que havia deixado aberta. Havia um monte de suprimentos aleatórios lá dentro, mas nada que pudesse ser usado para abrir um buraco no barril.

Ele entrou na cabine em seguida, passando a mão pelo painel e depois vasculhando o console central. Ele encontrou uma caneta, mas era do tipo plástico barato, que seria tão eficaz quanto as chaves do carro.

Desesperado, ele abriu o porta-luvas, embora tivesse dado uma olhada nele há apenas algumas horas na igreja e soubesse que não havia nada de útil lá dentro.

Ele encontrou suas luvas pretas e o envelope com dinheiro. Quando estava prestes a fechá-lo, algo reflexivo chamou sua atenção.

"Mas que diabos?"

Tommy puxou o que parecia ser o cabo de um canivete. Era pesado e, perto da base, três iniciais haviam sido gravadas na madeira marrom: RTW.

Era a faca de seu pai. E não estava aqui hoje cedo. O que só poderia significar que seu irmão a havia colocado lá. Ele *deve* ter colocado. Ela não se materializou do nada.

Quando Brian dirigiu a van de volta ao seu depósito com Jesus no banco de trás, ele colocou a faca no porta-luvas, por precaução.

Por isso, ele tinha a furadeira na mão quando se aproximou de Marv. Se ele ainda estivesse dirigindo a van, teria essa faca.

Tommy balançou a cabeça.

"Não, não pense assim. Oscar... isso foi um acidente. Apenas um

acidente infeliz. Brian não teria feito nada com a faca."

Mas ele tinha visto o rosto de seu irmão na ponte, ouvido sua pergunta - *Está tudo bem, oficial?*

E se... e se tudo não *tivesse* ficado bem?

Tommy interrompeu esse pensamento descontrolado apertando o cabo da lâmina com força em sua mão.

Para começar, ele nem sabia por que Brian tinha aquela maldita coisa. Quando seu pai foi mandado embora pela segunda vez, eles concordaram em jogar fora todas as suas coisas.

Evidentemente, Brian havia guardado pelo menos uma lembrança.

"Vá se foder", Tommy sussurrou ao sair da van e voltar correndo para o barril.

Ele se agachou e pressionou o pequeno botão no cabo e uma lâmina de 20 cm foi lançada.

A ironia de seu pai estar aqui, embora na forma de uma lâmina, quando ele precisava de ajuda, não passou despercebida por Tommy.

Agora você aparece. Depois de nos deixar à própria sorte quando éramos apenas crianças, você aparece agora.

A lâmina deslizou para dentro do cano com facilidade, mas quando ele a recolheu, Tommy percebeu que ainda tinha um problema.

O orifício era muito pequeno, o plástico era muito grosso - uma vez que a lâmina era removida, o cano parecia quase se fechar novamente . Demorava uma eternidade para encher de água.

Tommy tentou novamente, dessa vez torcendo a lâmina quando ela ainda estava dentro.

Ele deixou um buraco do tamanho de uma moeda.

Finalmente sentindo que aquilo poderia funcionar, que estava progredindo, Tommy perfurou o barril várias vezes. Depois de quatro furos, todos próximos ao fundo, ele decidiu que mais um seria suficiente.

Ele deveria ter parado em quatro.

No quinto golpe, a lâmina encontrou resistência. Ela se alojou em algo duro, alguma parte de Oscar, Tommy presumiu.

Enojado, ele tentou puxar a faca de volta, mas acabou descobrindo que ela estava presa.

Ele xingou e torceu a lâmina para frente e para trás. E então, com um puxão forte, o cabo se soltou.

Tommy caiu de bunda no chão, mas ficou aliviado.

Até que ele olhou para a lâmina.

"Não", ele gemeu. A lâmina havia se quebrado dentro do cano.

Tommy se pôs de quatro e tentou espiar o último buraco que havia feito.

Tudo o que ele viu foi escuridão.

Ele deu um tapa no tambor com a mão e depois xingou alto.

Se não abrisse o barril e vasculhasse os restos mortais de Oscar, Tommy não recuperaria a lâmina. E ele não estava disposto a fazer isso - nem aqui, nem agora.

Ele só queria acabar com isso.

Tudo isso.

Tommy olhou ao redor mais uma vez e, depois de confirmar que ainda estava sozinho, colocou o cabo do canivete no bolso.

Em seguida, ele usou o pé para empurrar o barril sobre a borda da ponte.

Parecia estar caindo por horas.

Por dias.

Para sempre.

Ela caiu por tanto tempo que Tommy achou que nunca atingiria a água.

Mas foi o que aconteceu. Um tremendo respingo ecoou sob a Intention Bridge, o que lembrou Tommy de que ficar aqui no meio da noite provavelmente não era uma boa ideia.

Ele sabia que deveria ir até lá, certificar-se de que o barril havia afundado, confirmar que não havia caído na praia, que não havia se aberto com o impacto e derramado seu conteúdo.

Mas Tommy não fez nada disso. Em vez disso, ele simplesmente voltou para sua van.

E nem um pouco cedo demais.

Os faróis iluminaram a ponte, e ele prendeu a respiração.

Seu primeiro pensamento foi que era Brian voltando, mas o carro virou muito antes de chegar perto da van.

Tudo ficou em silêncio, até mesmo seus pensamentos.

Tommy sabia que deveria sair daquele lugar, mas ainda não conseguia fazer isso.

Ele ficou sentado em sua van pelo que pareceu ser a maior parte de uma hora, olhando fixamente para o nada.

E então Tommy começou a chorar.

PARTE II

Inquisição

Capítulo 16

Tommy enxugou as lágrimas dos olhos, limpou a garganta e ligou a van. Ele deu a volta e olhou pela janela para ver se conseguia ver o barril na água abaixo.

Ele não conseguiu, o que foi um sinal positivo.

Talvez tudo isso desapareça, afunde no fundo do East River como o barril.

Enquanto dirigia, Tommy levou o canivete quebrado do bolso de volta para o porta-luvas. Em seguida, ele retirou o envelope com o dinheiro e o colocou embaixo da coxa.

Marv queria sua parte e Dustin precisaria ser pago por seu trabalho, mas esse dinheiro estava reservado para outra pessoa.

Alguém mais importante do que todos eles.

Em seguida, Tommy sacou o celular e discou um número.

Dustin atendeu no primeiro toque.

"Ei, Dustin, é o Tommy", disse ele. Sua voz estava surpreendentemente calma.

"Oh, oi, Tommy. Está tudo bem?"

Tommy limpou a garganta.

"Sim, tudo bem. Sinto muito pelo que aconteceu esta noite, mas estou voltando agora. Só preciso fazer uma parada rápida antes. A propósito, como está indo?"

"Ótimo", respondeu Dustin com hesitação.

Tommy suspirou.

"O que é isso? Qual é o problema?"

"Bem, acho que fiz besteira. Usei o peróxido de hidrogênio no carpete para tirar o sangue."

"A seção de carpete escuro?"

"Sim?"

"Ele retirou a cor?"

"Na verdade, não. Quero dizer, talvez um pouco, mas você mal pode notar. Sinto muito, Tommy."

Tommy não estava feliz, mas estava com raiva de si mesmo, não de Dustin. Era a primeira noite do homem, afinal, e ele o havia deixado sozinho depois de apenas cinco míseros minutos de instruções.

"Está tudo bem, está tudo bem. Se houver algum excesso, passe uma toalha de papel e depois use a solução de amônia e água. Isso

deve tirar a mancha e preservar o restante da cor."

"Amônia e água. Entendi. Está tudo bem com você? Com seu irmão? Você parecia chateado quando..."

"Estou bem. Está tudo bem, foi só um mal-entendido. Faça o melhor que puder, Dustin, estarei aí em meia hora."

"Ok, Tommy, vejo você em breve."

Tommy desligou o telefone e o colocou no banco do passageiro.

Um carpete estragado custaria a ele cem dólares, talvez mais.

Cem dólares que ele não tinha.

Mas Tommy já não tinha mais reações evidentes. Como o restante de suas faturas, sua conta de energia emocional estava atrasada.

Meia hora, então estarei lá. Posso consertar isso. E quando terminar o trabalho e receber o pagamento, posso dar ao Marv o dinheiro que lhe devo. Então ele enviará mais trabalhos para mim e isso manterá a bola rolando.

Tudo sempre parecia tão fácil em sua mente. Tudo era planejado, orquestrado e acontecia sem problemas.

Na vida real, os eventos ocasionalmente se desenrolam dessa forma também.

Até que Brian se envolveu.

Então, não foi como se a merda tivesse caído no ventilador, mas como se fosse uma diarreia que se espalha por um motor a jato.

A pequena casa de dois quartos em Elmhurst estava completamente escura, o que não era uma surpresa, dado o fato de que já passava da meia-noite. A entrada da garagem estava vazia, mas Tommy estacionou na rua por precaução.

Ele pensou em ligar antes, mas já era tarde demais para isso. Além disso, ele não precisava ver ninguém para entregar o pacote.

Ele queria, mas não era necessário.

Depois de bater o envelope cheio de dinheiro na palma da mão por vários segundos, Tommy saiu da van e foi até a varanda.

Ele passou por duas cadeiras Adirondack - de plástico, mas pintadas para parecerem de madeira - e depois olhou para um capacho que já foi rosa, mas agora era marrom. A palavra "Love" (amor) escrita em letra cursiva era quase imperceptível.

Tommy abriu o compartimento de cartas e passou o envelope por ele. Ele entrou três quartos do envelope antes de retirá-lo novamente.

Afinal, ele precisava vê-los, decidiu, os dois.

Depois da noite que ele teve, depois da bagunça que Brian fez, só de ver o rosto deles, mesmo que estivessem dormindo, ele se animava.

Ou pelo menos essa era a esperança de Tommy.

Ele colocou o envelope no cós da calça e retirou a carteira. Sob

uma aba oculta, estavam três de suas ferramentas de arrombamento de fechaduras mais confiáveis: uma chave de tensão, uma chave de esfera única e uma cobra C.

Tommy retirou as duas primeiras ferramentas e olhou em volta. Embora a rua parecesse escura e tranquila, na cidade de Nova York, sempre havia alguém observando.

Ele ergueu os ombros e encolheu o queixo, esperando que a gola da jaqueta de couro escondesse seu rosto. Em seguida, voltou sua atenção para a fechadura da porta da frente.

Primeiro, ele inseriu a chave de tensão na parte inferior do buraco da fechadura e a apertou na direção em que a fechadura girava. Em seguida, deslizou a picareta em miniatura para dentro, empurrando sistematicamente os pinos para cima.

Tommy sorriu ao girar a chave de tensão e a fechadura se abriu. Não importava quão simples fosse uma fechadura ou quantas vezes ele a arrombasse, havia algo inegavelmente satisfatório em dominá-la.

Afinal, uma fechadura era binária; ou era aberta ou fechada, não havia meio termo.

Não havia meio termo, nem incerteza sobre o status da trava.

A moralidade, por outro lado...

O sorriso desapareceu dos lábios de Tommy. Ele colocou as ferramentas de volta na carteira, deu uma última olhada ao redor e entrou no interior escuro da casa.

Capítulo 17

Com o envelope na mão, Tommy foi direto para a escada e começou a subir lentamente.

A casa estava estranhamente silenciosa e, a cada passo, por mais que tivesse os pés macios, Tommy se encolhia, pensando que poderia acordá-los.

Ele chegou à primeira porta, que estava decorada com adesivos brilhantes e *Sophia* escrita em letras tortas em um pequeno quadro-negro. Ela estava entreaberta, e Tommy não conseguiu se conter.

Com cuidado, ele abriu um pouco a porta e olhou para dentro.

A sala era iluminada por uma tartaruga de plástico, que tinha buracos em seu casco que lançavam um caleidoscópio de cores e formas no teto.

Deitada de lado na cama, estava Sophia. A jovem tinha bochechas redondas e macias, nariz em forma de botão e cabelos castanhos bagunçados que se enrolavam em seu rosto. Tommy inclinou a cabeça enquanto observava seu corpo minúsculo, envolto em cobertores, subir e descer a cada respiração.

Ele estava tão perdido em seus pensamentos que não ouviu a pessoa se aproximar por trás dele.

"Tommy", sussurrou uma voz feminina.

Ele se virou, mas não de forma agressiva, nem com medo ou malícia.

Em vez disso, Tommy sentiu outra coisa.

Arrependimento.

A mulher que estava atrás dele tinha cabelos castanhos curtos presos atrás das orelhas. Era evidente que ela estava dormindo - ainda havia vincos de travesseiro em suas bochechas -, mas seus olhos verdes eram claros e vibrantes.

Ela estava usando uma camisola de cetim branco, e Tommy podia apenas ver o contorno de seus mamilos através do tecido fino.

A mulher estava sorrindo para ele. Era um sorriso sonolento, mas era uma visão bem-vinda depois de olhar para a boca larga e os dentes enormes de Marv enquanto ele ria ou para os lábios finos como lápis de Brian enquanto ele se contorcia e tremia.

Tommy acenou para ela e voltou para o corredor, fechando a porta da mesma forma que estava quando ele chegou.

Sem dizer uma palavra, ele estendeu o envelope para a mulher. Ela olhou para ele e depois para Tommy.

Ele pensou que ela recusaria a oferta, forçando-o a implorar para que aceitasse, mas ela deve ter visto algo em seus olhos, pois sua mão

bem cuidada acabou pegando a oferta.

O envelope não podia pesar mais do que alguns gramas, mas parecia muito mais pesado.

E Tommy estava feliz por ter se livrado do fardo.

"É bom ver você, Tommy", disse a mulher suavemente.

Tommy não respondeu, apenas assentiu com a cabeça. A exaustão já havia se instalado há muito tempo, e até mesmo esse, o mais simples dos gestos, parecia exigir o pouco de força que lhe restava.

"Ele está voltando para casa?"

E com isso, qualquer tipo de magia que essa reunião clandestina pudesse ter tido, desapareceu.

Tommy deu de ombros e a mulher parou de sorrir.

Eu não deveria estar aqui, pensou ele de repente. *Preciso voltar para Dustin, para terminar de limpar a cena do crime. Depois, tenho que descobrir onde vou conseguir o dinheiro para pagar Marv e Scooter.*

Mas Tommy estava aqui, ele a tinha visto e tinha que perguntar.

"Como ela está se saindo? Como está a Sophia?"

O sorriso voltou.

"Ela está indo bem, Tommy. Começou a pré-escola na semana passada. Parece estar gostando, fazendo muitos amigos."

Tommy assentiu.

Ele queria fazer mais perguntas, saber qual era a comida favorita dela, quais programas ela gostava de assistir, se ela gostava de quebracabeças ou de desenhar. Mas agora não era o momento.

A mulher se inclinou para ele, mas Tommy se afastou.

Ele apontou para o envelope na mão dela.

"Voltarei no próximo mês, Maria", prometeu ele. "Eu voltarei."

Os ombros da mulher caíram. Tommy achou que isso significava que ela queria que ele ficasse, que a abraçasse, talvez até a levasse de volta para a cama.

Mas talvez isso fosse apenas um pensamento positivo.

Talvez, em vez disso, ela apenas detestasse a ideia de vê-lo novamente em trinta dias.

Tommy costumava ser bom em interpretar os gestos das pessoas, seu estado emocional, os significados ocultos contidos em todas as interações humanas, mas isso foi há muito tempo.

A única coisa em que ele parecia ser bom agora era limpar a bagunça de outras pessoas.

E aprender as histórias dos mortos.

As intenções dos mortos eram sempre mais fáceis de serem desvendadas porque nunca mudavam.

Binário, sem ambiguidade.

Os vivos, por outro lado, pareciam muito mais inconstantes.

"Eu tenho que ir", disse ele, baixando os olhos. "Preciso trabalhar."

A mulher olhou para ele, mas não fez nenhum movimento para impedi-lo. Parte dele desejou que ela o fizesse, que dissesse explicitamente para ele ficar. Parte dele desejava que ela o fizesse, que dissesse explicitamente para ele ficar.

Mas ela nunca o fez.

"Adeus, Maria", Tommy sussurrou enquanto voltava para a noite.

Atrás do volante de sua van mais uma vez, ele olhou para a casa.

Estava escuro novamente, silencioso, inerte.

Como se ele nunca tivesse estado lá.

Se não fosse pelo fato de estar vários milhares de dólares mais leve, Tommy poderia ter se convencido de que todo o encontro era apenas algo que havia acontecido em sua mente.

Que nada disso era real.

Que ele não tivesse passado a noite cortando as pernas de um cadáver e jogando-o no East River antes de dar à cunhada todo o dinheiro que tinha em seu nome.

Capítulo 18

Tommy atravessou a cidade correndo, voltando para o trabalho onde havia começado aquela noite horrível.

Ele havia dito a Dustin que estaria lá em meia hora, mas depois do desvio que incluiu a invasão da casa de Maria, demorou quase uma hora para chegar à cena do crime.

Ele estacionou a van do lado de fora e, então, desejando ter um sanduíche para encher seu estômago vazio, ou talvez apenas uma cerveja gelada, olhou para a lua. Ela estava excepcionalmente brilhante esta noite - uma lua cheia -, o que era adequado, dada a insanidade com que as pessoas estavam agindo.

Ele próprio incluiu.

"Você está perdendo o controle", murmurou Tommy ao sair da van e entrar.

As luzes estavam todas acesas - uma mudança bem-vinda em relação à casa anterior - e Tommy se viu percorrendo a cena do crime da mesma forma que havia feito da primeira vez.

A entrada da frente estava limpa e arrumada, assim como a cozinha. De fato, toda a casa estava bem cuidada. Os sapatos da vítima estavam bem alinhados ao lado da porta e um casaco leve estava pendurado no gancho.

Quando Mike McKay atirou na própria cabeça, ele não tinha simplesmente chegado em casa e feito isso. Ele desceu do quarto, escolheu um local entre a cozinha e a sala de estar e, a julgar pelo ângulo dos respingos de sangue, ajoelhou-se, colocou uma arma de pequeno calibre na boca e apertou o gatilho.

Não era o trabalho de Tommy entender ou descobrir o *porquê*, mas ele frequentemente se via realizando essa mesma tarefa na maioria, se não em todas, as cenas de crime.

Esse suicídio em particular, o suicídio de um homem de 55 anos, foi especialmente desconcertante. Tommy tinha estado no andar de cima, tinha visto o armário de remédios do homem. Ele não parecia estar tomando nenhum antidepressivo e também não havia evidência de uso de drogas ilícitas. O homem tinha um armário de bebidas razoavelmente abastecido e uma geladeira cheia de alimentos saudáveis.

Era evidente que ele morava sozinho, mas tudo indicava que Mike McKay era um ser humano saudável e produtivo.

Tommy se abaixou e deu uma olhada mais de perto na parte do carpete que antes estava encharcada de sangue.

Para sua primeira limpeza, Dustin não tinha feito um trabalho tão

ruim. Tommy podia ver onde ele havia usado o peróxido de hidrogênio, o carpete escuro estava mais claro do que a área ao redor, mas não era tão óbvio.

Só havia uma coisa errada com a cena: Dustin.

Tommy estava tão perdido em seus pensamentos que não havia percebido que Dustin não estava mais aqui.

Ele levantou a cabeça.

"Dustin? Dustin?"

Quando não houve resposta, Tommy franziu a testa.

O carro do homem estava na frente, e não era descabido pensar que Dustin estava no banheiro apenas para mijar.

Mas depois do que ele passou, o silêncio deixou Tommy nervoso.

"Dustin?"

Tommy se levantou, sua preocupação aumentando a cada momento.

A lancheira de Dustin ainda estava no balcão, e seus sapatos, na porta.

"Alô?"

Tommy começou a tirar o celular do bolso quando ele tocou em sua mão. Isso foi tão inesperado que ele o deixou cair. O celular quicou no carpete, ao lado da mancha, e ele rapidamente se abaixou para pegá-lo. Ele atendeu sem olhar o identificador de chamadas.

"Dustin? Onde você está?"

"Tommy?"

Tommy franziu a testa e afastou o telefone do ouvido para olhar o visor.

Não era Dustin, era seu irmão.

"Brian, onde diabos você foi?"

Mais daquele maldito silêncio.

"Brian!"

O homem suspirou e finalmente respondeu.

"Tommy, me desculpe. Eu me assustei. O policial - Jesus, o que aconteceu? Eles -" ele choramingou. "Oh, me diga que não aconteceu nada, me diga que eles não encontraram o -"

Tommy interrompeu o irmão antes que ele incriminasse qualquer um deles.

Novamente.

Isso foi como um déjà vu.

"Brian, acalme-se. Apenas se acalme. Onde você está agora?"

Mas, como sempre, Brian estava em seu próprio mundo, um mundo que praticamente só incluía o que quer que estivesse acontecendo em seu cérebro drogado naquele momento, e nada mais. Ele era como um Benjamin "Benjy" Compson drogado.

E isso era irritante.

"Eu voltei para a ponte, depois que o policial saiu. Você não estava lá. E eu procurei o barril, na água? E não estava..."

"Você voltou para a ponte? Brian, por que você voltaria para lá?"

Tommy fechou os olhos e balançou a cabeça. Ele imaginou Brian correndo de um lado para o outro, espasmódico, olhando para o lado da ponte, tentando descer, fazendo praticamente tudo o que podia para chamar a atenção para si mesmo.

"Bem, porque, Tommy! Eu não sabia onde você estava! Eu não sabia o que fazer! Para onde ir!"

"Por que você simplesmente não me ligou? Ou simplesmente atendeu seu telefone quando eu liguei?"

Brian fez um barulho de coaxar.

"Bem, eu me esqueci."

"Você se esqueceu? O quê, e você só se lembrou agora?"

"Sinto muito, Tommy, não estou muito bem."

A maneira como a voz de seu irmão mudava de volume fez Tommy parar.

Ele se lembrou de como Brian estava se contorcendo no depósito enquanto ele tentava colocar Oscar no barril.

"Você está chapado, Brian? Você foi se drogar?"

Ele ouviu o homem abrir a boca, ouviu os pastéis nos cantos de seus lábios estalarem.

"Brian, você precisa ir para casa. Vá para casa e durma. Finja... porra, sabe de uma coisa? Nada disso aconteceu. Foi só uma viagem ruim. Não faça nada..."

"Sinto muito, Tommy. E-eu-eu sinto muito."

Tommy estava segurando o telefone com tanta força que ouviu um estalo. Ele não tinha certeza se a tela havia rachado quando ele o deixou cair ou agora mesmo.

"Vá para casa e durma. Não..."

"Tommy?"

Não era seu irmão que estava chamando seu nome, mas outra pessoa.

Alguém atrás dele.

O coração de Tommy pulou uma batida e ele se virou lentamente, com o corpo todo tenso agora.

Dustin estava de pé no corredor, do lado de dentro da porta da frente, com os olhos arregalados e o rosto pálido.

Havia um homem atrás dele, com a mão maciça segurando o ombro de Dustin como se fosse o punho de uma pequena bengala.

Dustin, assim como Tommy, era alto e magro, mas estava ofuscado por esse estranho. Com 1,80 m, talvez até mais alto, o homem era duas vezes mais largo do que qualquer um deles.

Sem hesitar, Tommy desligou o telefone e o colocou no bolso da

frente da calça jeans.

"Não, não, eu levo isso", disse o grandalhão em voz alta. "Vou levar seu celular, Tommy Wilde. Você não vai precisar dele."

Capítulo 19

"Eu disse, vou levar isso", repetiu o homem.

Ele manteve Dustin à sua frente enquanto entrava mais fundo na casa. Ficou claro que, embora não fosse todo musculoso - o homem tinha uma barriga grande que seu casaco esportivo mal conseguia conter -, ele era forte o suficiente para que Dustin não tentasse se soltar de seu aperto.

"Quem diabos é você?" exigiu Tommy.

As sobrancelhas cinzentas do homem caíram tanto que quase cobriram seus olhos.

"Me dê o telefone", ele exigiu pela terceira vez.

Para dar mais ênfase às suas palavras, ele empurrou Dustin para frente. O homem de olhos arregalados tropeçou, mas se manteve de pé e rapidamente correu para o lado de Tommy.

"Não vou lhe dar nada. Esta é uma cena de crime. Sugiro que dê meia volta e saia daqui antes que eu chame a polícia."

O homem fez uma careta e balançou a cabeça como se essa interação o estivesse aborrecendo. Um longo rabo-de-cavalo grisalho caiu na frente de seu ombro enquanto ele, despreocupadamente, enfiava a mão no bolso interno do casaco e tirava uma arma. Ele não apontou a arma para Tommy ou Dustin, apenas a segurou na frente dele, contra a fivela do cinto, e colocou a outra mão em cima da primeira.

Tommy olhou para a arma, depois para o homem e, em seguida, para a arma novamente.

Por alguma razão, essa postura parecia tão intimidadora quanto quando o policial Marv Pendergast havia pressionado sua pistola de serviço na parte de trás de seu crânio.

"Está bem, está bem. Coloquei-o de volta no bolso. Vou tirá-la agora, está bem?"

O homem não disse nada.

E aqui estou eu, pensando que esta noite não poderia ser pior.

Tommy não tinha ideia de quem era esse homem, o que ele queria - além do telefone - e por que diabos ele estava aqui.

Mas ele tinha uma arma, enquanto Tommy só tinha um canivete quebrado.

Com a mão direita, ele colocou a mão no bolso. Suas ações eram lentas e deliberadas, e os olhos do homem acompanhavam cada movimento seu.

Com a outra mão, Tommy sutilmente fez um gesto para que Dustin recuasse.

"É só o meu telefone", disse ele, sem saber se Dustin havia captado o sinal. "Está vendo?"

Tommy liberou o telefone.

"Antes de terminar a frase, Tommy estalou o pulso e atirou o telefone no Sr. Rabo de Cavalo. Isso assustou todos na sala - até mesmo Tommy, até certo ponto -, mas o homem com a arma reagiu como se fosse uma granada de mão vindo em sua direção.

Tommy não esperou para ver onde ela o atingiria.

"Corra!", ele gritou. "Dustin, corra!"

Tommy se virou e saiu correndo. Dustin demorou mais para reagir e teve de empurrar o homem para frente para fazê-lo avançar e evitar tropeçar nele.

De alguma forma, eles conseguiram passar pela lavanderia e chegar à porta dos fundos sem levar um tiro. Tommy agarrou a maçaneta da porta, esperando a qualquer momento ouvir o estampido de uma arma e sentir uma bala rasgando suas costas.

Mas ele abriu a porta sem incidentes e gritou para Dustin *ir, ir, ir!*

O mais novo funcionário *da Wilde Clean-up* não precisou de mais nenhum incentivo. Ele decolou, pulando os três degraus para as pedras do pátio abaixo e, em seguida, virou com força para a esquerda. Tommy o seguiu, mas pensando que isso facilitaria a fuga de Dustin, ele virou à direita em vez de virar à esquerda.

Três batidas depois, Tommy ouviu o grito de seu funcionário e instintivamente olhou por cima do ombro.

Foi então que algo o atingiu na lateral da cabeça e o fez se esparramar. As palmas das mãos de Tommy atingiram a grama primeiro, sofrendo a maior parte do impacto, e então seu queixo colidiu com o chão.

Ele viu estrelas e sentiu o gosto de sangue. A dor se irradiava por seus pulsos e mandíbula, mas, por algum motivo, ele não achava que tinha sido baleado.

Ele estava muito consciente, muito atento, para ter sido atingido por uma bala.

Sabendo que essa era uma possibilidade distinta, no entanto, Tommy rapidamente se virou de costas. Se Ponytail fosse matá-lo, ele queria que o homem o olhasse nos olhos enquanto o fazia.

Tommy se assustou ao encontrar não um, mas dois homens em cima dele: O rabo de cavalo e um homem muito mais magro. Este último estava fazendo careta, revelando dentes longos e quase sinistros.

"Tudo o que você tinha que fazer era entregar seu telefone, Tommy", disse o homem maior, balançando a cabeça.

Tommy virou a cabeça para um lado e cuspiu.

"Vá se foder."

O homem grande suspirou e fechou o punho.

A última coisa que Tommy ouviu antes de desmaiar foi: "Há alguém que quer conhecer você".

Capítulo 20

"Pai? Pai, é você?"

O homem na porta não respondeu, mas o garoto sabia que não era seu pai.

Ele era muito alto, muito largo para ser seu pai.

"Seu pai não está aqui, filho."

A única iluminação da sala vinha do corredor, mas o homem era tão grande que a luz que entrava fazia parecer que ele estava brilhando. Para o garoto, era quase como se a figura não estivesse de fato ali, como se não fosse uma pessoa, mas sim a ausência de luz.

O homem deu dois passos à frente.

"Não tenha medo, garoto."

O garoto podia ter apenas oito anos de idade, mas era inteligente o suficiente para saber que, se alguém lhe dissesse para não ter medo, alguém que estivesse entrando sorrateiramente em seu quarto no meio da noite, era exatamente isso que você deveria fazer.

"Seu pai não está aqui e não vai voltar."

O garoto tirou os cobertores e tentou se levantar, com a intenção de correr. Ele sabia que tinha que sair daqui e que, se ficasse, algo ruim aconteceria.

Mas ele não conseguia se levantar.

O garoto olhou para si mesmo e começou a gritar.

Suas pernas terminavam logo abaixo do joelho. Onde deveria estar a canela, os tornozelos e os pés, havia apenas tocos esfarrapados e ensanguentados e pontas de ossos brilhantes.

O homem na porta riu.

"Não precisa gritar, garoto. Não há necessidade de gritar... *ainda*."

Capítulo 21

A cabeça de Tommy se inclinou para trás e seus olhos se abriram como um foguete. Parecia que alguém tinha acabado de injetar gasolina em seu nariz.

Ele não tinha ideia de onde estava. A última coisa de que se lembrava era de ter se inclinado para dentro do quarto de Sophia e olhado para o rosto perfeitamente liso dela.

"Onde estou?"

Sua mandíbula doía, e sua testa e pescoço estavam encharcados de suor. Tommy piscou rapidamente e, por fim, seus olhos começaram a se concentrar no ambiente ao seu redor.

Ele imediatamente tentou se levantar, mas estava fraco demais e caiu de volta na cadeira.

"Está tudo bem, Tommy, fique sentado", uma voz desconhecida o instruiu. "Você está bem. Você está seguro."

O rabo de cavalo estava lá, mas não era ele quem estava falando. Em suas mãos, em vez de uma arma, havia um frasco com o que Tommy só podia presumir que era a amônia que o havia feito acordar.

Era outro homem grande, este sentado atrás de uma mesa redonda, que estava se dirigindo a ele.

"Fique calmo, Tommy."

"Quem diabos é você?" Tommy coaxou. Ele lambeu os lábios em uma tentativa desesperada de umedecê-los. "Onde está o Dustin?"

"Dustin está bem. É você que estávamos procurando."

O homem era grande, mas não tão grande quanto Ponytail. Ele tinha cabelos grisalhos curtos, olhos azuis claros e lábios grossos.

Como o Ponytail, ele estava usando um terno, mas o dele servia bem - parecia ter sido feito sob medida ou até mesmo sob medida.

Tommy não estava amarrado, o que era surpreendente, mas ele tinha a sensação de que também não estava livre para se levantar e ir embora.

Mas ele conseguiu olhar ao redor, e Tommy aproveitou esse fato.

Ele se viu em uma grande sala com cerca de dez mesas, todas circulares, todas com quatro cadeiras e todas vazias, exceto aquela em que ele estava sentado.

Havia uma TV montada na parede dos fundos, que estava desligada, e uma porta com uma placa vermelha de SAÍDA acima dela, à esquerda.

Ela estava trancada por dentro com uma trava.

Do lado oposto da porta, à direita de Tommy, havia um corredor iluminado que levava para fora da vista.

"Onde..."

"*Taglia's*. Você está no meu restaurante", respondeu o homem antes que Tommy pudesse terminar sua pergunta.

Taglia's?

Ele balançou a cabeça e o homem esclareceu.

"Você está em Little Italy."

Embora isso pudesse ser exato, e provavelmente era, não significava nada para Tommy.

"Quem é você? E o que você quer de mim?"

O homem ignorou suas perguntas e se inclinou para frente.

Tommy continuou a observar o ambiente ao seu redor, agora com essa informação adicional. Ele supôs que o corredor que havia notado antes levava à cozinha e também concluiu que a área em que estavam atualmente não era a sala de jantar principal. Era muito pequeno, muito íntimo.

"Você está com fome, Tommy? O pessoal da cozinha já foi para casa, mas posso chamar o Tony para preparar algo para você".

Tommy olhou para o homem com o rabo de cavalo. Seu rosto era uma máscara.

A verdade é que Tommy estava morrendo de fome. Ele havia derramado seu mingau de aveia há algumas semanas e, apesar da natureza horrível do que havia acontecido desde então, ele havia se esforçado muito.

"Não", ele mentiu. "O que eu quero é que você me diga quem você é e o que diabos estou fazendo aqui."

O homem colocou as palmas das mãos carnudas sobre a mesa. Ele usava vários anéis, o mais notável deles era um grande anel de ouro no dedo mindinho direito.

"Acho que você sabe por que está aqui."

Tommy grunhiu.

"Não tenho ideia de por que estou aqui, mas vou lhe dizer uma coisa: tenho alguns amigos..."

O homem grande acenou com a mão de forma tão indiferente que calou Tommy instantaneamente. Esse gesto foi, de certa forma, mais intimidador do que se o homem tivesse gritado ou feito algo violento.

"Tommy, você sabe por que está aqui. Você pode se fazer de bobo, mas sei que não é bobo. Você tem dois PhDs, portanto, não é burro. Também ouvi dizer que você gosta de histórias. Então, se me permite, gostaria de lhe contar uma história."

Uma história? Mas que diabos?

Tommy apertou os lábios e permaneceu calado. Algo lhe dizia que uma história estava por vir, independentemente de sua opinião sobre o assunto. Mas ele não reclamou; em vez disso, usou esse tempo para continuar tentando descobrir uma maneira de escapar.

"Há um ano, um ex-detetive do Departamento de Polícia de Nova York que se tornou investigador particular expulsou o prefeito de Nova York. Ken Smith fugiu para a Colômbia e, desde então, ninguém mais teve notícias dele. Sua empresa de drogas desmoronou em sua ausência e isso deixou um buraco no mercado. Veja bem, nosso prestigioso prefeito tinha um controle sobre o negócio da heroína. Com ele fora do caminho, surgiu uma oportunidade. O problema é que Ken Smith e a ANGUIS Holdings haviam absorvido ou destruído todos os dutos do produto em nossa cidade. Não estou criticando-o. Ele era um empresário admirável. Ele simplesmente forneceu um produto mais viciante a um preço mais baixo."

A cabeça de Tommy estava girando agora. Ele estava familiarizado com essa história, é claro, pois ela estava em todas as estações de notícias há meses. Ele não tinha certeza de quanto daquilo era verdade - havia rumores de que o prefeito tinha até contrabandeado escravas sexuais do exterior para Nova York -, mas a verdadeira questão era: o que diabos isso tinha a ver com ele?

Tudo o que Tommy fazia era limpar cenas de crimes. Ele ganhava menos do que o salário mínimo, tinha um funcionário - Austin, que provavelmente já estava morto - e uma montanha de dívidas.

Ah, ele também tinha um irmão que o colocou nessa confusão.

O homem pareceu perceber a confusão de Tommy e deu uma risadinha.

"No fundo, sou um homem de negócios, Tommy. Vi uma necessidade no mercado e tentei supri-la. Enviei sondagens para ver se havia uma maneira de estabelecer novas rotas comerciais. Foi quando conheci um degenerado chamado Tyler Tisdale. Não sei como, mas ele ainda tinha acesso a algum produto. Formamos um relacionamento, por assim dizer - Tyler fornecia um produto e eu fornecia a distribuição. Mas como Tyler não era muito importante, comecei a enviar um de meus homens com ele quando se encontrava com seus fornecedores. Eu esperava que Tyler fizesse besteira em algum momento, e ele fez. Ele sofreu um acidente infeliz, o que deixou apenas o meu homem que acompanhava Tyler com uma conexão com mais produtos."

Quando ele fez uma pausa para recuperar o fôlego, Tommy ficou olhando.

Se isso não der certo logo, vou tentar ir embora. Não me importa o que o Tony faça; tenho que sair daqui.

Seus olhos se voltaram para a taça de vinho nas palmas das mãos do homem grande. Ela havia permanecido intocada desde que Tommy acordara. Ao lado de sua outra mão, havia um cinzeiro com uma ponta de charuto gasta.

"Adoro histórias, adoro, mas o que diabos isso tem a ver comigo?"

Porque eu já tive uma noite e tanto. Realmente, tive", disse Tommy.

Ficou claro que o homem esperava essa resposta e ele começou a sorrir. No entanto, não era como o sorriso de Marv, mas algo genuíno.

"Estou chegando lá, estou chegando lá", continuou o homem. "Na verdade, voltarei à sua noite selvagem daqui a pouco. Confie em mim, está tudo relacionado. Como eu estava dizendo, depois do acidente de Tyler, foi o meu homem que fez a conexão. Os fornecedores ficaram cautelosos com essa mudança, mas a aceitaram. O fato é que eles também não gostavam muito de Tyler. Ele era um pouco escroto. Isso foi há dois meses; durante esse tempo, fortalecemos nosso pipeline e começamos a expandir a distribuição. As coisas estavam indo tão bem que - espere, espere um segundo. Eu lhe disse qual era o nome do meu homem, Tommy? O que tinha a conexão? Não me lembro se disse ou não".

Tommy balançou a cabeça.

"Não, acho que não. O problema é o seguinte, Tommy, acredito que você já tenha conhecido meu homem antes."

As mãos de Tommy se apertaram nos apoios de braço e seus olhos se estreitaram.

"Sim, você conheceu. Na verdade, você o conheceu hoje à noite, Tommy. Seu nome era Oscar Buglioni. Eu digo *era*, é claro, porque Oscar está morto... e você sabe exatamente como ele morreu, não sabe? Claro que sabe... porque você o matou, Tommy".

Capítulo 22

Tommy ficou olhando para o homem grande, incrédulo.

Como ele poderia saber? Como diabos ele poderia saber? Era o canteiro de obras? Eles estavam observando o canteiro de obras? Mas então como eles saberiam que era o Oscar no barril?

Tommy balançou a cabeça.

Não... isso não faz sentido. Brian contou a eles? E por que diabos ele não mencionou que o homem que estava morto em Our Lady of Assumption estava conectado? Como algo assim pode simplesmente passar despercebido?

Porque era o Brian, é assim; Brian Fucking Wilde.

"Eu não... eu não matei ninguém", gaguejou Tommy.

Ficou claro, pela expressão do homem, que ele *sabia*. Ele sabia absolutamente que Oscar estava morto e que Tommy estava envolvido. Por uma fração de segundo, ele pensou em dizer ao homem que não era ele, que era Brian, mas imediatamente afastou essa ideia.

"Não é o que você está pensando - foi um acidente."

O homem franziu os lábios.

"Vou lhe contar o que sei, Tommy, e quero que me escute. Não fale até que eu termine. Você está entendendo?"

Pela primeira vez desde que conheceu o homem, seu tom mudou. Passou de uma conversa para uma ordem direta. Isso foi semelhante ao gesto com a mão - o homem não levantou a voz nem ficou agressivo - era apenas... *esperado*.

O homem esperou e Tommy permaneceu em silêncio.

"Ótimo", ele continuou. "Há cerca de uma hora, recebi uma ligação de um amigo meu que trabalha em uma loja de penhores em Manhattan. Ele me informou que alguém havia entrado e lhe vendido um anel. Um anel muito específico."

Com essa *palavra* - anel - o homem olhou para Tony que, por sua vez, acenou com a cabeça para o corredor que levava à cozinha. Um terceiro homem se materializou de repente, um homem que Tommy também reconheceu.

Era o homem com a careta e os dentes compridos. O bastardo desajeitado foi até a mesa e entregou um pedaço de papel ao chefe.

"Você reconhece esse anel, Tommy?"

Tommy olhou para a fotografia que lhe foi apresentada. Era de fato um close de um anel, que não era muito diferente daquele que o homem grande diante dele usava no dedo mindinho. Era de ouro com um grande "O" no centro.

Tommy nunca a tinha visto na vida, mas sabia a quem ela pertencia

e quem a havia vendido para a loja de penhores.

O homem morto no barril sentado no fundo do East River e Brian, respectivamente.

Parte dele estava feliz por saber que Brian não o havia denunciado. Uma pequena parte. Uma pequena parte. A maior parte dele estava apenas irritada com Brian por ser tão estúpido.

"Meu contato tirou a foto do anel, mas não tirou uma foto do homem que o vendeu para ele. A maioria das casas de penhores tem mais câmeras do que um banco local, mas, por sorte, essa loja em particular teve algum tipo de surto elétrico há alguns dias que queimou todas as câmeras da loja. Mas para um cara tão inteligente, Tommy, você fez algo muito estúpido: dirigiu seu carro até a casa de penhores e o estacionou bem na frente. As câmeras externas estão em um circuito diferente e elas têm uma visão clara da placa do seu carro. A partir daí, eu tinha todas as peças do quebra-cabeça e só precisava juntá-las."

Eles acham que fui eu. Eles não sabem que foi Brian quem roubou e depois vendeu o anel.

De repente, Tommy teve uma escolha: desistir de seu irmão ou aceitar todas as consequências de suas ações.

Ele vacilou; pela primeira vez desde que ele e Brian eram crianças, Tommy pensou em virar as costas para o irmão.

Mas ele não podia fazer isso. Não podia fazer isso por uma série de razões, a menor delas era o fato de que o homem diante dele não parecia ser alguém que gostasse de ser provado errado. Mesmo que ele jogasse seu irmão debaixo do ônibus e o homem acreditasse em Tommy, o que era improvável, ele estaria dando a ambos uma sentença de morte.

"Sabe, Tommy, você tem um negócio interessante, esse negócio de limpeza de cenas de crime. E com base em tudo o que li sobre você na última hora, parece que você é o melhor no que faz. Portanto, a pergunta que tenho para você agora é como vai limpar essa bagunça? Como você vai limpar o que aconteceu com o meu homem, com Oscar Buglioni?"

Capítulo 23

"Posso... posso ver essa fotografia novamente?" perguntou Tommy, hesitante.

Quando o homem com a careta se inclinou para frente para empurrar a impressão sobre a mesa, Tommy se levantou.

Ele sabia que isso provavelmente não aconteceria da maneira que ele queria, mas também estava ciente do fato de que parte do que estava acontecendo aqui esta noite era um teste. Se ele simplesmente agarrasse os tornozelos e aceitasse qualquer surra que lhe fosse dada, Tommy nunca ganharia o respeito desse homem.

Era a estratégia clássica da prisão - lutar contra o maior homem em seu primeiro dia ou se tornar a maior vadia no segundo.

...ou ele poderia estar errado e acabar morto, mas ele já estava com o tempo emprestado.

Em vez de pegar o papel, Tommy agarrou o pulso do homem. Todos ficaram tão surpresos que ninguém reagiu a tempo. Até mesmo o homem que estava sendo puxado pela mesa simplesmente aceitou.

Tommy usou essa confusão a seu favor. Ele puxou e torceu em uníssono, girando o homem magro.

Como esperado, havia uma arma enfiada na parte de trás de seu cós. Sem soltar o pulso do homem, Tommy agarrou a arma e a pressionou contra a coluna vertebral de Toothy.

Se o homem tivesse alguma intenção de lutar, o aço frio em suas costas o impediria preventivamente.

"Vamos desacelerar isso um pouco, certo?" disse Tommy. O homem esguio era mais alto do que ele, mas Tommy dobrou um pouco os joelhos e se colocou atrás dele por precaução.

O rabo de cavalo finalmente reagiu, sacando sua própria arma com o silenciador e começou a levantá-la. Seu rosto estava contorcido em uma careta.

Ao contrário do que acontecia na casa, Tommy teve a impressão de que ele não hesitaria em usar sua arma agora.

Mas o homem sentado, o chefe, aparentemente tinha outras ideias.

"Tony, abaixe a arma", instruiu ele. Ao contrário de todos os outros na sala, inclusive Tommy, ele parecia calmo e relaxado.

"O quê?"

"Abaixe a arma", repetiu o homem.

Tony pareceu confuso, mas obedeceu com relutância.

"Muito bem, Tommy, agora é sua vez. Abaixar a arma e entregue-a de volta ao Vinny".

Tommy mastigou o lábio enquanto refletia sobre suas opções.

Ele não podia atirar no homem magro, esse Vinny - ele nunca havia atirado em ninguém em sua vida. Diabos, ele só havia disparado uma arma algumas vezes, e isso foi há anos. E se ele não podia atirar em Vinny, então definitivamente não podia atirar em Ponytail ou no chefe de terno sob medida.

Outra opção era usar Vinny como escudo humano para sair da *casa de Taglia*. Mas e depois? Sua van ainda estava na cena do crime e havia uma grande probabilidade de que esses homens tivessem sequestrado Dustin para o caso dessa eventualidade.

Tommy supôs que poderia roubar um carro, sair dirigindo e depois jogar Vinny na beira da estrada, e seguir viagem até o México...

Mas eles já sabiam quem ele era e, embora estivessem confusos sobre quem havia vendido o anel, Tommy não duvidava que, se ele fugisse, eles acabariam descobrindo o erro.

E então eles iriam atrás de Brian... e Maria e Sophia e, e, e...

Tommy empurrou o homem para longe dele e, em seguida, colocou a arma sobre a mesa em um movimento suave.

Vinny tropeçou, mas quando se endireitou, imediatamente pegou sua arma e a apontou para Tommy.

Seu rosto estava muito vermelho e ele estava furioso.

"Vinny, pare", ordenou o chefe.

Ao contrário do Ponytail, Vinny não ouviu imediatamente. Pelo contrário, ele pareceu ajustar sua mira.

E esta é a segunda vez que tenho uma arma apontada para minha cabeça hoje, pensou Tommy com tristeza. *A emoção nunca acaba.*

"Vinny, abaixe a porra da arma."

Atrás de Vinny, Tommy viu Ponytail dar um passo à frente.

"Tudo bem, tudo bem", disse Vinny por fim, levantando as mãos.

Embora a arma não estivesse mais apontada para Tommy, os olhos do homem nunca deixaram o seu.

Se fizer isso de novo, eu o matarei", comunicou o homem com um olhar fixo.

Da próxima vez que eu tiver uma arma apontada para suas costas, vou usá-la, Tommy disparou silenciosamente.

Ele esperou que Vinny colocasse a arma de volta no cinto e assumisse um posto atrás de Tony antes de se sentar novamente.

O chefe deu uma risadinha.

"Eu sabia que gostaria de você, Tommy. Eu simplesmente sabia. Quero dizer, um homem com dois PhDs que se contenta em limpar a bagunça de outras pessoas para ganhar a vida? Esse é um homem que eu preciso na minha equipe."

Tommy permaneceu em silêncio.

Eles já haviam chamado seu blefe e ele agora estava jogando com as cartas viradas para cima.

Ainda assim, Tommy se sentiu bem com sua decisão de agarrar o bastardo arrogante e pressionar a arma contra suas costas. Ele havia mostrado ao chefe que não tinha medo dele, que não tinha medo de sujar as mãos.

E, verdade seja dita, era bom para ele estar segurando a arma pela primeira vez.

"Agora que já tiramos isso do caminho, talvez seja hora de você ouvir a minha oferta."

E, ao oferecer, ele sabia que o homem estava se referindo a um acordo.

E Tommy tinha certeza de que não tinha voz nos termos.

Capítulo 24

"Gosto de você, Tommy. E gosto de seus negócios. Você sabe o que dizem, não há garantias na vida. Exceto a morte e - ehh, você pode até enganar seus impostos, mas não pode enganar a morte. É por isso que acho que deveríamos nos tornar sócios."

Como Tommy havia previsto, isso não era uma proposta. Era uma declaração de fato.

"O Vinny aqui será seu parceiro no negócio de limpeza de cenas de crime."

Tommy não conseguia mais se conter. Por mais que a *Wilde Clean-up* estivesse com pouco dinheiro e fosse uma empresa incipiente, a empresa era *dele* e a ideia de compartilhar algo com Vinny? O bastardo zombeteiro e de dentes compridos?

"Parceiro?"

"Sócio", confirmou o homem. "Você vai dividir os negócios comigo, meio a meio. Vinny será o meu homem no local. Você entendeu?"

Tommy entendeu, sem dúvida. Ele entendeu que o que o chefe realmente queria dizer era que Vinny estaria com ele dia após dia, e que ele seria o homem dos bastidores.

"Sim", disse Vinny de soslaio. "Nós vamos ser..."

O chefe acenou com a mão e Vinny imediatamente se calou.

"Tommy? O que você está dizendo?"

Tenho alguma opção?

Tommy respirou fundo.

"Está bem."

"Ótimo, fico feliz que você veja as coisas do meu jeito, Tommy. Acho que juntos podemos fazer esse seu pequeno negócio crescer."

"Está bem", repetiu Tommy.

Ele diria o que fosse preciso para sair desse restaurante.

Vinny poderia ser tratado mais tarde.

O homem bateu palmas e Tommy entendeu isso como um sinal para ir embora. Ele começou a se levantar, mas Tony deu um passo à frente e ele se sentou novamente.

Confuso, Tommy levantou uma sobrancelha.

"Posso ir agora?"

Isso estava se tornando quase humilhante.

"Não, você não pode. Ainda não."

Tommy esperou que o homem explicasse.

E agora? Esse desgraçado me extorquiou de metade do meu negócio, me ameaçou, impôs sua vontade... o que ele poderia querer agora?

"Há mais uma questão que precisa ser resolvida."

"E o que é isso?" perguntou Tommy. Sua garganta estava seca e sua cabeça latejava.

Ele queria sair daqui, ir para casa e dormir essa noite.

"Não vou lhe perguntar o que aconteceu com Oscar; sei que ele se foi. Oscar teria dado sua vida antes de entregar o anel, o que eu espero que ele tenha feito. Não quero saber suas motivações, por que fez isso, o que ganhou com isso. Aceito sua oferta de metade do seu negócio em troca da vida de Oscar. O problema é que Oscar deveria fazer seu depósito mensal hoje à noite."

Minha oferta?

O homem verificou seu relógio volumoso.

"Em cerca de três horas, ele viria para cá, para o *Taglia's*, e traria seu dinheiro mensal, que chega a cerca de cem mil dólares."

Isso era uma mentira; Tommy *sabia que* era uma mentira. Ele não duvidava que Oscar conseguisse esse tipo de dinheiro com o tráfico de drogas, mas esta noite? De todas as noites?

Era uma coincidência muito grande para acreditar.

Ele está me testando novamente, pensou Tommy. *Está me testando para ver se sou digno.*

"Acho que você entende onde quero chegar, Tommy."

Tommy assentiu, mas o homem à sua frente sentiu a necessidade de deixar as coisas explicitamente claras.

Apenas para o caso de haver alguma confusão.

"Gosto de você e estou ansioso para trabalhar com você, Tommy. Mas, primeiro, preciso ver se você é habilidoso. Oscar me deve cem mil dólares, e você matou Oscar. Ao fazer isso, você assumiu a dívida dele. Eu estava esperando o Oscar por volta das quatro e meia da manhã e lhe darei o mesmo tempo para pagar."

Três horas? Três horas para conseguir cem mil dólares?

"Mais uma coisa, Tommy, mais uma coisa que você deve saber sobre mim antes de fazermos negócios juntos: Não gosto de pessoas desonestas. Não gosto de trapaceiros, mentirosos ou ladrões. Portanto, se você concordar com meus termos, se nos tornarmos parceiros, espero que você se mantenha nos mesmos padrões. Você entendeu?"

Tommy respirou fundo.

"Antes de concordar, há apenas uma pergunta que tenho para você."

Vinny e Tony franziram as sobrancelhas, com expressões iguais aparecendo em seus rostos muito diferentes, mas o chefe sorriu.

"Acho que isso é justo."

Incentivado, Tommy continuou.

"Bem, você parece saber muito sobre mim, mas eu nem sei seu nome. Por que não começamos com isso?"

O homem sentado à mesa riu.

"Acho que meu nome lhe dirá tudo o que você precisa saber sobre mim, Tommy. E eu pensei que você nunca perguntaria. Meu nome é Nick. Nick Petrazzino."

Capítulo 25

Cem mil dólares... Tenho três horas e meia para conseguir cem mil dólares.

A noite de Tommy tinha ido de mal a pior. O que ele havia feito com o corpo de Oscar era uma coisa, mas isso era outra completamente diferente.

A dura realidade era que, se ele não conseguisse o dinheiro quando deveria, Tommy sabia que acabaria dormindo no fundo do East River com Oscar sem pernas. Como Nick Petrazzino não era apenas o proprietário do *Taglia's*, ele também era o chefe do maior sindicato do crime da cidade de Nova York desde a saída de Ken Smith: a *Casata Sacra*.

Nick não era brincadeira.

E agora Tommy lhe devia cem mil dólares. De alguma forma, de alguma maneira.

Ele encontrou sua van esperando por ele na frente, o que significava que Tony, a geladeira humana, deve tê-la levado até lá depois de nocauteá-lo na cena do crime.

Mafiosos cortesões, quem diria?

Seu telefone também estava no painel, mas já tinha visto dias melhores.

A tela estava tão obscurecida por rachaduras de teias de aranha que Tommy duvidou muito que ela fosse ligar. Mas, depois de agredir suas retinas com uma cintilação extremamente brilhante, ela realmente funcionou.

Não que ele tivesse alguém para ligar. Essa noite poderia ter começado com ele e Brian, mas agora ele estava sozinho.

Sozinho, sem dinheiro e com dívidas até os olhos.

Tommy já havia esvaziado sua conta bancária para pagar o aluguel de Maria. Ele devia a Marv a propina pelos três últimos trabalhos e, eventualmente, teria de pagar a Dustin pelas horas que ele havia trabalhado.

Tommy balançou a cabeça.

Ele não achava que Nick ou seus capangas tivessem machucado o homem - eles haviam dito explicitamente que era nele que estavam interessados -, mas Tommy ainda não se sentia bem com nada disso.

No primeiro dia de trabalho de Dustin, ele se viu envolvido com Nick e a *Casata Sacra*.

Esse é um dos motivos pelos quais Tommy não podia simplesmente continuar dirigindo para o México.

Se ele fosse embora, sua dívida seria repassada para alguém de

quem ele gostasse.

Outra opção era pedir o dinheiro emprestado a alguém menos perigoso. Um caminho escorregadio, com certeza, mas pelo menos lhe daria algum tempo. O problema é que Tommy não tinha muitos amigos, muito menos amigos ricos.

Havia um homem que poderia ter lhe emprestado o dinheiro: um determinado patologista forense chamado Dr. Beckett Campbell.

O problema com essa ideia era que Beckett estava morto. O pobre coitado havia morrido de um ataque cardíaco na idade madura de trinta e oito anos.

Antes de saber para onde estava indo, Tommy se viu de volta à casa que estava limpando com Dustin antes de tudo isso começar.

Tommy estacionou sua van atrás do Honda enferrujado de Dustin, fechou o zíper do casaco de couro e entrou.

"Dustin?", gritou ele na entrada. "Dustin, você está aqui?"

Isso agora parecia um pesadelo do Dia da Marmota. Um pesadelo que Tommy suspeitava que estava prestes a ficar muito pior.

"Dustin?"

O homem apareceu de repente. Parecia assustado, mas não estava muito desgastado. Claramente, Tommy tinha sido o único a sofrer o impacto das habilidades coercitivas de Tony.

"Quem eram aqueles caras? Merda, você está bem? Um cara me assustou e eu consegui fugir, mas então vi aquele cara grande? O que tinha a arma? Ele bateu em você e depois o jogou no banco de trás do carro. Primeiro, pensei em segui-los, mas estava tão assustado que não conseguia encontrar minhas chaves. Depois, eu estava prestes a chamar a polícia, mas..."

"Está tudo bem, Dustin. Estou bem, você se saiu bem."

"Mas... quem eram esses caras? E o que eles fizeram..."

Tommy se aproximou de Dustin e colocou a mão em seu ombro.

O pobre garoto estava tremendo.

"Isso não importa. Olhe, por que você não vai para casa? Esqueça que essa noite aconteceu. Mas eu lhe pagarei por todo esse trabalho. Não precisa se preocupar com isso."

Dustin ergueu os olhos e olhou para Tommy com uma expressão de massa.

Então ele mordeu o lábio.

"Eu... eu meio que quero ficar", disse ele timidamente. "Quero ajudar você, quero aprender."

Tommy deu um passo para trás.

Dustin era um pouco estranho, mas Tommy não podia criticar o homem por isso.

Afinal de contas, ele próprio era mais do que um pouco estranho. Mas por que ele gostaria de ficar?

Eles tinham acabado de começar a limpar quando Tommy foi puxado pelo irmão. Depois disso, ele não havia entrado na casa por cinco minutos antes de o grandalhão ter abordado os dois.

E mesmo assim, Dustin ainda queria terminar o trabalho? Trabalhar para ele?

Tommy balançou a cabeça.

"Sinto muito, mas você deveria ir para casa."

A expressão de Dustin mudou.

"Quero ajudar você, Tommy. Eu gosto de você."

Por que as pessoas continuam dizendo isso? Primeiro o Nick e agora o Dustin? Eles gostam de mim? Bem, se for esse o caso, algum deles gosta de mim o suficiente para me emprestar algum dinheiro?

"Dustin, se você ficar por aqui..." Tommy hesitou enquanto tentava encontrar as palavras certas. "É que talvez eu não seja a melhor pessoa para se conviver atualmente."

"Não tem problema, não me importo."

Tommy suspirou. Ele queria dizer ao homem para ir embora e ir para casa, que a cada minuto que ele ficava perto de Tommy era um minuto mais perto da morte.

Mas ele estava cansado demais para discutir. Além disso, Dustin podia ter meio centavo a menos, mas era um homem adulto.

Se ele quisesse ficar, Tommy o deixaria ficar.

E colocá-lo para trabalhar.

"Como quiser", disse ele suavemente. Dustin realmente sorriu, o que era estranhamente contagioso. Tommy teve que lutar para evitar que o sorriso se espalhasse pelo seu próprio rosto. "Escute, Dustin, isso é um pouco estranho, mas por acaso você não tem cem mil dólares para me emprestar, tem?"

Capítulo 26

Embora o tempo fosse essencial, Tommy passou cerca de uma hora ensinando a Dustin os prós e contras da limpeza da cena do crime.

Foi muito relaxante examinar os usos dos vários solventes que ele tinha à sua disposição, bem como mergulhar na ciência por trás de sua aplicação.

Se não fosse por isso, ele não se lembrava de seu encontro iminente com Nick Petrazzino.

E Dustin era um excelente aluno. Ele pode não ser a faca mais afiada da gaveta, mas era um bom ouvinte. Ele também não tinha medo de fazer perguntas, por mais simples que fosse a resposta.

É claro que Dustin havia aplicado peróxido de hidrogênio em uma seção do carpete escuro, mas esse foi um erro fácil, que qualquer um poderia ter cometido.

O verdadeiro teste era se ele faria ou não algo assim novamente.

Se Tommy fosse um homem de apostas, ele teria apostado que não.

Mas ele não gostava de jogar e não tinha um centavo em seu nome.

A limpeza atual não foi um trabalho particularmente grande e, com o trabalho que Dustin já havia feito, eles levaram pouco mais de uma hora para terminar.

Depois de carregar a van, Tommy se virou para olhar para Dustin.

"Como eu disse, não posso lhe pagar agora, mas pagarei. Você tem minha palavra."

Tommy considerou que Dustin poderia até se contentar com o conhecimento que ele havia absorvido em vez de pagamento, mas não parecia certo tirar vantagem do homem.

"Claro, eu entendo. De qualquer forma, não preciso do dinheiro agora".

"E sobre antes -" antes que Tommy pudesse terminar a frase, Dustin o dispensou.

"Ah, sim, eu entendo, eu compreendo."

Que se dane.

"Tem certeza de que está tudo bem com o que aconteceu?"

"Claro, tenho certeza, sim".

"Ok, eu realmente não sei quando será o próximo trabalho -" *provavelmente nunca, já que não posso pagar ao Marv ou ao Nick,* "- mas vou ligar para você. Se você ainda estiver disposto a isso, é claro."

Dustin sorriu.

"Sim, sim. Estou ansioso por isso."

Com isso, eles apertaram as mãos e Tommy o viu entrar no carro e partir.

Ao passar, ele pôde ver que o homem ainda estava sorrindo atrás do volante.

E esse é um cara muito estranho.

Tommy estava prestes a seguir o exemplo de Dustin e decolar, mas depois de uma última olhada na parte de trás da van, percebeu que havia esquecido algo.

Seu fiel esfregão de churrasco, que foi inestimável para tirar sangue do rejunte e entre as tábuas de madeira.

Tommy voltou correndo para dentro de casa e a encontrou no balcão da cozinha. Ele a pegou, virou-se para a porta da frente e depois hesitou.

A mulher que o contratou para limpar a casa era a filha do homem que havia cometido suicídio: Francine McKay.

Por alguma razão, Tommy se viu pensando no único encontro que tivera com a mulher. Francine estava visivelmente chateada com o falecimento do pai, mas também parecia ansiosa para encerrar esse capítulo de sua vida.

Ela não morava aqui - na verdade, Tommy achava que ela nem morava na cidade de Nova York. Depois de dar a Francine um orçamento para a limpeza, ele a ouviu ao telefone falando com um corretor de imóveis.

Tommy mastigou a parte interna do lábio.

Ela não sabe o que há aqui, o que seu pai possui. Ela não faz ideia.

Em vez de voltar para sua van, Tommy subiu as escadas.

Era uma bela casa, uma casa grande, que renderia um bom dinheiro quando Francine a colocasse à venda.

Tommy acabou se encontrando no quarto do falecido. Ele não se preocupou em olhar o criado-mudo, onde o homem poderia ter guardado um relógio caro ou talvez um ou dois anéis.

Ele foi direto para o armário. Depois de separar as camisas de colarinho penduradas, Tommy encontrou o que estava procurando.

Lá, encostado na parede dos fundos e escondido no canto do armário, havia um cofre preto *da Cartega*.

Tommy se agachou e inspecionou o cofre cuidadosamente. Era um cofre digital bem projetado, que ele sabia que exigia um código de seis dígitos para ser aberto. Com um teclado numérico contendo dígitos que variavam de zero a nove, havia um milhão de combinações possíveis.

Adivinhar o número estava fora de questão. Mas Tommy não precisava da combinação para abri-lo; ele sabia que o cofre, quase todos os cofres digitais, na verdade, eram intrinsecamente falhos.

Todos funcionavam da mesma maneira: quando o código correto era inserido, uma pequena explosão de eletricidade magnetizava um solenoide de níquel, o que fazia com que os parafusos se fechassem.

A falha fundamental do sistema era que, se você tivesse um ímã suficientemente potente, um ímã de neodímio terrestre, por exemplo, bastava pressioná-lo contra o solenoide e *pronto*.

Ele se magnetizaria e os parafusos deslizariam para trás.

A mente de Tommy voltou-se para o estojo amarelo e duro que ele sempre mantinha na parte de trás da van.

O que continha um ímã de neodímio de 1,5 kg.

Preciso do dinheiro - e ninguém saberá que ele está faltando. Francine fará um bom negócio com a casa, provavelmente até a venderá como está, sem mexer nas coisas do pai. Quem comprar a casa herdará o cofre e seu conteúdo.

Ele não tinha como saber quanto dinheiro havia no cofre, se é que havia, mas se fosse o suficiente para que Nick lhe desse mais um ou dois dias...

Tommy balançou a cabeça.

E depois? Você vai roubar outro pobre coitado que estava tão cansado de viver que colocou uma arma na boca?

"Tommy, que porra você está fazendo?"

As palavras saíram de sua boca, mas não pareciam ser suas.

Que diabos está fazendo?

Ele olhou para si mesmo, para as manchas de grama nos joelhos de sua calça jeans, para os pequenos pontos descoloridos na bainha de sua camiseta devido a respingos de água oxigenada, para as marcas de arranhões em sua fiel jaqueta de couro.

Mas foram as mãos dele que chamaram sua atenção. Elas estavam levemente enrugadas devido ao uso das luvas de látex por tanto tempo quanto ele e cheiravam levemente a amônia.

Ele imaginou uma serra agarrada em sua palma, uma serra que se movia para frente e para trás enquanto lutava para cortar primeiro a carne e depois o osso.

Apesar do que havia feito esta noite, Tommy não estava disposto a jogar toda a sua moral pela janela e roubar de um homem morto.

Ele sentiu o contorno do cabo do canivete quebrado em seu bolso.

Não, ele não estava prestes a roubar de Mike ou Francine McKay.

Tommy engoliu com força e colocou as camisas de volta no lugar, mais uma vez escondendo o cofre.

Em seguida, ele desceu correndo as escadas, pegou seu raspador de churrasco e entrou em sua van.

Enquanto estava sentado no veículo em marcha lenta, os pensamentos de Tommy se voltavam para aquele cofre. Não que ele tivesse reconsiderado roubar dos mortos - esse era um limite que ele ainda não estava disposto a ultrapassar -, mas a ideia de roubar para pagar sua dívida também não estava completamente fora de cogitação.

Pelo contrário, parecia ser a única maneira lógica de sair de sua atual situação financeira.

Mas se Tommy não roubaria dos mortos, o que dizer dos vivos?

E quanto a receber dinheiro de alguém cuja riqueza foi obtida por meios ilícitos?

Tommy colocou a van na direção e se afastou lentamente da cena do crime, agora com um destino bem definido em mente.

Enquanto dirigia, seus pensamentos se voltaram para algo que havia acontecido com ele há muito tempo. Na época do ensino fundamental, um valentão exigia que Tommy lhe pagasse cinco dólares todos os dias para que ele pudesse comprar um cheeseburger de merda e satisfazer seu desejo por gorduras saturadas. Quando Brian descobriu isso, em vez de desafiar o valentão como a maioria dos irmãos mais velhos faria, ele pegou o dinheiro da caixa de coleta na igreja e o deu a um Tommy desatento.

Por fim, o Padre Miller descobriu o esquema, mas, em vez de ficar com raiva, contou-lhes uma história de roubo de Pedro para pagar Paulo.

Havia muitos paralelos entre o que Tommy estava passando hoje e o que havia acontecido todos aqueles anos atrás.

Só que Tommy não tinha a intenção de roubar Pedro para pagar Paulo.

Em vez disso, ele ia roubar Pedro para pagar a Pedro.

E ele achava que sua consciência poderia estar de acordo com isso.

Capítulo 27

Tommy encostou a van branca no acostamento a cerca de duas quadras do *Taglia's*. Não era um dos veículos mais discretos que se poderia imaginar, mas seu irmão ainda tinha o carro. Não era um dos veículos mais discretos que você poderia imaginar, mas seu irmão ainda tinha o carro.

Brian ainda está dificultando as coisas para mim...

Ele imaginou que, se Nick estava mandando segui-lo - o que era uma possibilidade clara -, então ele já estava praticamente morto.

Também era possível que Nick ainda estivesse no restaurante, o que também seria um desastre para Tommy. Mas, enquanto tirava a jaqueta de couro, dobrava-a e a colocava gentilmente no banco do passageiro, ele se lembrou do tempo em que estava do outro lado da mesa com o homem.

A taça de vinho de Nick estava vazia e ninguém havia tentado enchê-la para ele. Da mesma forma, seu charuto havia sido reduzido a um pedaço de cinza.

Se Nick tivesse a intenção de ficar por perto até que ele voltasse com o dinheiro, Tommy suspeitava que ele estaria fumando outro charuto e insistindo para que seu copo continuasse cheio.

Nick também mencionou que a equipe da cozinha tinha ido para casa. Em menor grau, o fato de Tony estar usando seu paletó esportivo e Vinny, uma jaqueta, sugeria que eles poderiam ter outros assuntos a tratar nesse ínterim.

Se eles estivessem presentes, se os três homens estivessem apenas jogando *Briscola*, Tommy se fingiria de bobo e diria que estava voltando para dar a má notícia.

Se eles o pegassem em flagrante... bem, só se pode matar um homem uma vez.

Na parte de trás da van, Tommy trocou a jaqueta de couro por um capuz escuro. Em seguida, procurou o estojo amarelo e rígido. Antes de abri-la, ele tirou o tênis de corrida esquerdo e, em seguida, a meia. Ele colocou o tênis de volta, mas deixou os cadarços desamarrados, antes de voltar sua atenção para a maleta.

Dentro de um encaixe de espuma, havia um disco circular com cerca de cinco centímetros de espessura e três centímetros e meio de diâmetro.

Era metálico e pesado, e Tommy o colocou dentro da meia e, em seguida, colocou o pacote no bolso central do moletom.

Se ele não chegasse ao ponto de arrombar o cofre, seria uma arma formidável.

Depois de confirmar que suas ferramentas de arrombamento estavam em sua carteira, Tommy abaixou a cabeça e começou a caminhar *em* direção ao *Taglia's*, no lado oposto da rua.

Ele fingiu não estar prestando atenção, mas estava observando sub-repticiamente o ambiente ao seu redor.

A entrada da frente era escura e desprotegida - não era fácil para um homem do porte de Tony se misturar às sombras - e Tommy sentiu seu ânimo se elevar.

Talvez... talvez isso funcione.

Ele passou pelo restaurante e continuou andando por meio quarteirão. Satisfeito com o fato de que, se alguém o estivesse observando de dentro do restaurante, não seria mais capaz de vê-lo na escuridão, ele parou para amarrar o cadarço do tênis.

Havia um beco que passava atrás do *Taglia's*, do qual Tommy suspeitava devido à localização da porta EXIT que ele tinha visto lá dentro.

Depois de respirar fundo para acalmar os nervos e limpar os pulmões, ele atravessou a rua correndo em direção ao beco.

Sempre olhando ao redor, Tommy ficou aliviado ao ver que não havia câmeras de segurança óbvias na entrada do beco ou acima da porta enferrujada que dava para o *Taglia's*.

Ele suspeitava que um homem como Nick, que se orgulhava de sua honra e respeito, não precisaria de tais comodidades modernas.

Mais uma coisa, Tommy, mais uma coisa que você deve saber sobre mim antes de fazermos negócios juntos: Não gosto de pessoas desonestas. Não gosto de trapaceiros, mentirosos ou ladrões.

Por precaução, Tommy ajustou o capuz e se inclinou para perto da parede enquanto inspecionava a fechadura.

Além disso, somente um homem com um desejo de morte roubaria o mafioso mais poderoso de Nova York.

Tommy pegou suas ferramentas de arrombamento de fechaduras e começou a trabalhar.

Ou isso, ou um homem que já estava com o tempo emprestado.

A fechadura era tão antiga que ele nem precisou alinhar todos os tambores: uma vez que os dois primeiros estavam no lugar, bastava levantar e puxar um pouco e a porta se abria facilmente.

Tommy estava prestes a entrar no *Taglia's* pela segunda vez naquela noite, quando hesitou. Ele tinha chegado até aqui, mas voltar atrás ainda era uma opção.

Ele suspirou e fechou os olhos por um momento.

É isso, Tommy, é isso. Você está prestes a roubar Pedro para pagar Pedro.

Tommy abriu os olhos e puxou a porta o suficiente para entrar.

Só que, nesse caso, Pedro não era um apóstolo que guardava os portões

do céu, mas um homem que já havia deixado claro que não teria problema algum em mandar Tommy diretamente para o inferno.

Capítulo 28

Tommy fechou a porta atrás dele, mas não totalmente - apenas o suficiente para garantir que nenhuma luz do beco entrasse no restaurante.

Assim que reconheceu a poltrona em que estava sentado à frente de Nick, Tommy conseguiu se orientar dentro da sala. Havia quase uma dúzia de pinturas a óleo de aparência cara penduradas nas paredes, todas as quais poderiam ser adequadas para esconder um cofre.

Mas Tommy tinha quase certeza de que nenhum dos tesouros de Nick estava contido nessa sala. Essa sala era para realizar negócios, não para *guardar* negócios.

Ele também duvidava que o homem fosse esconder dinheiro na área de assentos da frente, a área reservada para civis comuns. O que deixava a cozinha como o local mais provável, supondo, é claro, que Nick tivesse algum dinheiro ali.

Tommy deu três passos na direção da cozinha antes de parar.

Ele pensou ter ouvido algo, algo pequeno e leve, como os passos de um rato.

Tommy prendeu a respiração enquanto esperava que o som se repetisse, mas isso não aconteceu.

Você está imaginando coisas... não há ninguém aqui.

Ele esperou por outra contagem silenciosa de dez antes de continuar em direção à cozinha.

Mesmo durante as primeiras horas da noite, essa área do restaurante estava bem iluminada. A forte iluminação de LED que vinha de cima refletia em vários fornos e fogões comerciais da Wolf, causando um efeito caleidoscópio desorientador. Tommy parou para olhar ao redor, surpreso com o quanto tudo parecia atualizado em relação à decoração antiquada da sala de reuniões.

No centro da cozinha havia uma estação de preparação, completa com luzes de aquecimento que eram as únicas que a equipe noturna não havia deixado acesas.

À esquerda, perto de onde ele havia entrado pelo corredor, havia uma fileira de fogões, enquanto à direita havia uma despensa parcialmente bloqueada pelo que parecia ser uma estação de corte móvel.

Sabendo que não tinha tempo para procurar dinheiro em todas as panelas e frigideiras, Tommy usou sua experiência para identificar os três locais mais prováveis onde Nick poderia esconder seu dinheiro: a despensa bloqueada, a ilha central e algum tipo de recipiente de metal no chão, ao lado do conjunto de fogões.

Tommy começou da esquerda para a direita, começando pela lixeira de metal. Ela estava trancada, mas era um cadeado simples que parecia ter sido comprado em uma loja de artigos de luxo. Ele nem precisou abrir esse cadeado; simplesmente puxando a haste, o corpo de metal se esticou o suficiente para que ele o soltasse.

Tommy ficou desapontado ao encontrar apenas um extintor de incêndio e espuma retardante de fogo em seu interior. O motivo pelo qual estava trancado e como isso aconteceria em um incêndio era um mistério.

Fazendo careta, ele recolocou a fechadura como estava, apertando-a de volta no lugar.

O próximo local que ele inspecionou foi a despensa bloqueada. O som que a estação de corte fez quando Tommy a tirou do caminho foi suficiente para fazê-lo se encolher, mas não o suficiente para atrasá-lo.

A despensa continha apenas produtos de panificação.

Merda.

Lutando contra a vontade de descarregar suas frustrações rasgando os sacos de farinha, Tommy olhou em volta novamente.

Um último ponto...

Trocando o cuidado pela conveniência, Tommy passou os dedos ao longo do comprimento da ilha central, procurando uma porta ou trinco secreto.

Não encontrando nada, ele abriu uma das gavetas e empurrou todos os talheres para a esquerda. Com os nós dos dedos, ele bateu na parede interna, ouvindo atentamente o som que fazia.

Era oco.

Tommy se afastou e observou a ilha mais uma vez.

Ladeado por duas colunas de gavetas, havia uma peça central sólida com cerca de 30 centímetros de largura.

Lá dentro... tem que estar lá dentro.

Em vez de usar os dedos para procurar uma costura dessa vez, Tommy pegou o canivete quebrado com as letras RTW no cabo.

Ele pressionou o interruptor e a ponta de uma lâmina disparou. Começando no canto superior esquerdo, Tommy passou a faca logo abaixo da borda de duas polegadas da bancada de mármore. Ele percorreu toda a extensão da área central plana e, em seguida, desceu pela lateral das gavetas.

Onde diabos está? Onde está o interruptor?

Ele estava a três quartos do fundo quando a lâmina bateu em algo que interrompeu seu progresso.

Tommy aplicou pressão e ouviu um clique fraco.

Usando o pedaço de lâmina como alavanca, ele empurrou.

E então Tommy começou a sorrir.

A porta oculta embutida na ilha se abriu, revelando um grande

cofre digital em seu interior.

Capítulo 29

Tommy olhou para o cofre com uma espécie de reverência. Ele não apenas havia encontrado o cofre inexplicavelmente, mas, por um golpe de sorte, ele também era digital.

Ele piscou rapidamente e tirou o ímã pesado do bolso central do moletom. Segurando a meia com os dedos suados, Tommy a deixou pairar perto do canto superior direito. Ele se aproximou uns dois centímetros da porta grossa antes que o ímã voasse de sua mão e se prendesse ao metal.

Tommy não ouviu as barras se retirarem, então usou a meia para mover um pouco o ímã. Ele o empurrou para cima e houve um zumbido metálico quando o solenoide de níquel foi ativado.

As barras se recolheram na porta e, então, com um sorriso tão grande que suas bochechas começaram a doer, Tommy abriu o cofre.

"Que porra é essa?"

Estava completamente vazio.

Não havia dinheiro, nem joias da coroa, nem mesmo poeira.

Não havia absolutamente nada no cofre.

Tommy fechou a porta e xingou alto o suficiente para que o som ecoasse por toda a cozinha.

Isso é besteira, pensou ele. Isso é uma grande besteira.

Ele fechou o cofre e usou a meia para puxar o ímã. Depois de pressionar o botão de trava e ouvir as barras deslizarem de volta para o lugar, Tommy fechou a porta oculta no centro da ilha.

Nick havia dito que Oscar estava programado para receber seu salário mensal hoje, mas Tommy achou que isso era apenas um truque, um teste.

Mas agora ele não tinha tanta certeza.

O cofre vazio...

Tommy balançou a cabeça. Ele não acreditava que a única fonte de renda da *Casata Sacra* fosse o dinheiro de pequenos negócios com drogas.

Não, tinha que haver dinheiro aqui.

Simplesmente *tinha* que haver.

Dinheiro de exploração, certo? Era isso que a máfia fazia, não era? Ofereciam "proteção" contra si mesmos em troca de dinheiro?

Totalmente desesperado agora, Tommy se levantou e olhou em volta.

Onde ele o guardaria? Onde um homem como Nick Petrazzino guardaria seu dinheiro se não em um cofre?

Os olhos de Tommy acabaram caindo sobre a geladeira.

Era um local improvável, mas Nick era do tipo tradicional - o próprio homem havia dito isso. Talvez ele não gostasse de cofres ou estivesse sempre esquecendo a combinação.

Talvez...

Tommy abriu a geladeira e examinou o interior.

As prateleiras de arame que revestiam as três paredes estavam repletas de carnes, queijos e produtos frescos. Havia uma seção inteira do que pareciam ser almoços etiquetados para cada dia da semana.

Tommy suspirou.

Saia daqui, ele disse a si mesmo. *Entre na sua van e continue dirigindo.*

Ele estava prestes a fechar a porta quando algo chamou sua atenção. Na prateleira mais alta, havia seis latas grandes de tomates enlatados.

Eram tomates San Marzano, do mesmo tipo que sua amiga Carmen dizia ser a única variedade que deveria ser usada para molho de tomate ou pizza.

E eles estavam na geladeira.

Os tomates enlatados não deviam estar na geladeira.

Tommy voltou para dentro da geladeira e foi até a prateleira. Ele teve de ficar na ponta dos pés para alcançar as latas e, mesmo assim, era alto o suficiente para que as pontas dos dedos tocassem a tampa. Grunhindo e se esticando, Tommy prendeu a ponta de seu dedo indicador no metal e o puxou para frente.

Ela era muito mais leve do que o esperado e caiu da prateleira. Tommy deu um passo para trás e pegou a lata, mas a tampa bateu em seu braço e se desviou. Ele tentou pegá-la também, mas, ao fazer isso, derrubou a lata.

E então ele congelou. Mesmo com a tampa girando e vibrando no chão, fazendo um barulho infernal, ele não fez nenhum movimento para pará-la.

Seis maços de notas enrolados também caíram no chão.

Tommy não conseguia acreditar em seus olhos.

Cada uma das espirais de notas de cem dólares estava envolta em uma faixa grossa onde se lia: *US\$ 10.000*.

Engolindo com dificuldade, Tommy olhou para dentro da lata e viu que havia mais seis rolos dentro.

Em seguida, seus olhos se voltaram para as outras latas de tomate. Se todas elas estivessem tão cheias quanto a primeira, ele calculou que havia quase um quarto de milhão de dólares somente nessa geladeira.

Tommy rapidamente recolheu as notas caídas e as colocou de volta no contêiner. Havia um banquinho no canto e ele o moveu para lá.

Tentando ser o mais silencioso possível, Tommy puxou as tampas de cada uma das latas sucessivamente.

Era mais dinheiro do que ele jamais havia visto em sua vida.

Como esperado, cada lata continha doze rolos de dez mil dólares.

Com a boca subitamente seca, Tommy pensou no que fazer em seguida. Um homem sem dinheiro poderia fugir para o México e ser perseguido por Nick e pela *Casata Sacra*.

Um homem com quase um milhão de dólares tinha outras opções à sua disposição.

Tommy cerrou os dentes e xingou.

Isso resolveria todos os seus problemas, Tommy. Todos eles. Você pode pagar o aluguel do Marv, do Dustin, da Maria por meses... todos os seus problemas desapareceriam.

Tommy pegou dez rolos de notas e os enfiou nos bolsos. Seu moletom estava desajeitado, mas ele conseguiu fazer com que elas coubessem.

Ele estava ocupado espalhando o dinheiro das outras latas para passar em um exame de vista rápido, quando ouviu algo do lado de fora da geladeira.

Era o mesmo som suave de antes.

Tommy tirou o canivete quebrado do bolso e o segurou com força em uma das mãos antes de sair da geladeira.

Mas, mais uma vez, não havia ninguém lá.

Preocupado agora com todo o barulho que havia feito, Tommy virou o capuz sobre a cabeça e decidiu não abusar da sorte e sair dali. Ele entrou rapidamente na área de jantar privativa e foi em direção à porta. Sua palma tocou o metal frio, mas antes de empurrá-la o suficiente para passar, por algum motivo, Tommy se virou para trás.

Uma mulher estava no centro da sala com um sanduíche em uma das mãos. Ela era alta e magra, com cabelos castanhos ondulados que chegavam até os ombros. Usava uma calça de moletom que abraçava bem suas curvas e um moletom folgado que fazia o contrário.

E ela estava olhando diretamente para ele.

Tommy segurou o canivete de seu pai com força, chamando a atenção para a arma. Os olhos verdes da mulher se voltaram para o pedaço de aço esfarrapado de 5 cm.

No entanto, em vez de levantar a faca, Tommy clicou no botão que mandava a lâmina de volta para dentro e a colocou no bolso.

Ele não sabia quem era essa mulher, mas sabia que não iria machucá-la.

Um segundo depois, ele desejou poder fazê-lo.

A mulher levantou lentamente os olhos das mãos dele para o rosto e depois abriu a boca para gritar.

PARTE III

Os pecados dos outros

Capítulo 30

Nenhum som foi emitido.

Em vez de gritar, a mulher simplesmente abriu os lábios para dar outra mordida no sanduíche.

Era evidente que ela o tinha visto e que provavelmente sabia o que ele estava fazendo ali, mas, por algum motivo, a bela mulher não fez nada.

Além de mastigar seu sanduíche, é claro.

Tommy, não querendo testar sua sorte, fugiu para o beco antes que a mulher mudasse de ideia.

Com o queixo encostado no peito, Tommy atravessou a rua rapidamente.

Embora a mulher parecesse mais intrigada do que assustada ou irritada com sua presença, Tommy ainda esperava que sua van fosse cercada por mafiosos.

Não foi.

Tommy entrou no banco do motorista e soltou um suspiro de alívio.

Suas mãos tremiam tanto ao segurar o volante que, em vez de se arriscar a sofrer um acidente com o moletom cheio de dinheiro roubado, ele ficou sentado até que o tremor passasse.

O fato de Taglia permanecer escuro e quieto facilitou essa transição.

Quem era aquela mulher? Tommy se perguntou enquanto ligava a van e se afastava do meio-fio. Quem era ela e por que não gritou? Será que ela estava com medo de mim? Ou era outra coisa?

Quanto mais ele se afastava do Taglia's, menos ele achava que isso importava.

A única coisa que tinha algum peso eram os rolos de notas em seus bolsos.

Tommy não tinha certeza para onde ir. Não tinha certeza se deveria voltar para o depósito, para sua casa, encontrar o irmão ou simplesmente dirigir e matar a hora que faltava para pagar Nick Petrizzino com o dinheiro do próprio homem.

No final, seu estômago tomou a decisão.

Não se sabe se isso foi influenciado pelo sanduíche da mulher ou pelo tempo passado na geladeira. Mas Tommy sentiu como se não

estivesse comendo há meses.

E com essa percepção, veio uma sensação de calma. Seus pensamentos já não estavam mais correndo sobre seu irmão, sobre um barril com um corpo dentro, sobre dinheiro devido.

Ele agora estava concentrado em apenas uma coisa: comida. E havia apenas um lugar em toda a cidade de Nova York que ele considerava comer a essa hora.

Tommy Wilde parou sua van branca do lado de fora da *Rose's Delicatessen*.

Assim como o *Taglia's*, o local era escuro, mas isso não provocava ansiedade.

Em vez disso, ele se apresentou como um desafio.

Tommy pensou em tirar o dinheiro do moletom e vestir o casaco de couro, mas decidiu não fazê-lo; afinal, era Nova York.

Não seria inédito que alguém roubasse de um ladrão.

Tommy deu um passo para fora da van e estremeceu. Suas pernas estavam rígidas e doloridas devido à longa noite que tivera.

Fazendo uma careta, ele esticou os membros enquanto se dirigia à porta da frente de *Rose*.

Era previsível que estivesse trancada, mas isso não foi obstáculo para Tommy Wilde. Ele pegou sua carteira e ferramentas de arrombamento e se agachou de modo que a fechadura ficasse na altura dos olhos.

Então ele deu uma risadinha.

A fechadura era nova, uma *Best*, que era uma das fechaduras mais difíceis de arrombar.

Mas ele estava pronto para o desafio. Em poucos minutos, ele conseguiu deslizar a fechadura para trás.

Ele pensou, sorrindo, que havia *superado o melhor*.

Tommy entrou na delicatessen e inalou profundamente.

O cheiro de sopressata, salame calabresa e queijo fontina doce era inebriante.

Ele havia se dirigido ao balcão da delicatessen quando as luzes se acenderam.

Assustado, ele olhou para a escada nos fundos da loja. Um homem grande, vestindo um pijama listrado, veio descendo a passos largos.

"Tommy?", perguntou o homem em uma voz sonolenta.

Tommy permaneceu em silêncio.

"Tommy? É você?"

Enquanto o homem se dirigia ao balcão, Tommy finalmente se manifestou.

"Você acha que esse cadeado vai me impedir, Carmen? Quando eu estiver com fome?"

O homem riu.

"Um dia desses, vou encontrar um que você não possa escolher."

"Duvido. Pode demorar um pouco, mas ainda não encontrei uma fechadura que eu não consiga abrir."

O velho bocejou.

"Vamos ver isso. Que horas são?"

"Não sei, três horas? Talvez um pouco mais cedo?"

"Suponho que não seja tarde demais para comer", disse o homem, esfregando o estômago grande.

"Nunca é tarde demais para comer."

"Deixe-me adivinhar, você quer um sanduíche?"

Tommy sorriu.

"Alguma vez houve alguma dúvida, Carm?"

"Com você? Não. Você é tão previsível quanto parece, Tommy."

Capítulo 31

Como que para provar o ponto de vista do homem, Tommy observou Carm preparar para ele o mesmo sanduíche que havia feito durante anos.

Pão focaccia de alecrim fresco coberto com provolone, montes de salame picante e jardinière em conserva.

Quando ele terminou a construção, Carm cortou o sanduíche ao meio e deslizou o prato pelo balcão até ele.

Tommy estava prestes a agradecer ao homem, mas Carm levantou um dedo preventivamente. Ele se aproximou do balcão e pegou duas cervejas. Depois de abrir as tampas de ambas, o homem grande sorriu e passou uma para Tommy.

Eles se animaram e tomaram um gole.

A sensação do líquido frio ao descer foi incrível.

"Obrigado, Carm. Isso é ótimo - odeio acordá-la no meio da noite, mas quando a fome chama..."

Carmen riu, o que fez a pele macia sob o queixo dele tremer e estremecer.

"Não, não se preocupe com isso. Não durmo tão bem quanto antes. Toda vez que me deito, tenho de me levantar para mijar. A maldita próstata é do tamanho de uma toranja."

Agora foi a vez de Tommy rir.

"Nem mesmo suas piadas podem estragar meu apetite esta noite, Carm", disse ele enquanto concentrava toda a sua atenção no sanduíche que tinha diante de si. Como sempre, estava fantástico; o melhor.

Carm o deixou comer em paz. Tommy sabia que estava sendo observado, mas não deixou que isso o atrasasse. Era o mínimo que podia fazer: mostrar ao homem que apreciava sua culinária.

Assim como o Padre Miller, Carmen Romano era excelente em ouvir e fornecer informações quando solicitada. Também como o padre, Carm se contentava em ficar quieta. Isso era o que Tommy normalmente preferia, especialmente enquanto estava comendo.

Mas não havia nada de típico nesta noite.

Tommy abriu a segunda metade do sanduíche e tirou um pedaço de salame.

"Estou cansado", disse ele suavemente enquanto colocava o salame na boca.

"Sim, e você também não está com uma aparência muito boa, Tommy."

Tommy passou a mão em seu cabelo curto e preto e respirou fundo.

"E você parece ter engordado um pouco."

Tommy fez uma careta e olhou para si mesmo.

Ele havia se esquecido dos cem mil dólares que havia enfiado nos bolsos.

De maneira característica de Carm, ele deu a Tommy uma abertura: ele poderia falar sobre o que havia acontecido com ele ou poderia rir do comentário.

A decisão era dele; Carm nunca pressionava.

"Muitos sanduíches, eu acho. Talvez você devesse pegar leve com o salame da próxima vez."

Carm ficou quieta enquanto Tommy dava outra mordida, saboreando cada pedaço.

Depois que o sanduíche ficou pronto, Tommy tomou um longo gole de sua cerveja.

Em seguida, ele arrotou e limpou a boca com um guardanapo que Carm prontamente forneceu.

"O que você sabe sobre Nick Petrazzino?" perguntou Tommy de repente.

Ele estudou cuidadosamente o rosto do amigo ao fazer a pergunta. Normalmente, nada perturbava o homem, especialmente vindo de Tommy. Mas, nesse caso, seus lábios se contraíram e seus olhos se estreitaram.

"Eu sei que ele é do velho país... ou, pelo menos, é isso que ele quer que os outros pensem."

Tommy assentiu.

Isso ele já sabia pelo pouco tempo que passou com o homem.

...é isso que ele quer que os outros pensem.

Historicamente, a máfia tinha se mantido longe do comércio de drogas, e quase todo mundo sabia que esse era um dos motivos pelos quais sua influência tinha diminuído nas últimas décadas. Enquanto os antecessores *da Casata Sacra* se recusaram a vender os produtos mais lucrativos já criados pelo homem, as gangues de rua fizeram deles seu recurso número um. E isso gerou muito dinheiro. Grupos como a *Casata Sacra* não podiam mais exercer pressão sobre outros, extorquir pequenas empresas em troca de proteção. Além disso, agora só havia um negócio: drogas. Tudo isso foi antes de Ken Smith ter reduzido a concorrência.

E com essa nova vaga, Nick e outros como ele queriam participar da ação. Para voltar ao jogo, mesmo que tivessem perdido os primeiros turnos.

"Mas... até onde eu sei, ele é um homem justo. Duro, inabalável, mas justo."

Tommy acenou novamente com a cabeça.

Essa também foi a impressão que ele teve.

"E onde ele está na hierarquia? No totem dos *mafiosos*?"

Carmen mastigou a parte interna de seu lábio.

"Para ser sincero, as coisas estão mudando desde que Ken Smith desapareceu. Mas, se eu tivesse que dar um palpite, diria que está perto do topo. Há rumores de que a *Casata Sacra* está procurando fazer uma mudança para substituir Ken Smith."

Nada como o cara do sanduíche local para conhecer o funcionamento interno da máfia, pensou Tommy com um sorriso.

Ficou claro que Carm queria saber por que ele estava perguntando sobre Nick e a máfia, mas ele se conteve.

A melhor pergunta era o que diabos Nick queria com Tommy.

Ele entendeu o pagamento da dívida, o fato de salvar a face após a morte de um de seus homens.

Mas o que diabos ele poderia querer com a *Wilde Clean-up*?

Tommy desviou os olhos e bebeu sua cerveja em silêncio. Quando ele terminou, Carm lhe ofereceu outra.

Tommy pensou no assunto, mas recusou.

"Acho que se eu tomar outro, vou dormir aqui mesmo nesta banqueta."

"Parece que você está precisando dormir um pouco."

Tommy suspirou. Seu velho amigo estava brincando com ele, mas, assim como as mentiras, havia um grão de verdade escondido em todas as melhores piadas.

"Brian se meteu em encrenca de novo", disse Tommy inesperadamente. Ele não ofereceu nenhuma continuação entre isso e suas perguntas anteriores sobre Nick Petrazzino, mas Carm era esperta o suficiente para saber que as duas coisas não eram totalmente independentes.

Houve uma época, há muito tempo, quando ainda eram crianças, em que Tommy e Brian estavam sentados juntos no bar, mastigando palitos de pepperoni.

Mas Brian havia parado de vir aqui há muito tempo.

Carmen suspirou e, pela primeira vez, desde que Tommy se lembra, o homem fez um julgamento.

"Quando você vai parar, Tommy?"

Tommy fez uma careta.

"Parar...?"

Carmen colocou as patas carnudas sobre o balcão e se inclinou para frente, deliberadamente fazendo contato visual.

"Quando você vai parar de limpar a bagunça do seu irmão, Tommy?"

Tommy suspirou e desviou o olhar.

"Não posso, Carm", disse ele, balançando a cabeça. "Você sabe que não posso parar. Você sabe por que ele é do jeito que é."

Carm não recuou.

"Você não está em dívida com ele pelo que aconteceu, Tommy - não foi culpa sua. E você não pode viver sua vida inteira cuidando dele, especialmente quando isso significa fazer sacrifícios em sua própria vida."

Tommy fechou os olhos e não se surpreendeu com a lembrança que surgiu da escuridão.

Seu pai não está aqui e não vai voltar.

"Sim, talvez", disse ele suavemente.

Felizmente, embora Carmen estivesse claramente insatisfeita com a resposta, ele optou por mudar de assunto.

"Como você está ganhando dinheiro hoje em dia, Tommy? Como estão os negócios?"

"Uma merda", ele respondeu sem rodeios.

Carmen sorriu.

"Sabe, Tommy, não importa quão pobre você seja, é livre para ter sonhos caros."

Carmen era conhecida por seus chavões, mas esse era novo e tocou Tommy.

"Vou ter que me lembrar disso."

Carm pegou o prato vazio de Tommy.

"Ou você pode voltar e trabalhar para mim novamente, lavar pratos como antes."

"Ainda não estou tão desesperado", mentiu Tommy.

"Bem, se for esse o caso, que tal começar a pagar sua conta?"

"Um dia, eu lhe pagarei, Carm. Um dia, eu lhe pagarei por tudo o que você fez por mim e você poderá se aposentar feliz e gorda."

Carmen franziu os lábios.

"Já estou gordo e feliz. O que o faz pensar que quero me aposentar?"

Não importa quão pobre você seja, é livre para ter sonhos caros.

Tommy olhou o velho de cima a baixo.

"As bolsas sob seus olhos, por exemplo."

"Acho que eles fazem cremes para isso".

Os dois riram com a ideia de o homem enorme aplicar creme para os olhos antes de dormir.

Tommy agradeceu a Carm mais uma vez e estava se dirigindo à porta quando foi chamado de volta.

"Você já o visitou?"

Tommy lambeu os lábios e resistiu ao impulso de se virar.

"Não."

"Acho que já está na hora de você visitá-lo, Tommy. O que aconteceu com você... o que aconteceu com seu irmão não foi culpa nem sua nem dele."

Tommy alcançou a maçaneta da porta e a puxou.

"Obrigado pelo sanduíche, Carm. E não se esqueça de passar o creme para os olhos."

Capítulo 32

Enquanto olhava para o refrigerador humano que havia assumido seu posto habitual do lado de fora do *Taglia's*, Tommy mais uma vez pensou em correr.

"Que se dane."

Tommy retirou os rolos de notas de seu moletom e tirou as faixas. Em seguida, fez pilhas organizadas e as colocou em uma sacola de supermercado. Ele olhou para a pilha de dinheiro, antes de fazer uma careta.

Insatisfeito, ele colocou a mão dentro da bolsa e sacudi as notas, amassando algumas delas no processo.

Na TV, acordos como esse eram sempre feitos com malas caras, contas que eram colocadas em prática por banqueiros.

Na vida real, Tommy não tinha esse luxo.

"Que se dane", disse ele novamente, tirando o moletom e substituindo-o por sua jaqueta de couro.

Se eu for morrer, vou ficar bem ao fazê-lo.

Ele saiu da van e se aproximou de Tony, segurando a sacola plástica com firmeza em uma das mãos.

O homem olhou para a bolsa e levantou uma sobrancelha.

"Achei que você não voltaria."

Ele pegou a bolsa, mas Tommy a puxou para trás.

"E eu não achei que você pudesse falar."

O comentário tirou o sorriso do rosto do homem. Tony agarrou Tommy dessa vez, mas, mais uma vez, ele saiu do alcance do homem.

"Não me toque."

"Preciso revistá-lo."

"Isso não vai acontecer", respondeu Tommy, mantendo sua posição.

Tony parecia irritado e confuso.

"Eu só estou..."

"Agora sou sócio do Nick, você não se lembra? Tenho o dinheiro dele bem aqui. E nós dois sabemos que ele está me esperando. Se quiser deixá-lo esperando, fique à vontade. Já foi uma noite fodida, por que deveria terminar agora?"

Claramente não acostumado a ser desafiado dessa forma, Tony olhou para Tommy como se estivesse tentando determinar se ele estava falando sério.

Por fim, o homem deu de ombros e se afastou.

"Bom", disse Tommy enquanto entrava no restaurante. Ele sabia exatamente como chegar à sala de jantar secundária - onde se encontraria com Nick - mas, para o caso de alguém estar observando,

fingiu que era a primeira vez que navegava pelo restaurante.

Como antes, o local estava vazio, exceto por Vinny e Nick, o primeiro em pé no corredor entre a cozinha e a segunda área de jantar.

Tommy resistiu à vontade de olhar para o homem. Não era preciso ser um gênio para perceber que a aversão deles era mútua.

Vinny, orgulhoso como era, estaria procurando qualquer desculpa para se vingar de Tommy por tê-lo derrotado com a arma do próprio homem.

E esse homem será meu parceiro? É mesmo?

Tommy seguiu em frente e se aproximou de Nick Petrazzino.

O homem estava sentado em uma mesa que era claramente a sua favorita. A única diferença era que, dessa vez, seu charuto estava aceso e sua taça de vinho estava cheia.

Tommy foi até ele e deixou a bolsa no centro da mesa.

Sem dizer uma palavra, Nick olhou para a bolsa com curiosidade antes de fazer um gesto para que Tommy se sentasse.

Tommy cruzou os braços sobre o peito e permaneceu de pé. Da última vez, ele havia sido nocauteado e jogado na cadeira enquanto estava inconsciente.

Desta vez, ele estava aqui por vontade própria. O que significava que ele teria pelo menos uma palavra a dizer sobre o andamento da reunião.

"Está tudo lá. Todos os cem mil dólares."

Nick olhou para a bolsa, inclinando a cabeça como se estivesse tentando contar as notas através do plástico fino.

"Estou feliz por você ter voltado", disse ele suavemente. Nick estendeu a mão, mas não para pegar o dinheiro; em vez disso, pegou seu charuto e deu uma baforada. "Eu sabia que você era engenhoso, Tommy, mas isso é bastante surpreendente. Ainda assim, estou feliz por você ter voltado com meu dinheiro. Isso solidifica nossa parceria."

Tommy não compartilhava do entusiasmo do homem.

"Sim, sobre isso. Você disse que o Oscar estava faturando cem mil por mês, certo?"

Nick assentiu e tomou um gole de vinho entre uma tragada e outra de seu charuto.

"Então tenho uma proposta para você. Concordo em lhe pagar o dinheiro todo mês - pontualmente, sempre. Mas quero ter a opção de comprar meu negócio de volta de você. Não agora, talvez não por um tempo. Mas quando eu conseguir juntar um milhão de dólares, quero poder comprar de você."

Nick levantou uma sobrancelha.

"Tommy, Tommy, Tommy. Você vem aqui, ao meu restaurante, recusa-se a permitir que Tony o reviste e nem sequer reconhece Vinny

- seu parceiro. Então você começa a fazer exigências?"

A garganta de Tommy estava seca novamente e ele se arrependeu de não ter optado pela segunda cerveja.

"Acho que é um acordo justo. E acho que você é um homem justo."

Nick o encarou por uns bons trinta segundos antes de falar.

"Vinny?", disse ele por cima do ombro. O homem magro se aproximou rapidamente.

"Sim, Nick?"

"Um milhão de dólares... o que você acha? Você acha que a empresa de Tommy vale a pena?"

Vinny fez uma careta.

"Acho que não vale a pena..."

Nick acenou com a mão, silenciando seu cãozinho de estimação. O homem deu uma última tragada em seu charuto e suspirou alto.

"Talvez seja porque estou cansado - não durmo bem ultimamente e o pouco que durmo é muitas vezes irregular - e isso está afetando minha tomada de decisão. Quem pode saber? Mas concordo com você, acho que sua proposta é justa. Um milhão de dólares e você pode ter a *Wilde Clean-up* de volta, só para você. Desde que você mantenha os pagamentos mensais até lá".

Interiormente, Tommy estava em êxtase. Por fora, ele estava calmo e relaxado.

"Então está decidido."

Nick inclinou a cabeça.

"Não, não exatamente."

"O que você quer dizer com isso? O dinheiro está todo aí. Você pode contá-lo. Todos os cem mil."

Nick continuou olhando fixamente, e Tommy sentiu que sua fachada estava começando a se desfazer.

Ele achava que tinha planejado tudo perfeitamente, que tinha levado tudo em consideração.

O que diabos eu perdi?

"Conte", insistiu Tommy. "Conte..."

Nick acenou com a mão.

"Tenho certeza de que há cem mil dólares aí, Tommy. De fato, eu apostaria nisso."

"Então, qual é o problema?"

Tommy estava tentando manter o desespero fora de sua voz, mas temia que fosse apenas uma questão de tempo até que ele perdesse o controle.

"Bem, como você disse, sou um homem justo. O que significa que preciso obter um preço justo pelo que me é devido."

"Sim, Oscar... cem mil, foi o que você disse."

"Eu sei o que eu disse, Tommy."

Nick acenou para Vinny, que estava com um sorriso de orelha a orelha. Ele deu um passo em direção a Tommy, que deu um passo para trás.

"Não me toque", advertiu ele. "Não..."

Tommy estava tão concentrado em Vinny e Nick que nem ouviu Tony se aproximar por trás.

O homem o envolveu em um abraço de urso apertado, prendendo seus braços contra as laterais do corpo.

"Que porra é essa?", ele gritou. "Que porra está acontecendo? Eu lhe paguei seu dinheiro!"

Nick se levantou.

"Você pagou pela vida de Oscar, Tommy. Pagou o dinheiro que ele me daria esta noite e pagou com seus negócios para ganhos futuros. Mas há uma coisa pela qual você não pagou."

Tommy começou a se debater, embora estivesse claro que não havia como escapar do controle de Tony.

Era a mulher... a que estava comendo o sanduíche? Ela disse ao Nick que eu roubei o dinheiro dele? É disso que se trata?

Tommy não achava isso; se a mulher tivesse contado a Nick sobre o roubo, ele já estaria morto. Não haveria charada. Sem jogos, sem negociação.

E depois?

"O anel, Tommy", esclareceu Nick por fim. "Você ainda me deve o anel do Oscar."

Capítulo 33

Tommy finalmente entendeu. Era tarde demais, mas agora ele entendia.

Brian havia roubado o anel de Oscar e o vendido. Mas Nick não sabia disso - ele achava que Tommy havia roubado o anel.

De qualquer forma, essa dívida ainda estava pendente.

Tommy não tinha certeza se isso fazia parte do plano desde o início ou se ele havia levado Nick a tomar a decisão com suas exigências.

"Eu posso conseguir o dinheiro, juro", Tommy implorou. "Só preciso de tempo. Você tem que me dar tempo!"

Mas Nick não estava gostando nada disso. Ao pedir, Tony levantou Tommy e o colocou de costas sobre a mesa.

"Há algumas coisas que eu me recuso a tolerar, Tommy. E roubar é uma delas. Aceito melhor o destino do Oscar do que o fato de você roubar o anel do homem e vendê-lo. Nesse caso, dinheiro não é suficiente. Você deve pagar, Tommy, mas não em dinheiro".

Tommy se debateu furiosamente, mas Tony era forte demais.

"Não há problema em matar, mas não em roubar?"

Nick fez uma careta.

"Isso pode ser difícil para você entender, Tommy", disse ele lentamente. Pelo canto do olho, Tommy viu Vinny mover a ponta do que parecia ser um atizador de metal de lareira em uma vela acesa.

"Mas Oscar tinha seus problemas. Embora eu não saiba qual era o seu problema específico com o homem - e não me interessa saber -, eu não aprovava muitas coisas que ele fazia. Mas, independentemente dos limites que Oscar possa ter ultrapassado, eles não justificavam roubar a propriedade dele depois que ele se foi e vendê-la. Com o tempo, você entenderá essa diferença".

"Por favor", Tommy implorou. "Por favor, Nick, eu lhe devolverei o anel... só preciso de um pouco de tempo."

"Assim como seu milhão de dólares, Tommy, isso não é negociável. Mas como gosto de você, vou deixá-lo escolher."

Os olhos de Tommy se arregalaram.

"Escolher? Escolher o quê?"

Vinny, que ainda estava alimentando a vela com o pedaço de metal quente, pegou o que parecia ser um cortador de charutos com a outra mão.

"Qual dedo, Tommy? Sou um homem velho, um homem antiquado, mas me contento com um dedo em vez de uma mão. Vou até deixar você escolher".

Tommy estava à beira das lágrimas agora.

"Não, eu não vou escolher! Isso é... isso é loucura. Eu tenho seu dinheiro, cem mil dólares. Quanto pode valer o anel?"

Assim que as palavras saíram de sua boca, Tommy se arrependeu. Nick começou a acariciar o anel em seu próprio dedo mindinho, um que, com base na fotografia que ele tinha visto, era muito parecido com o de Oscar.

"Escolha", ordenou Nick.

"Não, não vou. E-EU-EU-"

Nick deu de ombros.

"Vinny, se ele não quiser escolher, então você..."

"Muito bem, porra! Mão esquerda, dedo mínimo. Dedo mínimo!"

Tommy gritou.

Tudo aconteceu tão rápido que Tommy mal teve a chance de se debater, não que isso tivesse feito diferença.

Nick virou as costas e Tony esticou o braço esquerdo de Tommy, prendendo-o dolorosamente contra a mesa.

Tommy instintivamente tentou se afastar, rolar para longe, fazer qualquer coisa, mas Vinny estendeu a mão enquanto Tony o segurava com força.

"Da próxima vez, eu escolho", sussurrou Vinny enquanto colocava o dedo mínimo de Tommy dentro do cortador de charutos e o empurrava até a segunda junta.

A lâmina cortava facilmente a pele e o músculo e, com um pouco mais de esforço, também cortava o osso.

Houve um momento de choque total durante o qual Tommy viu seu dedo mínimo separado da mão, mas sem a dor esperada.

Tudo isso mudou, no entanto, quando o ferro de marcar foi pressionado diretamente em sua carne.

A dor que se seguiu a isso foi incomensurável.

Tommy abriu a boca e gritou mais e mais alto do que jamais havia feito antes.

Capítulo 34

Tommy saiu cambaleando do *Taglia's* com o cotovelo esquerdo dobrado e a mão machucada pressionada contra o peito. Isso direcionou o sangue para longe de sua mão, reduzindo a dor que ameaçava derrubá-lo. A boa notícia era que o ferimento havia parado de sangrar. Nick teve a gentileza de colocar ataduras em volta dos nós dos dedos e o tecido, que antes era vermelho vivo, agora era marrom escuro.

Mas as bandagens não estavam ficando mais escuras ou mais saturadas.

Delirante, Tommy abriu a porta de sua van e deslizou para trás do volante.

Brian fez isso comigo, ele pensou miseravelmente. Brian foi longe demais dessa vez, ele me custou a porra do meu dedo.

Tommy encontrou um frasco de Tylenol vencido em sua caixa de ferramentas no banco de trás e tomou três comprimidos. A pura agonia quando o ferimento foi cauterizado foi algo que ele jamais poderia ter imaginado.

Mesmo agora que a dor havia se reduzido a um leve latejar - doloroso, sim, excruciante, não - o simples pensamento sobre o que ele havia passado fazia com que o suor brotasse em sua testa.

Tommy se encostou no assento e fechou os olhos, tentando fazer com que tudo isso - a mágoa, a sensação de traição, a insanidade de tudo isso - desaparecesse.

Não funcionou.

Ele abriu os olhos e olhou para os *de Taglia*. Tony estava lá e, embora estivesse muito escuro para ver o rosto do homem, Tommy sabia que ele estava sorrindo.

Ele ligou a van.

Não vou me esquecer disso. Mesmo depois que eu lhe trouxer um milhão de dólares pela sua metade do meu negócio, Nick, não teremos terminado. Nem de longe.

Essa era uma linha de pensamento inexplicável, é claro.

Um milhão de dólares? Como diabos eu vou conseguir um milhão de dólares?

Tommy passou pelo restaurante em um ritmo lento. Mas ele passou.

Se ele parasse, sabia que faria algo estúpido. Algo que acabaria com seu corpo sendo enfiado em um barril.

Não querendo correr o risco de ser parado pela polícia, pensando irracionalmente que seria Marv ou Scooter ao volante, Tommy

obedeceu a todas as leis de trânsito.

Ele dirigiu devagar, deliberadamente, o que lhe deu tempo para pensar. Por fim, quando a noite estava começando a diminuir, Tommy chegou ao seu depósito. Ele escaneou seu cartão no portão da frente e, em seguida, percorreu as fileiras até chegar à sua unidade.

A carranca em seu rosto tornou-se intratável quando ele viu seu próprio veículo estacionado do lado de fora.

Seu carro, aquele que Brian havia levado.

Tommy saiu da van, estremecendo com a dor que um movimento tão simples causava. Ele foi até seu Taurus e se abaixou para olhar pela janela do passageiro.

Com certeza, Brian estava encolhido atrás do volante. A boca do homem estava frouxa e suas pálpebras abertas apenas o suficiente para que Tommy pudesse ver o branco de seus olhos.

Tommy foi subitamente tomado pela raiva.

Você fez isso, Brian. Você fez tudo isso! Como seria mais fácil sem você em minha vida?

Tommy destravou o carro usando o chaveiro acoplado às chaves da van e abriu a porta.

Brian grunhiu e seus ombros se contorceram, mas ele não acordou.

Sem pensar, Tommy tirou o canivete do bolso e apertou o botão no cabo.

A lâmina pequena e quebrada apareceu. Embora fosse pequena em estatura, parecia de alguma forma adequada.

Brian não merecia uma lâmina inteira. Ele era patético, assim como a faca.

Tommy pressionou o canto pontiagudo contra a garganta do homem.

"Seria muito mais fácil se você não estivesse por perto?" Tommy sussurrou. "Quão mais fácil seria minha vida se você não continuasse a estragar tudo, Brian?"

Ele pressionou a lâmina contra a artéria latejante no pescoço de Brian e um filete de sangue escorreu pela pele pálida.

Tommy estava paralisado por esse rastro de sangue, não vendo seu irmão agora, mas sua própria mão.

Sua mão esquerda, a que estava faltando um dígito.

"Pai?" Brian sussurrou. "É você?"

Tommy, assustado com a infantilidade da voz de seu irmão, puxou a faca de volta e a colocou no bolso.

"Brian?"

Os olhos do homem estavam abertos agora, mas apenas um pouco mais do que antes.

Era evidente que ele ainda estava meio adormecido.

Que diabos aconteceu com você? Tommy se perguntou. *Que diabos*

aconteceu conosco?

"Tommy? O que está fazendo?"

Tommy usou a mão para passar casualmente a mão no rosto do irmão e depois passou dois dedos pelo pescoço, limpando o sangue.

"Nada, Brian", ele sussurrou. "Volte a dormir."

Brian não precisou de mais nenhum incentivo. Suas pálpebras se agitaram, seus olhos se reviraram e ele se recostou no assento como se nada tivesse acontecido.

E talvez nada *tenha* acontecido.

Ou talvez Tommy tenha quase matado seu irmão.

Com a mão doendo tanto que mal conseguia pensar, Tommy fechou a porta do carro e a trancou novamente.

Ele sabia que precisava dormir, que a exaustão o estava deixando irracional, que foi o que os levou a essa confusão em primeiro lugar.

Mas Tommy sabia que não conseguiria dormir esta noite. Era a dor, sim, mas também eram os pensamentos sobre o que ele tinha feito e o que não tinha feito que o manteriam acordado.

Havia apenas uma coisa que Tommy poderia fazer agora para mantê-lo ocupado. Uma coisa boa, para variar.

Algo de que ele poderia se orgulhar.

Se ele vivesse o suficiente para ver isso se concretizar.

Tommy, com a mão ainda agarrada ao peito, digitou o código de seis dígitos e entrou em sua unidade de armazenamento. Depois, com um olhar de despedida para o corpo adormecido de seu irmão degenerado, ele fechou a porta e começou a trabalhar.

Capítulo 35

Quando Tommy terminou o trabalho e carregou a van, o sol já havia começado a nascer. Não só isso, mas Tommy achou que seria um dia lindo.

Além disso, ele estava tão fascinado, tão consumido por sua tarefa, que quase se esqueceu do desconforto em sua mão. Ainda estava lá, atormentando-o, mas agora era mais agradável. Duas vezes ele trocou o curativo e, na segunda vez, ganhou coragem suficiente para olhar o trabalho de Vinny.

Se a limpeza da cena do crime não desse certo para o homem - o que Tommy suspeitava que não daria - então ele poderia ter uma segunda opção de carreira em cirurgia.

A ferida estava reta e uniforme e, embora com bolhas, a cauterização estava completa. Claro que vazou um pouco, mas a substância que escorreu era clara - células plasmáticas - o que era um bom sinal.

Tommy quase se sentiu grato por Nick ter deixado que ele escolhesse o dedo a ser removido.

Ele não conseguia imaginar como seria viver sem um dedo indicador. E se lhe faltasse o dedo médio? Seria literalmente impossível dirigir em Nova York sem ele.

Tommy fechou as portas da van, tentando acordar Brian no processo. O homem não se mexeu nem um pouco.

Ele pensou em abrir a porta e sacudir gentilmente o irmão, mas isso era muito gentil.

Brian não merecia esse tipo de respeito.

Em vez disso, ele ativou o alarme do carro.

Apesar de tudo, ver seu irmão saltar tão alto que sua cabeça bateu no teto e depois olhar em volta como um goleiro nas planícies foi o suficiente para trazer um sorriso aos lábios de Tommy.

Isso desapareceu quando Brian abriu a porta e saiu cambaleando.

"Tommy? Onde estou? Que horas são?"

Tommy não respondeu.

"Entre na van", disse ele categoricamente. "Precisamos ir."

Brian fez uma careta.

"Onde? O que aconteceu com sua mão?"

Tommy olhou para o curativo úmido e colocou o braço atrás das costas.

"Apenas entre na porra da van, Brian. Confie em mim, você não vai querer me irritar hoje."

Brian fez beicinho, mas, em vez de discutir, fez o que lhe foi

pedido.

Depois de confirmar que sua unidade de armazenamento estava firmemente trancada, Tommy entrou na van.

"Sinto muito pela noite passada", disse Brian enquanto se dirigiam para a rua. "Foi... uma bagunça, Tommy. Estou apenas - merda, estou feliz que tudo isso tenha ficado para trás agora."

Tommy suspirou.

Era típico de Brian dizer algo assim.

Tudo atrás de nós... se você soubesse pelo que passei, Brian. Se você soubesse o que está por vir para mim.

"É isso, Brian", disse Tommy, com os olhos fixos na estrada.

"Isso é o quê?" Brian perguntou, com as palavras ainda arrastadas pelos efeitos persistentes das drogas que havia consumido na noite anterior.

As palavras de Carm ecoaram em sua cabeça, só que dessa vez não foi a platitude do homem que ocupou seus pensamentos.

Essa foi a pergunta dele.

Quando é que você vai parar de limpar a bagunça do seu irmão,
Tommy?

"Tommy?"

Tommy balançou a cabeça e evitou a tentação de olhar para o irmão. Ele sabia a expressão que Brian tinha no rosto, aquele olhar de menino, a inocência fingida.

E ele não iria recuar agora.

"Esta é a última vez... a última vez que eu o tiro de uma de suas confusões. Você precisa parar com as drogas, se recompor. Não posso, *não vou* mais fazer isso."

Como sempre, Brian tentou desviar o assunto, mentir.

"Tommy, eu não estava usando drogas, cara - era o Oscar... e ele acabou de morrer."

"E você nunca tocou no corpo? Mexeu em suas coisas? Nas cinco horas em que estive com ele em *Nossa Senhora da Assunção*, *nem sequer* olhou os bolsos do homem?"

"Não, eu não fiz isso! Tommy, eu não fiz!"

Tommy viu o anel de Oscar em sua mente, aquele que Brian havia roubado e depois vendido na loja de penhores.

"Tudo bem, Brian. Tudo bem, como você quiser. Mas esta é a última vez."

Pela primeira vez, Brian ficou de boca fechada, e assim permaneceu pelo resto da viagem.

Mesmo depois de Tommy ter parado em frente à casa de dois andares em Elmhurst, Brian permaneceu calado.

"Espere aqui", disse Tommy ao sair da van. "E quando eu der o sinal, você sai. Saia e peça desculpas."

Brian acenou com a cabeça.

Dessa vez, Tommy bateu na porta como uma pessoa normal em vez de abrir a fechadura.

Em poucos instantes, seus ouvidos captaram o barulho de pés pequenos.

"É o tio Tommy! É o tio Tommy! Mamãe, posso abrir?"

A resposta, embora Tommy não tenha ouvido, deve ter sido sim, porque a porta se abriu e ele foi forçado a se agachar antes de ser atacado por Sophia.

Ela o abraçou com força e depois se afastou.

O sorriso dela era tão contagiante que, pela primeira vez desde que o dedo foi removido, ele se esqueceu completamente da dor.

"É bom ver você também, querida", disse Tommy, dando um beijo na testa da garota.

"Quer entrar para o café da manhã? Mamãe está fazendo panquecas! Ela faz as *melhores* panquecas".

Tommy se levantou e olhou para a cabeça de cabelos castanhos da sobrinha.

Maria estava com a mesma aparência da noite anterior, só que, em vez de uma camisola, ela estava usando um par de jeans e uma blusa preta. Essa roupa era bem menos reveladora, mas, de certa forma, mais atraente.

"Hoje não, querida. Mas talvez em outro dia".

"Tem certeza? Hoje é dia de panquecas de banana!"

Tommy deu uma risadinha e bagunçou os cabelos da garota.

"Mais para você. Por que você não volta para dentro e começa a fazer as panquecas enquanto sua mãe e eu conversamos um pouco?"

"Ok, Tommy."

Sophia voltou correndo para dentro da casa e Maria deu um passo à frente. Seu rosto estava neutro e, antes de dizer qualquer coisa, ela o empurrou para a varanda e fechou a porta parcialmente atrás deles.

"Você está horrível", comentou ela.

"Estou me sentindo pior."

"E sua mão?"

Tommy a colocou atrás das costas novamente.

"Apenas um machucado de trabalho - um ferimento superficial", ele mentiu. Antes que ela pudesse fazer mais perguntas, Tommy continuou: "Você tem que levá-lo de volta, Maria. Você precisa."

O belo rosto da mulher mudou então, passando de neutro para desolado. Ela levantou os olhos e olhou para Brian, que estava sentado no banco da frente da van, com os olhos no assoalho.

"Ele está limpo? Porque eu não vou deixá-lo perto de Sophia se ele não estiver limpo".

A resposta da mulher o surpreendeu. Tommy havia inventado toda

uma narrativa sobre por que seu irmão deveria ter uma última chance, por que ele merecia uma oportunidade de voltar para casa.

Mas isso não parecia ser necessário.

"Ele está trabalhando nisso", Tommy respondeu honestamente. "E acho que desta vez vai dar certo."

Maria olhou para ele.

"Desta vez, acho que ele está falando sério."

"Tem certeza de que não quer entrar para comer panquecas?"

Tommy queria panquecas; o sanduíche de Carm tinha sido bom, mas ele havia trabalhado a noite toda e estava faminto novamente.

Mas ele estava exausto e tinha mais um trabalho a fazer.

"Com certeza. Mas obrigado."

E então, sem aviso, Tommy gesticulou para sua van.

Brian saiu e, com o queixo ainda grudado no peito, subiu lentamente até a casa.

Tommy sabia que sua aparência era péssima, mas, de alguma forma, Brian ainda conseguia parecer pior. Suas roupas estavam todas amassadas por ter dormido no carro, seu cabelo preto curto estava uma bagunça oleosa e ele ainda tinha sono nos olhos.

"Mais uma chance, Tommy", Maria sussurrou antes que Brian estivesse ao alcance dos ouvidos. "Se ele fizer besteira de novo, eu o soltarei. Desta vez, para sempre."

Você e eu, pensou Tommy, mas não disse nada. *Você e eu*.

Capítulo 36

Tommy estava quase voltando para o local onde tudo havia começado, *Our Lady of Assumption*, quando um carro começou a buzinar atrás dele.

A princípio, ele achou que tinha cochilado e entrado na pista contrária, o que seria compreensível devido ao seu cansaço, mas, mesmo depois de endireitar a van, as buzinas persistiram.

"Que diabos você quer?"

Tommy virou o pescoço para trás, mas o para-brisa do carro que o seguia estava tão escurecido que ele não conseguia ver nada lá dentro.

Ele abriu a janela e fez um gesto para que o veículo passasse.

O carro não.

Em vez disso, o motorista buzinou novamente.

Pensando agora que talvez houvesse algo errado com sua van e não querendo correr riscos, considerando o que ele havia transportado na noite anterior, Tommy parou no acostamento.

Para sua surpresa, o carro fez o mesmo, parando apenas alguns metros atrás de sua van.

Preocupado, Tommy sentou-se ao volante e esperou.

Não aconteceu nada.

Tommy não estava disposto a se envolver em uma briga por algum motivo desconhecido no acostamento da estrada, mas suas faculdades estavam esgotadas.

Segurando o cabo do canivete no bolso, ele saiu e foi em direção ao carro. A qualquer momento, ele esperava que um motorista furioso surgisse, que lhe dirigisse obscenidades, que o denegrisse por sua péssima direção.

Mas ele conseguiu chegar até a porta do passageiro sem que houvesse sequer um movimento do lado de dentro.

Tommy bateu na janela com a mão esquerda, o que fez com que a dor subisse até o cotovelo.

"Que porra você quer? Que porra..."

A janela se abriu lentamente e um rosto com uma careta familiar o encarou.

"Acho que você não limpou seu último trabalho tão bem quanto poderia", disse Vinny.

O simples fato de vislumbrar o rosto do homem fez com que um nó se formasse no estômago de Tommy.

Ele segurou a pequena lâmina com mais força.

"Do que você está falando? O que você sabe sobre meu último emprego?" Tommy nem sabia ao certo a que emprego Vinny estava se

referindo. "Você quer dizer Mike..."

Ele percebeu que Vinny não estava sozinho no carro. Uma mulher estava sentada no banco do passageiro, com os olhos verdes fixos nos de Tommy e um sorriso nos lábios.

Era a mulher com o sanduíche, a mesma que o havia visto roubando o dinheiro de Nick Petrazzino.

"Somos parceiros agora, lembra?"

"O quê?" Tommy engoliu em seco e deu um passo para trás. "O que está acontecendo aqui?"

Seu coração estava acelerado no peito, o suor escorria por suas bochechas e sua mão latejava.

"Como seu parceiro, acho que preciso verificar se você limpou tudo logo depois que aquele velho se matou, o que acha, Aurora?"

Aurora, seu nome é Aurora. O nome da mulher estranha é Aurora.

"Não me arraste para isso, Vinny. Só porque meu pai lhe deu metade de uma empresa, que vale menos do que eu guardo rotineiramente em minha carteira, não significa que vou me envolver em seus negócios."

Tommy lambeu os lábios.

Pai? Que merda é essa?

"Não, a cena está limpa", respondeu hesitante. Ele estava cansado demais para isso, confuso demais. Nada daquilo fazia sentido. "É bom, eu me certifiquei de que..."

Vinny fez uma careta.

"Vou verificar, e você vem comigo."

Tommy abriu a boca para responder quando a janela se fechou em seu rosto.

Ele ficou parado na beira da estrada por um bom minuto antes de Vinny tocar a buzina novamente. O som foi tão surpreendente, tão inesperado, que parecia que cada um dos neurônios de Tommy disparou ao mesmo tempo.

Quando Vinny buzinou pela segunda vez, Tommy relutantemente voltou para sua van e entrou.

É isso mesmo. Aurora contou a Vinny o que eu fiz e agora o homem com dentes e braços compridos vai me matar.

E, por algum motivo estranho, essa percepção não incomodou Tommy tanto quanto deveria.

Capítulo 37

Tommy ia estacionar na entrada da garagem novamente, mas uma buzina bem dada por Vinny o dissuadiu.

Em vez disso, ele estacionou a van na rua, e Vinny deu ré na entrada da garagem.

Seu único arrependimento, enquanto olhava para dentro da van, era não poder ver o Padre Miller novamente, para devolver o que era seu por direito.

Minha última boa ação foi salvar a vida de meu irmão, pensou Tommy, sem nenhum sinal de desdém. Finalmente paguei o que devia. Só espero que tudo tenha valido a pena. Rezo para que você fique bem, irmão, para que consiga manter seus demônios afastados.

Quando ficou claro que Vinny não sairia até que Tommy saísse - um jogo de poder mesquinho, se é que isso existe - ele relutantemente saiu da van.

Mas não antes de colocar o canivete de seu pai de volta no porta-luvas.

Ele não precisaria dela agora, ou talvez precisasse, mas não a usaria.

Com os ombros caídos, Tommy caminhou lentamente até o carro de Vinny.

O homem baixou a janela para lhe dar mais instruções.

"Abra a garagem."

Tommy apertou os olhos.

"Mas não havia nada para limpar na garagem. Era o..."

"Abra a garagem, Tommy", repetiu Vinny, parecendo entediado agora.

Tommy olhou para Aurora, mas ela não estava interessada em fazer contato visual ou olhar para qualquer outra coisa.

Tirando do bolso as chaves que Francine McKay havia lhe dado, Tommy foi até a casa e destrancou a garagem. Em seguida, ele a abriu completamente.

Não havia nada lá dentro. Nem uma bicicleta, nem uma mancha de óleo, e definitivamente não havia uma cena de crime para limpar.

Ele estendeu os braços para demonstrar isso, mas Vinny tinha outras ideias. O homem pisou fundo no acelerador, e o carro engatou a marcha à ré.

Tommy foi forçado a pular para um lado para evitar que seus dedos do pé fossem atropelados.

Quando o carro estava totalmente dentro da garagem, Vinny saiu, com a arma e o silenciador na mão.

"A porta que dá acesso à casa está destrancada?"

Tommy balançou a cabeça enquanto caminhava e destrancava a porta.

"Seja rápido", disse ele.

Vinny lhe deu uma olhada.

"Por que diabos você se importa?"

Tommy recuou.

"O que me importa? O que..."

Aurora saiu do carro e Tommy ficou em silêncio. Os dois homens ficaram olhando para ela.

"Você o ouviu, seja rápido", disse ela com um sorriso.

"Vocês dois são estranhos", resmungou Vinny. O homem ajustou a mão em sua arma e Tommy fechou os olhos.

Sinto muito, padre. Sinto muito por meus pecados.

Mas a bala que ele esperava que atravessasse seu cérebro nunca chegou. Houve um barulho, algo que Tommy, em sua ingenuidade, poderia ter pensado que um silenciador poderia fazer, mas não acompanhou a dor.

Quando o som de uma briga começou, Tommy abriu um olho.

A primeira coisa que ele viu foi Aurora: ela estava olhando para ele, ainda sorrindo. A próxima foi Vinny. Ele estava com os cotovelos enfiados no porta-malas do carro, tentando agarrar algo que era evidentemente difícil de manusear.

Tommy abriu o outro olho.

"Cale a boca", sibilou Vinny. "Apenas cale a boca e pare de chutar."

Tommy tentou olhar ao redor dos ombros estreitos de Vinny e para dentro do porta-malas, mas o homem estava bloqueando sua visão.

Vinny se afastou de repente e bateu com o punho no porta-malas.

"Pare... porra... de se contorcer..."

A cada palavra, Vinny desferia um golpe.

O que está acontecendo?

Tommy limpou a garganta e fez sua pergunta em voz alta.

"Que diabos está acontecendo?"

Nem Vinny nem Aurora responderam.

"Fora do porta-malas", instruiu o primeiro. "Fora da porra do porta-malas."

E então, quando Vinny içou um homem amarrado e amordaçado para a garagem e o empurrou em direção à porta, de repente ficou claro para Tommy o que Nick Petrazzino queria com a *Wilde Clean-up*.

E como a empresa incipiente de Tommy poderia ser útil para um dos mafiosos mais poderosos da cidade de Nova York.

Capítulo 38

Vinny empurrou o homem, e ele caiu de joelhos. Ele tentou se levantar, mas com as mãos fortemente amarradas com fita adesiva atrás das costas, não conseguiu.

O mafioso dentuço agarrou seu prisioneiro pelos pulsos e o levantou com força.

Tommy assistiu a essa cena com horror.

"Abra a porta."

O homem do porta-malas se virou para olhar para Tommy. Se ele tivesse que adivinhar, Tommy o colocaria na casa dos quarenta anos, um homem que parecia ser um gerente de nível médio do Walmart. Usando uma camisa de colarinho azul e calça jeans, Tommy não conseguia imaginar o que poderia ter feito para merecer isso.

"A porta, Tommy! Abra a porra da porta!"

Tommy correu em direção à porta. Assim que ele a abriu, Vinny empurrou o homem para dentro. Depois, ele o seguiu e Tommy ficou na retaguarda. Ao entrar na casa, Tommy deu uma olhada por cima do ombro para Aurora.

Ela deu de ombros.

"Tommy!" Vinny gritou.

Tommy deixou a porta se fechar atrás dele e, enquanto isso, dois pensamentos passaram por sua mente: o primeiro era que Vinny havia usado seu nome. O segundo foi que ele já havia limpadado a casa.

Nenhum dos dois importava, é claro, mas por algum motivo, eles o atraíram.

"Vinny, você não..."

Tommy desistiu.

Isso era inevitável, ao que parecia. E, ao protestar, ele só estaria se colocando em perigo.

Vinny estava claramente procurando uma desculpa para matá-lo, e Tommy estava determinado a não fornecer ao homem o material de que ele precisava.

Vinny continuou a empurrar o homem de calça jeans até parar perto da área em que Mike McKay havia cometido suicídio.

Ele só vai assustar o homem. Vinny vai apontar a arma na cara dele, ameaçá-lo e depois fazê-lo prometer que pagará sua dívida.

Sem aviso, Vinny enfiou o pé na parte de trás do joelho do homem. O prisioneiro caiu e, com as mãos amarradas para trás, não conseguiu se segurar. Seu rosto fez um baque doentio ao bater no carpete.

"Deite-se de costas", sibilou Vinny.

Quando o homem se recusou a obedecer, Vinny perguntou

novamente. Dessa vez, o homem raspou o rosto no carpete enquanto movia a cabeça de um lado para o outro e murmurava algo incoerente.

"Tommy, vire-o."

"O quê?"

"Vire-o", repetiu Vinny.

Tommy levantou as mãos.

"Eu não estou..."

Parecendo quase entediado, Vinny apontou a arma para o centro do peito de Tommy.

"Vire-o, parceiro."

Ficou claro que ele estava tentando Tommy - tentando-o a dar a ele um motivo para se vingar.

Tommy estava encurralado e ambos sabiam disso. Com relutância, ele se aproximou do homem de calça jeans e o rolou lentamente.

O homem suplicou com os olhos. Ele implorou, suplicou, implorou, pediu.

Mas não havia nada que Tommy pudesse fazer para salvá-lo.

"Não é o que você..."

Tommy foi interrompido pelo som de um único tiro. Por mais silenciosa que tenha sido, a bala pareceu penetrar não só no cérebro do homem de calça jeans, mas também no de Tommy.

O jato de sangue que jorrou da testa do homem atingiu Tommy diretamente no rosto e no peito. Horrorizado, ele caiu de bunda no chão e se afastou do corpo.

Ele queria olhar para Vinny, queria ver a expressão do homem, para gravá-la em sua memória, mas não conseguia tirar os olhos do buraco de bala fumegante.

É para isso que eles precisam de mim - é por isso que eles querem a Wilde Clean-up... é um lugar seguro para se livrar de corpos. E eu sou o melhor em fazê-los desaparecer.

Tommy virou a cabeça para o lado e vomitou.

Ele pensou que o sanduíche de Carm apareceria, junto com a cerveja, mas, evidentemente, ambos já haviam sido digeridos.

A única coisa que ele conseguiu produzir foi um coaxar horrível.

Nenhum policial viria a uma cena de crime que já havia sido limpa à procura de corpos, de provas. Era uma perda de tempo.

Também era o local perfeito para a máfia executar seus golpes.

"Limpe a bagunça, Tommy."

Tommy ouviu as palavras de Vinny, mas não reagiu a elas. Mesmo quando Vinny o deixou sozinho na sala, os olhos de Tommy permaneceram fixos no buraco fumegante e vermelho na testa do homem.

Um momento atrás, o homem de calça jeans estava vivo. Ele estava

balançando a cabeça, chorando, implorando por sua vida.

Mas ele estava vivo.

E agora ele estava morto.

Claramente, Tommy não era estranho à morte, dada sua profissão e o que havia acontecido com Oscar no início daquela noite.

Mas, em todos os casos, a pessoa já estava morta *antes de* Tommy entrar em cena.

E essa não era uma distinção trivial.

Ele não tinha ideia de quanto tempo ficou sentado na sala de estar de Mike McKay. Poderiam ter sido minutos, ou até horas, e poderia ter se estendido indefinidamente se alguém não tivesse quebrado o transe.

"Tommy", disse uma voz feminina.

Tommy levantou os olhos e ficou surpreso ao ver a mulher do *Taglia's* olhando para ele.

"Eu vi você", disse ela com naturalidade.

Tommy não respondeu.

Na verdade, não havia nada que ele pudesse dizer.

"Meu nome é Aurora, caso você não tenha percebido antes", continuou ela, "Aurora Petrazzino".

Só porque meu pai lhe deu metade da empresa...

Choque - que estado de ser interessante. Os diretores de filmes de terror sabem que acumular muitos sustos ou cenas sangrentas seguidas entorpece o público. Naquele momento, Tommy tinha certeza de que nada - absolutamente nada, a não ser que o próprio Jesus descesse e o levasse embora - poderia chocá-lo.

Tommy também não achava que poderia estar errado novamente. Mas ele estava.

Essa mulher, a mesma que o havia visto roubar cem mil dólares do *Taglia's*, não era outra senão a filha de Nick Petrazzino.

"Você provavelmente deveria fazer o que Vinny diz", sugeriu Aurora. "Pelo menos por enquanto."

E com isso, a mulher deixou Tommy sozinho com o homem morto. Ele levou um bom minuto para se recompor e então Tommy fez o que fazia de melhor: limpar a bagunça dos outros.

Capítulo 39

Tommy levou cerca de três horas para tirar o sangue e o cérebro do carpete. Mas essa foi a parte fácil: a parte difícil foi se livrar do corpo.

Operando apenas com vapores agora, Tommy voltou para sua van em busca de alguns suprimentos.

Infelizmente, ele já havia abandonado o tambor azul.

Tommy optou por uma dúzia de sacos de lixo para serviços pesados. Projetados para conter litros de líquido e não vazarem mesmo se perfurados, esses sacos não eram do tipo que se pode comprar na loja de ferragens local.

No entanto, Tommy ainda não tinha certeza de que isso seria suficiente.

Agindo como se tudo isso fosse apenas parte de seu trabalho normal, caso os vizinhos intrometidos estivessem observando, Tommy passou apressadamente pela garagem e voltou para dentro de casa.

Toda vez que se aproximava do cadáver, ele se engasgava. Tommy já havia coberto o corpo com uma folha de plástico e depois com um cobertor pesado, mas sua repulsa não podia ser disfarçada.

Olhando apenas quando absolutamente necessário, Tommy enfiou a parte inferior do homem de chino em um saco de lixo. Era um ajuste quase perfeito.

Tommy dobrou a bolsa e a prendeu no lugar com fita adesiva.

A ironia de amarrar esse homem na morte como ele havia sido em vida não passou despercebida por Tommy.

Tampouco o fato de que, mais uma vez, ele foi feito cúmplice e cúmplice de um assassinato.

Mas o estrago já havia sido feito e agora era hora da limpeza.

Em seguida, Tommy cobriu a metade superior do corpo do homem, dessa vez optando por três em vez de duas bolsas.

Depois de colocá-los firmemente no lugar, ele acrescentou mais um saco em cada metade do cadáver, só para garantir.

Como diz o velho ditado? Meça duas vezes, corte uma vez?

Isso não se aplica nem mesmo aqui.

No entanto, isso se aplicava ao Oscar.

Tommy ficou sem fôlego.

Embora estivesse muito cansado, ele ainda conseguiu arrastar o peso morto pela sala da família até a garagem.

Foi ao tentar levantar o corpo para a parte de trás da van que algo em sua mão se rasgou. A dor foi apenas um pouco maior do que a que ele estava acostumado, mas a bandagem em seu dedo cortado ficou imediatamente encharcada de sangue.

Praguejando, Tommy pegou seu kit de primeiros socorros e, em seguida, tentou tirar o curativo sujo.

Inspirando o ar com os dentes, ele inspecionou o ferimento pela segunda vez.

Por melhor que Vinny tenha feito o trabalho de cauterizar a ferida, o uso constante das mãos de Tommy fez com que ela se abrisse novamente.

Ao esfregar gaze nova para tentar absorver o líquido escuro, Tommy percebeu rapidamente que essa era uma batalha perdida. Mudando de tática, ele colocou várias compressas absorventes contra a pele e, em seguida, envolveu toda a mão com fita cirúrgica.

Tommy se encostou na van, tentando recuperar o fôlego.

Assim como estancar o fluxo de sangue de sua mão, isso também se mostrou impossível.

Não pare, ele se repreendeu. *Se você parar, nunca vai terminar.*

Com muito esforço, Tommy se afastou da van com o pé e terminou de carregar o chino man para dentro.

Ele empurrou o cadáver até a frente e depois o cobriu com a maior parte dos suprimentos restantes.

Parecia estranho e incomum, mas pelo menos ocultava o contorno de um corpo.

Tommy voltou para dentro da casa para se certificar de que não havia deixado nada para trás e fechou a porta.

Ele sabia que deveria ir até seu depósito e se livrar do corpo, provavelmente da mesma forma que havia se livrado de Oscar Buglioni, mas tinha outra coisa para fazer primeiro.

E Tommy não queria correr o risco de que Vinny o interceptasse novamente.

Os homens de Oscar não estavam mais do lado de fora do *Our Lady of Assumption*, o que não era surpreendente. Traficantes de drogas e viciados eram como vampiros: ambos ficavam longe da luz do dia.

Ele olhou para a bagunça vermelha que cobria o dedo que faltava.

Evidentemente, ambos também ansiavam por sangue. Não havia necessidade de rastejar por uma janela agora; a porta da frente estava destrancada.

Tommy meio que esperava que um raio do céu o derrubasse por seus pecados ao passar pela soleira da porta, mas nada tão dramático aconteceu.

Ele percorreu todo o caminho até o ginásio antes de perceber ou ser percebido por alguém.

Havia um homem de vestes negras olhando para a cruz agora vazia, e Tommy limpou a garganta para anunciar sua presença.

O Padre Miller se virou, com um sorriso no rosto. No entanto, quando viu Tommy, sua expressão ficou imediatamente séria.

"Tommy, você está bem?"

Tommy apenas olhava para o rosto delineado do homem, fazendo o possível para conter as lágrimas. Havia algo na mão do Padre Miller, um pedaço de papel, que ele prontamente amassou em uma bola.

"Tommy?"

Ainda incapaz de falar, Tommy balançou a cabeça.

O Padre Miller foi até ele, envolvendo seus braços com o manto firmemente em torno de seus ombros. Tommy abaixou a cabeça no peito do padre e começou a chorar.

O Padre Miller o segurou até que ele finalmente conseguisse recuperar o fôlego.

"Venha ao meu escritório, Tommy."

Tommy se afastou do homem e novamente balançou a cabeça.

"Não, não em seu escritório."

O Padre Miller olhou para ele com curiosidade enquanto Tommy enxugava as lágrimas dos olhos e das bochechas encharcadas.

"Confissão - Pai, preciso confessar meus pecados".

Epílogo

Dia atual

Tommy saiu da cabine de confissão e esperou que o Padre Miller se juntasse a ele no ginásio.

Depois de um minuto, o homem de túnica apareceu ao seu lado e, juntos, olharam para a cruz nua.

Por fim, o Padre Miller respirou fundo e falou.

"Sabe, Tommy, você pode me contar qualquer coisa. Fora da confissão, dentro dela, em qualquer lugar e em qualquer coisa."

Essas palavras foram reconfortantes, mas desnecessárias; Tommy conhecia o homem há mais de duas décadas.

O padre Miller já sabia da maioria de seus segredos.

"Eu sei."

Tommy ficou olhando para a cruz por tanto tempo que poderia ter adormecido por alguns minutos.

"Tommy, você deve saber que..."

Um pensamento lhe ocorreu de repente, e ele interrompeu o padre no meio da frase.

"Pai, pode me dar um segundo? Tenho algo para o senhor."

O Padre Miller sorriu, o que fez com que os pés de galinha nos cantos de seus olhos se enrugassem.

"Com certeza, Tommy. Estarei aqui pelo tempo que você precisar."

Tommy correu para sua van e abriu as portas traseiras. Fazendo o possível para não olhar para a pilha de suprimentos escondida no canto traseiro, ele agarrou o Jesus de plástico pelos tornozelos e o arrastou cuidadosamente até a metade do caminho. Em seguida, ajustou a pegada e ergueu a estátua pelas axilas.

Estava muito mais leve agora que o cadáver de Oscar Buglioni não estava mais lá dentro. Ainda assim, era incômodo carregá-la, e Tommy achou mais fácil virá-la nas costas enquanto entrava na igreja e descia as escadas para o ginásio.

Quando o Padre Miller viu Jesus, agora sem rachaduras ou fendas, ele não pareceu surpreso.

O homem apenas sorriu.

Tommy passou pelo padre e subiu no altar. Ele precisou de várias tentativas, mas conseguiu prender Jesus na cruz. E então, como se nada disso tivesse acontecido, como se o suor em sua testa não tivesse se materializado e seu coração não estivesse batendo no peito, Tommy voltou para o Padre Miller.

"Pai, roubar é sempre aceitável? O senhor acha que, em situações específicas, alguns pecados podem ser aceitáveis?"

O Padre Miller olhou para Tommy e, em seguida, seus olhos voltaram para o Jesus de plástico. Ambos o inspecionaram por um tempo, e Tommy ficou maravilhado com o bom trabalho que havia feito ao consertar o Senhor. Ele parecia ainda melhor do que antes de ter servido de alojamento para um cadáver.

"Meu filho, acho que todos os pecados são aceitáveis", disse o Padre Miller inesperadamente. "Desde que você se arrependa, Tommy, você será perdoado. Desde que você se arrependa, todos os pecados serão perdoados."

Tommy deu ré em sua van até o depósito e a estacionou com tanta violência que ela balançou nos eixos.

Ele sabia que deveria ser cuidadoso agora, que isso não era como mudar as coisas de lugar no meio da noite. É claro que os armários de armazenamento não costumavam ser um lugar muito movimentado, mas ainda assim havia pessoas por aí.

Pessoas intrometidas, olhos espiões.

Mas ele estava cansado demais para se importar com isso. Tommy abriu seu armário e depois a parte de trás de sua van de trabalho. Ele entrou na última, jogou os suprimentos no cadáver e pegou a metade inferior dos sacos de lixo.

Era difícil arrastar o chino man com apenas uma das mãos, mas Tommy se esforçou ao máximo.

O cadáver caiu da van e bateu no chão com um baque horrível.

A coisa racional a fazer seria colocar o corpo em um barril agora, mas mesmo quando ele o puxou pelo concreto, Tommy já podia sentir que ele estava começando a endurecer.

E ele não conseguia imaginar serrar, empurrar ou quebrar qualquer outra coisa esta noite.

Ao contrário do que acontecia em sua van, não havia falta de suprimentos no armário. Tommy colocou o cadáver no canto e depois empilhou pedaços de carpete em cima dele. Como se isso não fosse suficiente, ele apoiou uma grande seção de gesso contra a parede, disfarçando ainda mais o corpo.

Satisfeito com o fato de que, mesmo que alguém conseguisse destrancar seu depósito - o que era quase impossível; nenhum ímã terrestre funcionaria aqui -, eles veriam o que se esperava de um homem que dirigia uma empresa responsável pela limpeza de cenas de crimes.

Se eles estivessem dispostos a fazer uma busca minuciosa para encontrar o corpo, provavelmente já teriam motivos para procurá-lo.

Tommy decidiu não se preocupar com coisas que não podia controlar.

Ele tinha feito tudo o que podia para não ser pego. Se o Padre Miller estivesse certo, então ele já deveria ter sido perdoado por seus pecados.

Caso contrário, que sua alma arda no inferno. Pelo menos assim, talvez sua mão parasse de doer.

Trocando a van pelo carro, ele estava no modo totalmente automático enquanto dirigia de volta para sua casa.

Tommy não se lembrava de nada do trajeto até sua casa, e a única razão pela qual ele se lembrava de ter saído do carro era porque achava que seu irmão devia estar muito chapado para cair no sono em assentos tão desconfortáveis.

Mesmo em seu estado, ele duvidava que conseguiria fazer isso.

Tommy destrancou a porta da frente de sua casa e entrou, com o olhar fixo no sofá em que pretendia passar pelo menos as próximas doze horas ou mais.

Afinal de contas, tinha sido uma noite muito louca.

"Vá se foder, Brian", ele sussurrou. "Foda-se você..."

Suas palavras foram interrompidas quando alguém correu para ele por trás.

Tommy Wilde nem sequer teve a chance de encarar o agressor antes que um saco escuro fosse jogado sobre sua cabeça e um cordão fosse puxado em volta de sua garganta.

FIM

Nota do autor

Já faz mais de dois anos que não começo uma nova série e estou superanimado com Tommy Wilde e suas aventuras. É um dia triste quando uma porta precisa se fechar (adeus, Dr. Beckett Campbell) para que outra se abra, mas a vida é assim mesmo. Janelas, portas, escotilhas e portais. Eles estão por toda parte, pessoal. A boa notícia é que você pode adquirir os próximos dois livros da série, *Two Wilde Weeks* e *Three Wilde Months*, agora mesmo. O quarto livro, *Four Wilde Families*, será lançado em breve. Tenho grandes planos para nosso amigo em comum Tommy e sua empresa *Wilde Clean-up*. Eu gostaria de chegar a *Ten Wilde Millennia*, ou mais, mas o poder está em suas mãos. Dê seu voto avaliando *One Wilde Night* e contando a um ou dois amigos sobre ele.

Agradecimentos especiais a Jacob 'Biggie Clean' Suarez, cujas dicas e truques para a limpeza de cenas de crime ajudaram a moldar Tommy Wilde. Recomendo fortemente que você o siga em todas as plataformas de mídia social.

Se quiser ficar em contato, inclusive para se manter informado sobre quando o *Two Wilde Weeks* for oficialmente lançado, há algumas maneiras de fazer isso: 1) Siga-me na Amazon. 2) Siga-me no Bookbub. 3) Cadastre-se em meu boletim informativo em PTLBooks.com.

A melhor maneira, no entanto, é participar do meu grupo no Facebook. Lá você pode se conectar com outras pessoas que pensam da mesma forma e gritar comigo para que eu escreva mais rápido (estou brincando, adoro vocês *#thrilllogans*). Você pode nos encontrar em: <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>. Continue lendo, e eu continuarei escrevendo.

Melhor,

Pat

Montreal, fevereiro de 2020

P.S. Continue lendo para dar uma olhada em TWO WILDE WEEKS...

Duas Semanas Wilde

Prólogo

"Perdoe-me, pai, pois eu pequei". Tommy Wilde suspirou. "Já se passaram duas semanas desde minha última confissão."

"Bem-vindo, Tommy. Que Deus tenha misericórdia de você e de sua confissão", respondeu o Padre Miller, com a voz calma e uniforme.

Tommy abriu a boca para falar, mas fechou-a novamente antes que qualquer palavra saísse.

Não era que ele estivesse preocupado em admitir o que havia feito ao Padre Miller - não apenas o homem estava obrigado a manter sigilo, mas eles se conheciam há décadas -, mas era algo completamente diferente.

Algo mais pessoal.

"Não tenha pressa, meu filho. E lembre-se, a única maneira de buscar o perdão por seus pecados é expressá-los a nosso Senhor."

Admitir o que ele havia feito, de alguma forma, tornava o fato mais real, mais tangível. Tommy sabia que esse era um conceito ridículo - as consequências de suas ações existiam, quer fossem ditas ou não -, mas isso não acalmava a voz dentro dele.

Aquela que sugeria que seria melhor esquecer, bloquear todas as coisas que lhe causavam dor e sofrimento.

Mas isso também não era uma opção; Tommy buscava - não, ele *ansiava* - por uma solução.

Duas semanas atrás, ele era apenas um homem comum tentando construir seu negócio, tentando descobrir como pagar as contas.

Agora, seu foco passou a ser apenas permanecer vivo.

"Não posso... Pai, não posso acreditar no que fiz", disse Tommy por fim. "Não posso acreditar no que me tornei."

"Tommy, nossas escolhas não nos definem. Elas são apenas um instante de um momento no tempo, não um encapsulamento de todo o nosso ser."

Tommy refletiu sobre as palavras do padre por alguns instantes antes de responder.

Mas e se tudo o que você fez nas últimas duas semanas for repreensível? Condenável? Em que ponto você deixa de ser quem costumava ser e passa a ser quem é agora?

Tommy olhou para a cicatriz rosa no local onde ficava seu dedo mindinho.

Eu não queria nada disso... a culpa não foi minha.

Ele colocou a mão no bolso e sentiu o maço de notas dentro dele.

Mas talvez eu mereça isso. Talvez eu esteja sendo punido.

"Tommy, lembre-se de que esta igreja, a casa de nosso Senhor, é um lugar sagrado..."

Tommy retirou o dinheiro e o segurou na palma da mão.

"Da última vez", ele começou, interrompendo o padre Miller, "da última vez o senhor disse que todos os pecados podem ser perdoados".

A resposta do padre foi imediata.

"Todo pecado é perdoável, Tommy. Aos olhos do Senhor, tudo o que você precisa fazer é pedir perdão. Você precisa admitir tudo o que fez e precisa se arrepender. Então, Ele terá misericórdia de sua alma."

Pensando profundamente, Tommy folheou o maço de notas, que ele sabia ser de exatamente dez mil dólares.

Tanto ele quanto seu irmão vinham à *Our Lady of Assumption* desde crianças, pois não tinham para onde ir para evitar a violência e o abuso em casa. E, desde aquela época, Tommy sabia que a igreja estava carente de dinheiro. As doações locais não chegavam a tanto, especialmente naquela vizinhança, e nem mesmo o Holy Place estava imune às pressões da vida real.

Era apenas uma questão de tempo até que uma incorporadora chegasse e abocanhasse a igreja. Claro, eles fariam todas as reivindicações e promessas apropriadas - uma igreja maior e melhor em outro lugar da cidade - mas não seria a mesma coisa.

Uma nova placa, um novo prédio, um novo padre?

Esse era o único lugar em que Tommy podia vir para ter paz, o que ele precisava muito, considerando o quanto as coisas tinham dado *errado* nas últimas duas semanas.

E ele só viria aqui, a este local, para falar com o Padre Miller.

Nada mais seria suficiente - nada mais *funcionaria*.

Tommy lambeu os lábios e limpou a garganta.

"Tudo? Eu tenho que admitir tudo?"

"Sim, Tommy. Tudo é perdoável, desde que você admita o que fez."

Tommy respirou fundo e fechou os olhos.

"Pai, eu cometi o pecado supremo. Cometi um assassinato".

PARTE I

As histórias dos mortos

Capítulo 1

Duas semanas atrás

Tommy empurrou com os dois pés, tentando derrubar seu agressor para trás, para que ambos caíssem no chão. Mas quem quer que tivesse colocado o saco sobre sua cabeça era grosso e musculoso. Em vez de cair, Tommy foi erguido no ar.

A pessoa que o agarrou no abraço de urso prendeu seus braços ao lado do corpo, de modo que Tommy tentou jogar a cabeça para trás, mas tudo o que atingiu foi o ar.

Seu agressor era mais baixo do que ele, mas, além disso, Tommy não tinha nenhuma informação para continuar.

Tudo o que ele sabia era que estava em uma grande encrenca.

Novamente.

"Deixe-me ir!", ele gritou. "Deixe-me ir!"

O som era quase ensurdecedor dentro do capuz grosso.

Recuando em um ritmo alarmante, Tommy percebeu que agora estava do lado de fora.

Ele gritou novamente, desta vez pedindo ajuda, mas algo - uma mão, talvez - foi colocado em sua boca. Tommy tentou mordê-la, mas tudo o que conseguiu foi uma boca cheia de um saco de mau gosto.

Ele engasgou e balançou a cabeça de um lado para o outro na tentativa de desobstruir as vias aéreas e respirar novamente.

Há dois deles, sua mente frágil lhe disse. Um segurando-o no ar e outro cobrindo sua boca.

No momento em que ele chegou a essa conclusão, a mão que estava em seu rosto se afastou de repente e o abraço de urso se soltou.

Tommy só teve tempo de respirar fundo antes de sentir suas mãos serem puxadas para trás e amarradas com o que ele suspeitava ser um laço de zíper. Pensando que essa poderia ser sua única chance de escapar, ele chutou os calcanhares para trás e finalmente fez contato com algo duro.

Ele ouviu o grunhido de um homem e, pela primeira vez desde que foi agarrado, os dedos de seus sapatos tocaram a calçada.

Mas Tommy não teve a chance de correr às cegas pela entrada da garagem. Algo sólido o atingiu no estômago, e ele imediatamente se dobrou, mais uma vez lutando para respirar.

Com o diafragma paralisado, Tommy tinha certeza de que era o

fim, que ele iria morrer.

Que alguém iria assassiná-lo aqui mesmo, na sua entrada, e ele nunca saberia quem.

Tommy choramingou quando sua estrutura dobrada foi endireitada e ele foi levantado pelos ombros e tornozelos.

Ele ouviu a porta de um carro se abrir e foi jogado no que ele supôs ser o banco de trás.

Um carro funerário... eles me colocaram em um carro funerário, pensou ele. Vão me levar para um cemitério e me obrigar a cavar meu próprio túmulo.

Quando os pneus guincharam e o veículo engatou a marcha à ré, Tommy finalmente conseguiu respirar novamente.

E foi a sensação mais incrível que ele já havia experimentado. O oxigênio inundou seu sistema, fazendo com que as pontas de seus dedos formigassem... ou talvez fossem apenas alfinetes e agulhas por causa do zíper apertado demais.

De qualquer forma, depois de quatro grandes respirações, Tommy finalmente se recuperou o suficiente para falar novamente. E deitado no banco de trás significava que havia pouca chance de uma mão abafar suas palavras agora.

"Me solte, porra!"

Como não houve resposta, Tommy decidiu adotar uma abordagem diferente.

Afinal, o que importava o que ele dizia?

As palavras de um homem morto sempre caem em ouvidos surdos.

"Você sabe quem eu sou? Você ao menos sabe quem eu sou, porra?"

Quando seus gritos foram novamente recebidos com silêncio, Tommy começou a chutar violentamente.

"Vocês, seus filhos da puta, sabem quem eu sou?"

Isso provou ser um erro. Ele sentiu a pressão no banco de trás mudar e retesou as entranhas, esperando que outro golpe viesse.

Em vez disso, mãos ásperas agarraram seus tornozelos. Tommy tentou instintivamente se soltar, mas quem o estava segurando evidentemente tinha experiência em dominar prisioneiros.

Em segundos, seus tornozelos, assim como seus pulsos, foram amarrados por um zíper.

"O que você quer?" Tommy exigiu, mudando sua tática mais uma vez. "O que você quer de mim?"

Ele ainda não tinha ideia de quem o havia levado ou por quê. Se não estivesse tão exausto, Tommy poderia ter feito uma lista de pessoas que poderiam querer machucá-lo - começando por Nick Petrazzino e sua equipe -, mas tudo o que ele conseguia pensar, inexplicavelmente, era em Dustin.

"Sinto muito", ele resmungou baixinho, sem saber se seus captores

poderiam ouvi-lo através do capuz grosso. "Eu sinto muito, está bem?"

Percebendo que quem o havia levado devia ser um profissional, Tommy decidiu poupar o fôlego. Em vez disso, ele se concentrou no carro, nas curvas que o motorista estava fazendo, para o caso de ele sobreviver o suficiente para achar essa informação útil. Mas Tommy rapidamente desistiu disso também.

Deitado de lado, ele nem sabia ao certo para que lado ficava a esquerda ou a direita e, com apenas o som de sua respiração dentro do capô, Tommy perdeu rapidamente a noção do tempo. Ele chegou a pensar que havia desmaiado por alguns minutos quando o carro parou de repente.

"Onde estou?", perguntou ele, com uma voz mais desesperada do que furiosa.

Sem resposta.

Quando a porta a seus pés foi aberta, Tommy tentou se empurrar na direção oposta, mas acabou batendo o topo da cabeça contra a outra porta.

Mãos grossas o puxaram para fora do carro e ele se viu novamente em um abraço de urso, só que dessa vez Tommy não tinha mais forças para lutar.

Ele foi carregado por cerca de dez passos e depois abaixado no chão. Mesmo quando os braços que o envolviam se soltaram, Tommy sabia que não deveria tentar correr.

"Onde estou?", perguntou ele, com as palavras cheias de medo.

Além do som de sua própria voz, ele ouviu algo mais agora, algo que parecia água em movimento.

Tommy sentiu o capô se apertar quando alguém agarrou a parte de trás dele e, em seguida, ele foi arrancado.

"Foda-se!", ele gritou enquanto olhava para um rio furioso lá embaixo. "*Fuuuuuuuuck!*"

Para continuar lendo, pegue seu exemplar de **TWO WILDE WEEKS**
agora mesmo!

Outros livros de Patrick Logan

Detetive Damien Drake

Butterfly Kisses (com participação de Chase Adams e Dr. Beckett Campbell)

Cause of Death (com participação de Chase Adams e Dr. Beckett Campbell)

Baixar Murder (feat. Chase Adams, Dr. Beckett Campbell)

Skeleton King (com a participação do Dr. Beckett Campbell)

Human Traffic (com a participação do Dr. Beckett Campbell)

Senhor das Drogas: Parte I

Senhor das Drogas: Parte II

Luta premiada

Quase Infame

Homem de palha

Empresa perigosa

Rosto feliz

Thrillers do FBI de Chase Adams

Frozen Stiff

Suspeito das sombras

Desenho de um morto

Alerta Amber

A história de Georgina

Dirty Money (com a participação de Dr. Beckett Campbell)

Cova do Diabo

Mulheres pintadas

Efeitos adversos

Já morto

Evidência direta

Sangue contaminado

Dr. Beckett Campbell, médico legista

Bitter End

Doador de órgãos

Injetando fé

Precisão cirúrgica

Não ressuscitar

Extraíndo o mal

Residência do Mal

Thrillers de Tommy Wilde

Uma noite selvagem

Duas Semanas Wilde

Três meses de Wilde

Quatro famílias Wilde

Thrillers de Veronica Shade

A cor do assassinato

O cheiro do assassinato

O som do assassinato

O Toque do Assassinato

O sabor do assassinato

Não se esqueça de dar uma passada no meu grupo do Facebook e dizer oi! <https://www.facebook.com/groups/LogansInsatiableReaders/>

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes deste livro são totalmente imaginários ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com lugares, eventos ou localidades é inteiramente coincidência.

Direitos autorais © Patrick Logan 2023

Design de interiores: © Patrick Logan 2023

Todos os direitos reservados.

Este livro, ou partes dele, não pode ser reproduzido, digitalizado ou disseminado em qualquer formato impresso ou eletrônico.

Primeira edição: Dezembro de 2023